



ISABELA BARBOSA FREDERICO

**NATUREZA, HISTÓRIA E ESPIRITUALIDADE: PELAS TRILHAS DO SANTUÁRIO
DO CARAÇA/MG**

CAMPINAS

2013



NÚMERO: 203/2013

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS**

ISABELA BARBOSA FREDERICO

**“NATUREZA, HISTÓRIA E ESPIRITUALIDADE: PELAS TRILHAS DO SANTUÁRIO
DO CARAÇA/MG”**

ORIENTADORA: PROFA. DRA. HELOÍSA TURINI BRUHNS

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA AO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DA UNICAMP PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRA EM GEOGRAFIA NA
ÁREA DE ANÁLISE AMBIENTAL E DINÂMICA TERRITORIAL**

**ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA
DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA ISABELA BARBOSA
FREDERICO E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. HELOÍSA TURINI
BRUHNS.**

CAMPINAS

2013

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Geociências
Cássia Raquel da Silva - CRB 8/5752

F872n Frederico, Isabela Barbosa, 1988-
Natureza, história e espiritualidade : pelas trilhas do Santuário do Caraça (MG)
/ Isabela Barbosa Frederico. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Heloísa Turini Bruhns.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Geociências.

1. Ecoturismo. 2. Colégio do Caraça. 3. Espiritualidade. 4. Educação
ambiental. I. Bruhns, Heloísa Turini. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Geociências. III. Título.

Título em outro idioma: Nature, history and spirituality : the trails of Caraça's Sanctuary (MG)

Palavras-chave em inglês:

Ecotourism

Caraça's School

Spirituality

Environmental education

Área de concentração: Análise Ambiental e Dinâmica Territorial

Titulação: Mestra em Geografia

Banca examinadora:

Heloísa Turini Bruhns [Orientador]

Maria Teresa Duarte Paes

Zysman Neiman

Data de defesa: 23-08-2013

Programa de Pós-Graduação: Geografia



UNICAMP

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE ANÁLISE AMBIENTAL E DINÂMICA TERRITORIAL**

AUTORA: Isabela Barbosa Frederico

“Natureza, história e espiritualidade: pelas trilhas do Santuário do Caraça (MG)”

ORIENTADORA: Profa. Dra. Heloisa Turini Bruhns

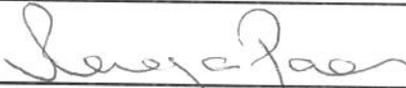
Aprovada em: 23 / 08 / 2013

EXAMINADORES:

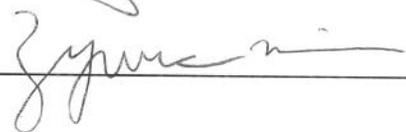
Profa. Dra. Heloisa Turini Bruhns


_____ - Presidente

Profa. Dra. Maria Tereza Duarte Paes



Prof. Dr. Zysman Neiman



Campinas, 23 de agosto de 2013.

À Deus, que me presenteou a vida.
À minha família, pois sem raízes jamais teria forças para alcançar os meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

À Professora Dra. Heloísa Turini Bruhns, minha orientadora. Pelos momentos de aprendizado, reflexão e amadurecimento. Muito obrigada pela confiança, pela oportunidade concedida, e por provocar em mim novos questionamentos me fazendo evoluir. Serei eternamente grata por todas as vivências!

Aos meus pais, minha base, meu encanto e recanto. Com vocês me sinto forte para lutar por todos os meus sonhos e objetivos. Obrigada pelos preciosos momentos de carinho e de atenção. Vocês são a razão e o coração do meu viver! Mãe, sua dedicação e o seu amor foram fundamentais nessa vitória. Pai, suas palavras e o seu exemplo me incentivam diariamente. Foi mágico dividir experiências no Caraça com você!

Ao meu irmão, cúmplice de uma relação intensa de afeto e carinho. Você é meu exemplo de garra e força, Rapha.

Ao meu amigo, companheiro e namorado. Vi, é com essa tríade que você foi marcante neste processo. Obrigada por sempre ser minha calma em todas as etapas. Desde os momentos de Caraça até o sonho do México.

Ao Professor Dr. Zysman Neiman, por ter me apresentado o mundo do ecoturismo e principalmente por sempre me acompanhar nas trilhas do meu desenvolvimento intelectual e sensível deste tema. Igualmente, pelas contribuições no momento da qualificação e da defesa.

À Professora Dra. Maria Teresa Duarte Paes, pela sabedoria e calma oferecida durante a qualificação e a defesa. Foram muito importantes para o processo de construção deste trabalho.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela bolsa de mestrado concedida.

À Universidade Estadual de Campinas, por ter me recebido tão bem e oferecido toda a infraestrutura necessária para a realização deste trabalho e principalmente pela possibilidade de vivenciar a ciência para além das fronteiras, através do intercâmbio para o México.

Agradeço ao CORI/UNICAMP por ter intermediado este momento e ao Instituto Politécnico Nacional/México pela oportunidade e pela recepção durante o intercâmbio.

Ao México e a todo o seu povo e suas paisagens. Foi a realização de um sonho ter sido vizinha de Frida Kahlo. *Gracias Coyoacán!*

Aos professores com quem tive o prazer de cursar disciplinas ao longo do mestrado. Todas elas plantaram sementes para as reflexões aqui empreendidas. Em especial ao Prof. Dr. Sandro Tonso que me colocou em contato com o pesquisador mexicano Enrique Leff, possibilitando a minha participação como aluna especial em sua disciplina.

Ao Professor Dr. Enrique Leff, pelas inspiradoras falas durante suas aulas de Ecologia Política, na Universidade Nacional Autônoma do México.

Às professoras Alissandra Nazareth e Andrea Rabinovici, por terem sido tão envolvidas e participativas com o meu processo de formação durante a graduação. Certamente as bases construídas aí foram importantes neste processo.

À Secretaria de Pós Graduação do Instituto de Geociências. Em especial a Val, que foi meu anjo da Unicamp, desde quando eu ainda era aluna especial. Obrigada pelo seu trabalho e pela sua atenção!

À RPPN Santuário do Caraça, em especial à Aline, ao Padre Lauro e ao João Júlio, por terem me recebido para a pesquisa de campo e compartilhado os seus conhecimentos. A todos os meus entrevistados, que me dedicaram tempo e atenção. Vocês são parte fundamental deste trabalho. Os momentos de conversa foram para mim intensos espaços de aprendizado.

À família Rizzanti Pereira, pelo carinho e pela atenção dedicada ao me receber em sua casa quando eu era aluna especial e buscava por este mestrado.

Aos meus avós e familiares pelo incentivo e força. Em especial à minha Vó Dayse e prima Juliana.

Aos amigos de longa data (Poliana, Renata, Carol, Karen, Delfina) por sempre brindarem uma conversa gostosa. E aos da pós-graduação (Mariana, Marco Aurélio, Bel, Danilo, Thiara, Patrícia, Ednah, Ileana) por terem caminhado junto comigo nesta jornada.

Por fim, gostaria de agradecer a todas as pessoas que passaram pelo meu caminho neste período, sejam fisicamente ou em ideias e crenças. Aos santos por me guiarem, às estrelas por me inspirarem, à corrida por me desafiar e ao lobo por ter me conduzido a novos “encontros”.

(...)

Não tenho filosofias: tenho sentidos ...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe o que ama, nem o que é amar ...
Amar é a eterna inocência,
E a única inocência é não pensar ...

Fernando Pessoa



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

NATUREZA, HISTÓRIA E ESPIRITUALIDADE: PELAS TRILHAS DO SANTUÁRIO
DO CARAÇA/MG

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Isabela Barbosa Frederico

Ao longo dos embates sobre a problemática ambiental é convergente a ideia de que é preciso resgatar a relação de pertencimento entre o ser humano e a natureza, através do despertar de sensibilidades e conhecimentos. O ecoturismo, através da interação entre o homem e o espaço, pode contribuir para a formação de significações e valorações do espaço natural. Para tanto, a presente pesquisa objetiva explorar as vivências que se estabelecem durante a prática, como forma de contribuir para o entendimento das potencialidades do contato experiencial. A informação derivada da experiência é considerada importante para os fins de planejamento da atividade em questão. A área de estudo contemplada será a RPPN “Santuário do Caraça” em Minas Gerais. A pesquisa de caráter qualitativo utiliza como instrumentos a observação participante e as entrevistas semi-estruturadas com os atores envolvidos durante a atividade na unidade. Os resultados evidenciaram uma constante relação entre o espaço natural e o histórico cultural nas representações dos visitantes com o local, além de uma acentuada espiritualidade vivenciada. A partir das reflexões realizadas, pretende-se ampliar os diálogos em torno do ecoturismo e da educação ambiental em unidades de conservação.

Palavras-chave: Ecoturismo, Colégio do Caraça, Espiritualidade, Educação Ambiental



UNIVERSITY OF CAMPINAS
INSTITUTE OF GEOSCIENCE

**NATURE, HISTORY AND SPIRITUALITY: THE TRAILS OF CARAÇA'S
SANCTUARY/MG**

ABSTRACT

Masters Degree

Isabela Barbosa Frederico

During the discussions on environmental issues is convergent the idea that is necessary to rescue the relationship of belonging between human and nature through the awakening of sensitivities and knowledge. Ecotourism, through the interaction between man and space, can contribute to the formation of meanings and valuations of natural space. Therefore, the present research aims to explore the experiences that are established during practice, as a way of contributing to the understanding of the potential of the experiential contact. The information derived from the experience is considered important for the planning purposes of the activity in question. The study area covered will be the protected area "Santuário do Caraça" in Minas Gerais. The qualitative research instruments used in this research were the participant observation and semi-structured interviews with the participants involved in the activity in the unit. The results showed a constant relationship between the natural area and the historical places in visitor's representations of the location, as well as the spiritual experience. In conclusion, the goal is to expand the dialogue around the presence of ecotourism and environmental education in protected areas.

Keywords: Ecotourism, Caraça's School, Spirituality, Environmental Education

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. CAMINHO PERCORRIDO	7
1.1. Trilhando o caminho eleito.....	7
1.2. Dificuldades e acertos pelo caminho	17
1.3. Alguns apontamentos	18
1.4. Cenário Encontrado	19
1.4.1 Percorrendo a história do Caraça	26
1.4.2. Buscando compreensões no debate ambiental	35
2. O ECOTURISMO NO CARAÇA	47
2.1 Explorando os espaços físicos	48
2.2 O Caraça como fronteira.....	72
2.3 A busca pela natureza no Complexo do Caraça.....	83
2.3.1 Experiências com a educação ambiental	100
3. EXPRESSÕES DO CARAÇA: o lobo e o sagrado	107
3.1 O Ritual do Lobo-Guará	107
3.2 A presença da espiritualidade	122
Considerações finais	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	145
ANEXOS	157

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.1: Localização do Caraça.....	20
FIGURA 1.2: Representação da proximidade da RPPN com Belo Horizonte/MG.....	21

LISTA DE FOTOS

FOTO 1.1: Capelinha.....	24
FOTO 1.2: Vista da Capelinha.....	24
FOTO 1.3: A “Caraça”.....	27
FOTO 1.4: Vista atual da igreja neogótica do Caraça	29
FOTO 1.5: Prédio de Memória Local.....	32
FOTO 2.1: Santuário do Caraça.....	49
FOTO 2.2: Cantina e loja de <i>souvenirs</i>	50
FOTO 2.3: Catedral e as laterais como opções de hospedagem	54
FOTO 2.4: “Tombo do Imperador”.....	55
FOTO 2.5: Chapa do café da manhã.....	57
FOTO 2.6: Antiga capela barroca preservada	58
FOTO 2.7: A “Santa Ceia” de Athaide.....	60
FOTO 2.8: Trilha da Cascatinha	63
FOTO 2.9: Trilha da Cascatinha.....	63
FOTO 2.10: Trilha da Capelinha	65
FOTO 2.11: Vista da Cascatinha	68
FOTO 2.12: Placas nas intermediações da catedral.....	96
FOTO 2.13: Placas nas intermediações da catedral.....	96
FOTO 2.14: Espaço dedicado à educação ambiental no centro de visitantes.....	101
FOTO 3.1: Alimentos oferecidos ao lobo	110
FOTO 3.2: Ritual do Lobo Guará: lobo na escadaria da catedral	114
FOTO 3.3: Ritual do lobo guará – turistas na presença do animal	114
FOTO 3.4: Jardim principal do Caraça	132

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1: Perfil detalhado dos visitantes hóspedes entrevistados	157
ANEXO 2: Croqui do Caraça	158
ANEXO 3: Preço das opções de meios de hospedagem	159
ANEXO 4: Notícia do incêndio de 1968 vinculada a um jornal do mesmo ano.....	160
ANEXO 5: Notícia do incêndio de 1968 vinculada a um jornal do mesmo ano	161

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe ampliar as discussões das atividades de ecoturismo em Unidades de Conservação, como forma de contribuir para as atividades de planejamento e educação ambiental nessas áreas.

O desejo de estudar as práticas de ecoturismo, principalmente no âmbito do bioma cerrado é oriundo de uma experiência em particular que tive durante minha graduação em turismo na Universidade Federal de São Carlos, no ano de 2007. Nesse período realizei um estágio extracurricular no Parque Nacional das Emas/GO - tombado como patrimônio da humanidade pela UNESCO¹ - com o objetivo de vivenciar as questões pertinentes ao uso público e à educação ambiental em Unidades de Conservação.

Durante a minha estada nessa unidade pude me deparar com as potencialidades do contato com o meio. Até o momento de chegada, os meus conceitos sobre o cerrado estavam permeados pelos tradicionais discursos aprendidos na escola, como “raízes profundas, árvores tortuosas”. Nada daquilo me era particular nem reconhecido. Poderia afirmar que o cerrado naquele momento era apenas um conceito de “tipo de vegetação”, externo e alheio a mim.

Porém, a vivência durante as duas semanas em Emas foi determinante para que aquele espaço abstrato, sem grandes significações e a primeira vista até considerado feio pela minha pessoa, fosse se deleitando em espetáculos, trazendo-o para dentro de mim e eu para dentro dele.

Após noites intensamente estreladas, manhãs sonoras por araras canindé, paisagens simples e delicadas, meu interior foi se despertando e se questionando sobre diversos aspectos intrínsecos ao bioma. Ao mesmo tempo, eu me interessava por detalhes de sua fauna e flora, encantava-me e criava um inexplicável sentimento de pertencimento, como se aquele lugar também fosse meu.

O ápice desse misto de sensações se deu num encontro às escuras. Sim, da forma mais natural possível. Durante o retorno de uma trilha, estava com as biólogas do parque, um brigadista e com minhas duas amigas também estagiárias. Fizemos focagem noturna,

¹ UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura.

auxiliados pela já velhinha caminhonete do IBAMA². E de repente, naquele furor de curiosidade e espera, eis que a luz ilumina e foca dois pontos brilhando. A emoção se instaurava no peito à medida que o cérebro se questionava junto aos demais colegas, sobre qual bicho seria o dono daquele par de olhos.

Então começamos a brincar com o foco de luz e a curiosidade parecia não ser unicamente nossa; o animal do outro lado se aproximava vagarosamente, também interessado em nossa luz. Eis que o encontro se aproxima e acontece: Meu Deus, era o lobo guará!

Foi um momento de poucos minutos, mas parecia tão intenso, cada segundo era tão importante, tão revelador e por isso, extremamente significativo. Essa era minha primeira experiência com este animal, do qual tinha apenas escutado falar de forma longínqua e até mesmo simplória, como muitos discursos que se referem ao cerrado.

Não sei ao certo explicar o sentimento provocado em mim por este encontro. Apenas me lembro da emoção se materializando em uma lágrima. Era especial vê-lo em sua solidão durante a noite caminhando naquele que era o seu *hábitat* natural. Recordo-me após chegar à nossa base do parque, o fato de eu ter corrido ligar para o meu pai, pois havia pensado tanto nele e na sua companhia, que queria o mais rapidamente possível compartilhar mesmo por telefone aquele momento fugaz da minha experiência no cerrado.

A beleza e a sensibilidade foram despertadas, e após este momento e os demais em Emas, institui um vínculo com aquele bioma e iniciei minhas indagações sobre sua preservação, sobre o seu significado para nós e como ele estava infelizmente pressionado por interesses maiores e mais fortes do que sua própria existência.

A grandiosidade de Emas era fronteira com a grandiosidade dos interesses do mercado: a monocultura de soja e de milho. Um sentimento profundo de tristeza e contestação nascia naquele ambiente contraditório, no qual a simplicidade convivia lado a lado com a pressão econômica. Valores tão diferentes e tão próximos fisicamente.

A partir dessa experiência posso sentir e afirmar que o cerrado se tornou parte de mim. O desejo da adolescente de 18 anos ali contido naquela época busca se constituir hoje aos 24 anos, neste trabalho, como uma fala, uma voz que desperte novos olhares sobre este ambiente tão especial, mas principalmente sobre o potencial das experiências durante às

² IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

viagens a natureza. Assim como aconteceu comigo, acredito que a experiência e a vivência em áreas naturais podem de alguma forma, em diferentes escalas de intensidade, despertar para a importância deste bioma e também para a condição natural existente em nós. Compartilho com Maffesoli (2001, p.189) em sua fala: “Queira-se ou não, o sensível não é mais um fator secundário na construção da realidade social. Numerosos são os indícios que, ao contrário, acentuam seu aspecto essencial”.

Desta forma, através dos caminhos que esta pesquisa de mestrado me proporciona, pretendo a busca por uma compreensão de como “encontros” com as paisagens naturais podem de alguma forma produzir significações e valores. Trata-se de uma situação complexa, não traduzida em homogeneidades, considerando a diversidade existente entre nós mesmos. Como escreve Guimarães (2008, p.54):

De acordo com as circunstâncias experienciadas, o ser humano atribui valores e significados às suas paisagens, que passam, então, a envolver sua própria história de vida, numa territorialidade demarcada pela afeição, originando o espírito de um povo e de um lugar.

Para se adentrar neste universo de sensações e aprendizados do ecoturismo, foi eleita a Reserva Natural de Patrimônio Particular (RPPN) “Santuário do Caraça”, localizada em Minas Gerais, a uma distância de 120 km da capital Belo Horizonte. Esta área pertence a uma congregação religiosa e tem em sua história traços de peregrinação, cultura, natureza e espiritualidade.

Além disso, esta unidade abriga também áreas de cerrado³ e tem um momento bastante particular, desenvolvido desde 1982, com o ritual do lobo guará, no qual o animal desde o ano citado, sobe as escadas da igreja existente no local para receber comida. O momento de espera do lobo constitui um marco na visita, pois oferece a possibilidade de reflexões nos visitantes sobre o ambiente, considerando suas características endêmicas com o bioma em questão. O Caraça por intermédio de suas paisagens naturais e de sua história pode enriquecer a experiência do visitante, e contribuir nos diálogos sobre a vivência e os vínculos afetivos com o lugar, facilitados pelo ecoturismo.

³ Além do bioma cerrado, a RPPN Santuário do Caraça resguarda outros ambientes que serão descritos mais adiante.

Com isto podemos ter uma quebra nos imaginários dos visitantes relacionados ao cerrado. Estes, muitas vezes atrelados aos valores ocidentais estão calcados no entendimento de natureza como paisagens que abrangem apenas as grandes florestas (NEIMAN, RABINOVICI, 2002; BRUHNS, 2010). Essas compreensões, às vezes equivocadas, influenciam também os marcos que sustentam a formalização de unidades de conservação. Uma evidência disto no âmbito do bioma referido, é o fato de apenas 2% de sua totalidade territorial estar resguardada em áreas protegidas (RODRIGUES, 2005).

Essas e outras concepções simplistas acerca do que seria ambiente natural e qual a nossa relação com ele se sustentam em uma racionalidade moderna unificadora de olhares e valores. No âmbito da academia, Faria (2002, p.7) nos recorda que a partir do século XIX, o interesse das grandes ciências na relação das ações sociais sobre o espaço se deu pela orientação de um modelo capitalista de desenvolvimento, baseado em duas principais vertentes: a de exploração dos recursos naturais para serem utilizados em grande escala, e do outro, um conceito de natureza perfeita e romântica que deveria estar isolada e protegida dos interesses humanos. Em ambas se instituía contraposições e dicotomias entre o homem e o meio natural.

Orientados por esse cenário, os estudos ambientais começaram a diagnosticar a necessidade de se desconstruir os paradigmas que direcionavam nosso entendimento sobre a natureza. Desta forma, as dimensões humanas como a sensibilidade e a subjetividade ganharam força no discurso ambiental. Acreditava-se na necessidade de reincorporação dessas instâncias para uma nova forma de conceber o mundo⁴. Leis (1998, p.43) destaca, por exemplo, o papel fundamental que os diálogos por marcos não tradicionalistas do mercado e da política tiveram durante a Rio 92. O viés da espiritualidade foi um deles.

Dentro desse novo contexto nos diálogos ambientais, o ecoturismo aparece como uma possibilidade de aproximação do ser humano com o seu espaço. A viagem às áreas naturais pode, por intermédio da ludicidade, inferir outras relações do homem com o seu meio, além de resgatar capacidades, como a emoção, a abstração e a imaginação.

Nesse sentido, Irving (2008, p.6) aponta o ecoturismo como um fenômeno social merecedor de estudos centrados no papel do turista enquanto “agente de transformação”, e

⁴ O cenário da crise ambiental e a necessidade da reincorporação de outras dimensões humanas em práticas sociais serão discutidos e contextualizados ainda neste capítulo.

não apenas como marionete de agências de viagens e do mercado verde. Para a autora, deve-se olhar para o visitante de áreas naturais como um ator que pode, a partir de atividades planejadas com seus preceitos éticos, decidir e impor processos de mudança.

Inserido neste universo de reflexões e situações inquietantes, a presente pesquisa deseja discutir as errâncias presentes no sistema em que vivemos através de um dos fenômenos mais observados nos dias atuais: a busca pela natureza em uma área que além de abrigar biomas já valorizados como a mata atlântica, também congrega outro pouco contemplado em nossas concepções de áreas naturais: o cerrado.

O presente texto está estruturado em três capítulos. No primeiro discorro sobre o percurso metodológico e o tratamento dos dados. Neste espaço também falo sobre o cenário encontrado na RPPN⁵ Santuário do Caraça, além de realizar uma breve reflexão sobre a questão ambiental, bem como a sua relação com o ecoturismo.

O segundo capítulo se insere na realidade do Caraça. Para tanto, é mostrado como a atividade se organiza, quais são os espaços privilegiados durante a visita e como o ambiente se estruturou e assumiu novas facetas ao permitir o ecoturismo em seu interior. Proponho uma reflexão sobre o Caraça como um espaço de fronteira, no qual se integram as influências religiosas, preservacionistas e turísticas. São também levantados alguns aspectos cruciais da prática como o envolvimento com a cultura local, a relação da unidade com o entorno e as iniciativas de educação ambiental desenvolvidas.

E por fim, o terceiro capítulo busca aprofundar as expressões dos ecoturistas no Caraça. Para tanto, está dividido em dois temas norteadores, definidos a partir dos relatos coletados. O primeiro versa sobre a influência do Ritual do Lobo Guará, ícone da unidade, na experiência dos visitantes. Para tanto, realizo um histórico deste evento e apresento sua importância para o ecoturismo desenvolvido. Já o segundo pretende evidenciar e discutir a espiritualidade que surge na interação dos aspectos sagrados e naturais da Reserva.

Buscando então atingir as possibilidades citadas acima, esta dissertação apresenta como principal objetivo analisar as vivências entre o homem e a natureza desenvolvidas em práticas de ecoturismo. A partir da percepção de como o espaço da reserva foi se constituindo, ou seja, através da construção histórico-cultural numa relação íntima com o

⁵ A sigla RPPN se refere ao termo Reserva Particular do Patrimônio Natural.

ambiente natural e da presença de uma espiritualidade acentuada, detive-me em alguns objetivos específicos:

- Identificar os espaços destinados à visitação na Reserva em questão;
- Analisar como a gestão e o espaço da Unidade de Conservação se estruturou para o planejamento ecoturístico e a educação ambiental;
- Discutir os aspectos inerentes à história e a natureza do local percebidos e valorizados pelos visitantes durante a experiência de ecoturismo na unidade;
- Evidenciar e compreender os traços do local influentes nos vínculos afetivos dos visitantes com o mesmo;
- Destacar os aspectos da espiritualidade vivenciados durante a permanência das pessoas nos espaços do Caraça;

1. CAMINHO PERCORRIDO

1.1 Trilhando o caminho eleito

O processo da pesquisa se constituiu num momento de grande reflexão em conjunto com os objetivos previamente propostos. O desejo de se estudar as errâncias do ecoturismo exigiria também uma estrutura compatível com a flexibilidade e o viés alternativo pretendido.

Em consonância a isso e ao universo científico, optei por uma abordagem qualitativa⁶, pois permite uma aproximação maior com parâmetros subjetivos do ser humano. Pesquisar o ato de encontro do homem com o ambiente natural demanda, além dos aspectos objetivos e concretos, uma delicadeza e sensibilidade para compreender tal fenômeno, que pode ultrapassar os modismos contemporâneos, abrindo uma janela de oportunidades para um momento de crise como o atual. Sinto-me contemplada na fala de Alves-Mazzotti (1998, p.177) ao pontuar o sujeito do conhecimento como um sujeito histórico inserido em um processo igualmente histórico que o influencia.

Como explicado na introdução, as dimensões mais emotivas do ser humano foram renegadas por um comportamento mecanicista, com a prevalência de posturas atreladas ao viés objetivo e racionalista. Desta forma, os caminhos metodológicos deste trabalho deveriam se desviar do caráter estritamente positivista.

No âmbito das ciências humanas como destaca Mafessoli (2001), é importante dar voz às dimensões não racionais atreladas à vida individual e social. Assim, segundo o autor, poderemos avançar os preceitos positivistas e causalistas herdados do século XVI.

Encontrei, portanto, na abordagem qualitativa um espaço para este estudo. Para Minayo (1994, p.20) este enfoque responde às preocupações das ciências sociais, pois: “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o

⁶ Por pesquisa qualitativa entendem-se as tipologias de investigação que não tenham resultados oriundos de procedimentos estatísticos ou de outras fontes de quantificação numérica. Segundo Strauss & Corbin (2009, pp.19 e 21) “Pode-se referir à pesquisa sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos, e também à pesquisa sobre funcionamento organizacional, movimentos sociais, fenômenos culturais e interações entre nações.”.

que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

A pesquisa qualitativa possibilita segundo Strauss & Corbin (2009, p.19 - 21) dois pontos interessantes. O primeiro refere-se à influência desta abordagem direta ou potencial para ambos os públicos: acadêmicos ou não, pois é dada uma visibilidade acentuada aos discursos e às ações dos indivíduos estudados. O segundo ponto relevante é o envolvimento e a cumplicidade pelos pesquisadores no trabalho.

Destaca-se a relevância do primeiro ponto em função da ciência, hoje em dia, ter como desafio e compromisso a aproximação com os universos externos a ela. Em consonância a esta ideia, Maffesoli (2001, p.179) aponta que a “inteligência ficou desempregada”, por estar resguardada em ambientes fechados e normativos como as universidades e os centros de pesquisa, desvinculando-se dos traços mais reais e inconstantes da subjetividade inerente à espécie humana.

Desta forma, pontuo a presente investigação num rol de pesquisa teórico-crítica. Estudar o turismo alternativo, mais precisamente o ecoturismo desenvolvido no Caraça, exigiu também uma discussão mais ampla, no sentido de se compreender a sociedade contemporânea, suas atividades e valorações no contexto atual. A Reserva em questão está permeada por atividades consideradas relevantes e entrelaçadas, como o turismo, a economia, a sociabilidade, a espiritualidade, o ecológico, dentre outros.

Segundo Alves-Mazzotti (1998, p.138), a pesquisa teórico-crítica entende que nenhum processo social pode ser analisado apartado dos demais conflitos ideológicos da sociedade. É por isso, que ao estudar o ecoturismo desenvolvido no Caraça faz-se necessário também, uma discussão do cenário em que ele se desenvolve e mantém relações. Essas conexões serão discutidas ao longo do trabalho. Entretanto com o objetivo de exemplificar uma delas ressalto, por exemplo, a mineração como fator de intensa pressão nos arredores da Reserva e a atividade turística ocupando um papel decisivo para a manutenção e a preservação da área que compõe a unidade.

Para o desenvolvimento da pesquisa optei pela utilização de dois instrumentos: a entrevista semi-estruturada e a observação participante. Importante ressaltar o fato de esses instrumentos terem sido estruturados ao longo do processo, onde três momentos de pesquisa de campo ocorreriam: um primeiro com objetivo exploratório, de aproximação

com o cenário estudado e outros dois com caráter mais intenso, no sentido de se ter uma relação articulada entre a fundamentação teórica e o objeto de estudo.

Entretanto, ao longo do mestrado, tive a oportunidade de realização de um intercâmbio para o México⁷, o que alterou os meses previstos para a segunda e a terceira pesquisa de campo. Ao invés de março e julho de 2012, estas fases se concretizaram em julho de 2012 e abril de 2013. Tendo ocorrido esta última após o período de qualificação da pesquisa.

Em relação à entrevista semi-estruturada, Selltiz (1975, p.272) coloca que se trata de um método adequado para a obtenção de informações que compreendam assuntos complexos, de cunho sentimental, como também os carregados emocionalmente. Corroborando com esta ideia, Flick (2002, p.110) afirma que as narrações produzidas com os resultados das entrevistas, possibilitam uma aproximação com a experiência dos sujeitos de uma forma mais aberta. Estas foram características essenciais para o alcance dos anseios desta pesquisa.

Para a elaboração do roteiro da primeira entrevista, foram consideradas as informações que se tinham previamente acerca da Reserva, obtidas por meio eletrônico (*web sites*) e artigos científicos, além das referências bibliográficas sobre os temas pertinentes à mesma: ecoturismo, educação ambiental, representação social. Ao longo das reuniões de orientação deste período inicial, foi destacada a importância de se ter um primeiro olhar descompromissado, ou seja, de não se ter um comportamento fechado e preocupado com os objetivos, uma vez necessária esta postura mais “aberta”, de forma a apreender as nuances que o local teria.

Laville e Dionne (1997, p.188) esclarecem que a entrevista semi-estruturada constitui um grupo de perguntas “abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimentos”. Nesse sentido, o meu instrumento continha questões pré-estabelecidas. No entanto, este era ampliado

⁷ Tive a oportunidade de realizar um intercâmbio acadêmico para o México no período de janeiro de 2012 a julho de 2012. A possibilidade se deu pelo acordo entre a Unicamp e o IPN (Instituto Politécnico Nacional). Durante este período cursei as disciplinas de *Turismo e Meio Ambiente* e *Cultura y Producto Turístico* no Programa de Mestrado em: *Administración e Innovación del Turismo*, Do Instituto Escuela Superior de Turismo, do IPN. Todavia, aproveitando minha estada por lá cursei como aluna ouvinte a disciplina de *Ecología Política* ministrada por importante pesquisador da área ambiental, o prof. Dr. Enrique Leff. Esta disciplina aconteceu no Instituto de Investigaciones Sociales, da Universidade Nacional Autónoma do México.

quando o entrevistado demonstrava uma predisposição em responder e seu relato dava indícios de que ele (entrevistado) poderia agregar outras informações importantes ao estudo⁸.

Essa tipologia de entrevista, ao não estar presa a um esquematismo fechado como os observados em questionários, facilita uma maior amplitude durante a sua aplicação. Além de um contato mais próximo com o entrevistado, sendo possível alterar a ordem das perguntas de acordo com os relatos que vão surgindo e a coerência dos assuntos manifestados⁹. (LAVILLE; DIONNE, 1997, pp.187 - 188).

As entrevistas com os visitantes buscaram explorar aspectos como, o motivo da visita à Reserva e informações sobre ela (como tomaram conhecimento da mesma); as diferenças desta para com outras Unidades de Conservação visitadas; os traços que provocaram algum tipo de emoção. Igualmente explorei representações em torno do bioma cerrado, e as compreensões relacionadas ao mesmo. Questões adicionais foram realizadas para o entendimento das ações relacionadas à gestão da unidade e às práticas de educação ambiental.

Somado aos visitantes, foram entrevistados também representantes do Caraça (os padres que estavam na atual gestão, a coordenação ambiental da unidade e os guias) a fim de apreender como se deu o processo de transformação do santuário em um destino turístico. Investiguei a concepção deles sobre a atividade turística e a importância do planejamento e da preparação da unidade para o desenvolvimento da mesma. Introduzi a questão do cerrado para verificar se alguma importância especial era atribuída ao mesmo. A

⁸ Para compreender melhor os casos nos quais ampliei as questões prévias das entrevistas, utilizo o exemplo de um entrevistado. Ao iniciar nossa conversa, ele destacou que visitava o Caraça desde 1976 (década onde se iniciam as visitas após o incêndio do colégio do Caraça). Nesse momento, identifiquei essa pessoa como uma oportunidade para me auxiliar na compreensão dos aspectos vinculados à história do santuário. Ele poderia me fornecer vivências que somariam a minha pesquisa bibliográfica sobre o local de estudo. Com isso, agreguei perguntas durante a nossa conversa. Desta forma, a entrevista semi-estruturada me possibilitou um maior aprofundamento, que variava de acordo com os aspectos surgidos durante a realização das mesmas.

⁹ Para esclarecer a possibilidade de alterar a ordem das perguntas na utilização da entrevista semi-estruturada, irei utilizar o exemplo de um visitante entrevistado. Ao me relatar como tomou conhecimento da reserva, ele se utilizou de outras unidades de conservação que também tinha visitado durante o período de suas férias. Falou-me que ficou sabendo da existência do Caraça quando estava passeando pelo Parque de Ibitipoca/MG. Aproveitei que ele já estava falando sobre outras áreas protegidas e iniciei as perguntas sobre este assunto logo em seguida (Perguntas que desejavam saber as diferenças notadas pelos visitantes sobre outras unidades de conservação e a RPPN do Caraça, como também as que buscavam compreender como os visitantes tinham notado a organização da área). Essas perguntas que inicialmente estavam planejadas para serem feitas no final da entrevista passaram, portanto, para o início delas. A modificação ocorreu pela coerência dos assuntos naquele momento.

inclusão destes atores foi relevante, pois, a forma como os visitantes interagem com o Caraça é também influenciada pela forma como a gestão e os guias manifestam, organizam e conduzem suas ações.

Essas foram as inquietações iniciais levadas à campo. Alves-Mazzotti (1998, p.147 - 148) citando Lincoln & Guba, destacam as possibilidades do não enclausuramento numa única teoria ou esquematismo. Para os autores, a realidade é múltipla e socialmente construída em uma dada circunstância. Sendo assim, fica difícil a sua compreensão se precocemente nos aprisionarmos em categorias e classificações. O caminho a ser seguido deve contemplar um processo de indução, construção e compreensão das múltiplas realidades existentes em um mesmo contexto.

Igualmente é ressaltado o caráter holístico das ciências humanas. Desta forma, dificilmente uma teoria selecionada no início dará conta do entendimento da complexidade intrínseca à realidade estudada. Uma teoria previamente escolhida pode direcionar a visão do pesquisador, gerando assim uma perda de detalhes e interpretações importantes. Essas reflexões sustentam o caráter mais flexível desenvolvido nas explorações da primeira pesquisa de campo realizada.

O momento de reconhecimento possibilitou uma aproximação com o universo estudado a partir da dinâmica e da inconstância inerentes à realidade. Senti que o universo presente no Caraça, e as bibliografias lidas, estavam em constante e mútuo processo de complementação e relação, oferecendo-me arcabouços para o processo de construção de ideias e interpretações sobre o fenômeno a que me propus a estudar.

Cada dia de investigação na Reserva me possibilitava um avanço enquanto pesquisadora. Após cada entrevista e observação, meu processo de amadurecimento se desdobrava e então, eu aprendia como conversar e interagir com o meu universo de pesquisa, como por exemplo, o melhor horário para realizar as minhas entrevistas (o final de tarde), quando todos já haviam feito os seus passeios e estavam mais tranquilos e dispostos a conversar.

A opção por privilegiar os turistas que pernoitavam na Reserva resultou de um amadurecimento durante o campo. Notei que estes tinham um convívio mais intenso com o local se comparados aos excursionistas. O público de hóspedes também era o único que presenciava o ritual do lobo guará, considerado de grande importância na vivência com os

pilares que sustentam a Reserva. Este momento se inicia nas primeiras horas da noite e o público excursionista não o presencia, pois deve deixar o santuário até as 17:00 h, segundo regimento interno. Com isso, a amostra se curvou propositalmente para este público.

Foi perceptível a diferença entre realizar entrevistas ao longo das trilhas, ou ao amanhecer, onde os relatos eram breves e sem grandes reflexões. À tarde, quando as pessoas chegavam de seus passeios pela unidade, estavam mais receptivas a refletir acerca de suas experiências. Além disso, o momento do lobo guará (será detalhadamente explanado mais adiante) favorecia também, a união dos visitantes no adro da igreja para a espera do animal. Desta forma, o processo de recordação dos momentos vivenciados, tornava-se mais aguçado e prazeroso.

Apesar do ritual se desdobrar no início da noite, durante a pesquisa foi possível observar que muitos dos visitantes ao chegarem de suas trilhas já se instalavam no adro da igreja ou até mesmo nos bancos da lanchonete para descansar e conversar sobre o dia com os demais visitantes e funcionários. Schelle (2001), em sua obra “A arte de passear” ressalta como o final da tarde constitui um momento mais calmo, de organização interna, no qual a imaginação está mais instigada.

Além das entrevistas, utilizei também a observação participante como instrumento para a coleta de dados. Este tipo de observação é característica dos estudos qualitativos, no qual não se classificam os comportamentos a serem observados, oferecendo liberdade ao cenário e caracterizando-os como definitivamente ocorrem em determinada realidade (ALVES-MAZZOTTI, 1998, p.166).

Como afirma Selltiz (1975, p.226), a observação é vantajosa para o cientista social, pois facilita a apreensão das atitudes e ações no momento em que eles ocorrem, além de, complementar a entrevista onde novos elementos podem ser introduzidos.

A observação participante aproxima o pesquisador com o lado experiencial e subjetivo do ser humano, ampliando as possibilidades de compreensão. Minayo (1994, p.70) ressalta que durante esta técnica, o pesquisador “[...] fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa”. É esse potencial de apreensão natural de movimentos e falas que conferem valor a esta técnica.

Nos primeiros contatos com os atores sociais, a observação participante também se deu de forma mais flexível. A princípio frequentei todos os espaços da Reserva para identificar os diferentes públicos existentes. As entrevistas abriram possibilidades de aproximação e intimidade com as pessoas e assim realizei algumas trilhas com grupos. Logo no início solicitei a ajuda da coordenadora ambiental para o acompanhamento dos grupos nos passeios. Entretanto, como explicou, os guias eram autônomos e não poderia pedir isso a eles. O contato se desdobrou de uma maneira lenta e gradativa, à medida que o público visitante, concomitante ao período de minha ida ao Caraça, ganhava confiança e se sentia confortável com a minha presença. Para melhor compreensão desses desdobramentos ressalto a fala de Cicourel (1975, p.100), destacando uma das dificuldades do pesquisador observador:

Ele nunca pode entrar como sócio num padrão de interação com um dos atores da cena social sem que abandone, pelos menos temporariamente, sua atitude científica. O observador participante, ou pesquisador de campo, estabelece contato com o grupo estudado como um homem entre outros homens. Apenas seu sistema de relevâncias, que lhe serve de esquema para suas seleções e interpretações, é determinado pela atitude científica, temporariamente abandonada para ser retomada de novo.

Cicourel (1975, p.90) também pontua a importância da aceitação do pesquisador participante pelo público observado. A importância reside mais na “confiança” e na ideia de que o pesquisador é um “bom sujeito” do que necessariamente na “base lógica” de seu estudo.

Em razão da necessidade de se estabelecer uma relação mais “confiante”, o contato principalmente com o grupo de visitantes se desdobrou mais lentamente. A medida que eles não me viam apenas como pesquisadora, mas também como uma “turista” do Caraça, tornou-se mais fácil participar de suas rodas de conversas e ser convidada para realizar trilhas em conjunto.

Após este primeiro contato com duração de 16 dias, retornei à universidade para dar continuidade aos compromissos acadêmicos e pude organizar os primeiros apontamentos, bem como refletir melhor acerca de adequações dos instrumentos e objetivos da pesquisa.

Na visita seguinte, realizada no final de julho e começo de agosto de 2012, com uma duração de 14 dias, foram adotadas algumas mudanças tentando um melhor ajustamento à

realidade pesquisada. Percebi que as questões deveriam ser mais diretas e claras, evitando jargões acadêmicos¹⁰ e assim, mais baseadas nas experiências diretas dos sujeitos.

Durante as entrevistas, busquei como estratégia introduzir o grande tema¹¹ e solicitar a opinião e os sentimentos da pessoa em relação ao mesmo. Desta forma, de acordo com os relatos, iam se abrindo novos questionamentos e informalmente uma espécie de “conversa” se instituía, possibilitando investigações diversas em torno do tema a ser explorado. De acordo com Selltiz (1975, p.278):

[...] provavelmente a melhor maneira para pesquisar sentimentos e motivos é fazer perguntas que dêem à pessoa grande liberdade para a resposta. Frequentemente, as reações emocionais são excessivamente complexas para que sejam descritas numa frase. Além disso, as palavras usadas para identificar uma reação emocional podem não ter o mesmo sentido para o pesquisador e para a pessoa que responde.

Os “grandes temas” inseridos nas entrevistas congregavam os seguintes questionamentos: “O que os motiva a vir ao Caraça”; “O que faz do Caraça diferente”; “O cerrado”; “Ritual do Lobo”; “Relação entre história e natureza”; “Significado da experiência”. Os quais eu explorava nas entrevistas e conversas informais. A partir dos discursos íamos ampliando a entrevista, caso eles demonstrassem vontade em seguir falando.

Também investiguei quais eram os espaços e as trilhas privilegiadas pelos turistas durante a visitação e qual o impacto gerado pelo ritual do lobo guará considerando que este,

¹⁰ Um dos exemplos, desses jargões acadêmicos utilizados durante a primeira entrevista, foi o conceito de “patrimônio histórico”, o de “gestão de unidades de conservação”, entre outros que em um segundo momento foram adaptados para uma linguagem coloquial que estivesse ao alcance de todos os entrevistados.

¹¹ O “grande tema”, por exemplo, se constituía nos assuntos chave, detectados nos objetivos da pesquisa e também com o cenário observado durante a primeira pesquisa de campo. A opção pela utilização dos “grandes temas” ao invés de diluí-los em perguntas engessadas pelo pesquisador, é valorizada por Flick (2002, p.90). Para os autores é mais provável que os sujeitos entrevistados expressem seus pontos de vista em situações onde as entrevistas estejam desenhadas de forma relativamente mais “aberta”, ao invés de um formato estandardizado ou de um questionário. Durante esta pesquisa também notei que meus entrevistados se sentiram mais confortáveis quando ao invés de perguntar de forma mais específica sobre aspectos do cerrado (opção da primeira pesquisa de campo), optei por inserir este tema de maneira mais livre e aberta (opção adotada na segunda pesquisa de campo). Com isso, obtive relatos mais intensos sobre como os visitantes de fato notaram e se sentiram nas áreas onde esse bioma predominava na reserva pesquisada.

além de ser o principal chamariz de visitação do Caraça, se constitui em um momento de aproximação dos visitantes com o universo simbólico do santu rio¹².

Em rela o   gestão da unidade, o maior contato se deu com a coordenadora ambiental da unidade. Igualmente foram realizadas entrevistas com três monitores do centro de visitantes e três padres, participantes da dire o da unidade, em diferentes momentos ao longo desta pesquisa.

Ao todo foram entrevistados três guias, terceirizados do Caraça. Contudo, com estes atores as entrevistas não foram muito intensas, tendo em vista que o tempo em que eles ficavam na Reserva era para atender a turistas que os contratavam. Os momentos de contato com estes ocorreram em conversas informais   medida que eles tinham um tempo disponível e adquiriam confiança comigo. O conteúdo abordado se voltou para os objetivos desta pesquisa, como também sobre questões trazidas pelos próprios visitantes¹³.

Já a terceira pesquisa de campo, empreendida no mês de abril de 2013¹⁴, teve a dura o de oito dias buscando complementar e aprofundar aspectos da própria Reserva¹⁵. Durante este período também pude acompanhar uma atividade de visita o escolar na unidade, além de freqüentar a biblioteca com vistas a analisar os documentos bibliográficos complementares   pesquisa.

Em rela o   amostragem, a op o se deu de acordo com depoimentos e entrevistas que gerassem dados suficientes para desenvolver o tema proposto e não por determinado número de entrevistados. Flick (2002) sugere que essa alternativa   característica dos estudos qualitativos, por colocar mais importância   relevância dos cenários frente   representa o quantitativa dos mesmos.

¹² A compreensão desse universo simbólico por det rs do ritual do lobo guará ser melhor discutida no capítulo 3, durante a análise deste fen meno na experiência dos visitantes.

¹³ Para exemplificar trago o caso de um visitante que contratou um dos guias e afirmou que ele era diferente de todos os outros guias que já tinha contratado. A diferença era que o guia em questão desempenhava seu papel com uma “espiritualidade” afluada. Para compreender melhor o que esse visitante queria dizer fui conversar com este guia e perguntar sobre como ele conduzia os seus passeios, bem como participei de uma trilha guiada pelo mesmo onde aquele visitante estava presente.

¹⁴ A data de realiza o desta pesquisa de campo foi escolhida a partir do contato prévio estabelecido com um dos guias cadastrados. Ele me colocou a oportunidade de participar de um grupo que seria conduzido por ele até um dos picos do Caraça. Contudo, já estando no Caraça no referido período a visita foi cancelada pelo intenso volume de chuvas. As saídas para as demais trilhas também esteve dificultada por essa razão.

¹⁵ Ao longo das duas primeiras pesquisas de campo busquei me intensificar na realiza o de entrevistas com os visitantes, considerando que o período (julho, o mês de férias escolares) no qual foram realizadas favorecia o encontro com visitantes que pernoitavam no Caraça. Já o terceiro campo realizado em abril, permitiu-me mapear de forma mais intensa os aspectos objetivos da visita o como a capacidade do lugar para receber visitantes, características dos atrativos, preços, aspectos ecológicos do ambiente, acessos, entre outros.

O grupo principal de entrevistados compreendeu vinte e sete hóspedes¹⁶ e seis excursionistas¹⁷, entre dez e sessenta anos. A opção foi baseada na oportunidade de contato ocorrida em determinados momentos da vivência destes nos ambientes da Reserva¹⁸. Esses sujeitos apresentaram diferentes níveis de escolaridade esclarecidos nos relatos das entrevistas, ao longo do texto¹⁹.

Miles e Huberman citados em Alves-Mazzotti (1998, p.163) esclarecem os riscos contidos na busca centrada unicamente nos “atores principais” do universo estudado, a qual pode resultar na perda de informações importantes. Para isso, os autores julgam recomendável investigar também o cenário marginal composto por atores adjacentes.

Um exemplo ocorreu durante a pesquisa de campo onde um funcionário local contribuiu de forma considerável para o entendimento das mudanças de gestão do lugar, comprovando a importância da Reserva em termos de geração de emprego, não apenas para a geração atual, como também para as anteriores a ele.

Observações e falas de sujeitos não pertencentes ao grupo principal de entrevistados foram introduzidos neste trabalho à medida que contribuíram para o entendimento do fenômeno estudado. Estas falas e ações foram captadas ao longo de conversas informais estabelecidas durante a observação participante.

A coleta dos dados foi realizada através de diário de campo, gravadores e câmera fotográfica. Flick (2002) destaca o uso de fotos como elemento importante para o enriquecimento e complementação dos relatos e da pesquisa, auxiliando o leitor na construção do espaço pesquisado e, portanto, na compreensão da exposição dos dados.

Os dados obtidos com a experiência empírica foram analisados em conjunto com os documentais e bibliográficos, sistematizados em categorias de análise que se relacionavam entre si²⁰. Houve uma preocupação constante em se restabelecer um diálogo entre a teoria e os dados coletados, numa estreita aproximação com a realidade estudada.

¹⁶ O perfil mais detalhado do grupo de hóspedes entrevistados pode ser visto no anexo 1.

¹⁷ Esclareço que a palavra excursionista foi utilizada para designar o público que vinha para o Caraça apenas para passar o dia.

¹⁸ Além disso, optei por uma amostra sem características prévias por acreditar ter mais importância a vivência do que outros aspectos, como idade, profissão, entre outros.

¹⁹ O nível de escolaridade variou desde o ensino fundamental incompleto (representado pelas crianças) até a pós-graduação, nível doutorado.

²⁰ O capítulo 3 evidencia a constante relação entre realidade e teoria à medida que os eixos analisados da vivência dos visitantes foram também detectados a partir de seus relatos.

A teoria que emerge com os dados possui uma tendência para realçar a realidade. Segundo Strauss & Corbin (2009, p.25) “teorias fundamentadas, por serem baseadas em dados tendem a oferecer discernimento, melhorar o entendimento e fornecer um guia importante para a ação”. Os autores ainda colocam que estas teorias dão grande importância para o processo de construção durante suas estruturações.

O ecoturismo, enquanto fenômeno social deve ser focado como uma alternativa para o desenvolvimento, integrando o ser humano e o seu meio natural. Os vínculos e as relações entre sociedade e natureza sugerem novos processos de reinvenção.

O olhar atual exige uma posição onde está presente uma relação com o meio natural através de um trabalho de invenção constante. Propõe uma sociedade onde a natureza representa uma possibilidade de desenvolvimento humano envolvendo a participação social (BRUHNS, 2010).

1.2 Dificuldades e acertos pelo caminho

Pretender fugir da lógica cartesiana torna-se um desafio quando toda uma formação escolar foi baseada nesse olhar. Como em todo desafio, ocorreram momentos de tensão e de descobertas.

Adotar uma postura mais maleável não se enclausurando em uma única teoria ou olhar, exige também constante avaliação do processo e dos objetivos, ocorrendo momentos de angústia e de amadurecimento. A tendência aqui é privilegiar uma construção do conhecimento guiado pelo que Maffesoli (2001) determina de “razão sensível”, ou seja, um conhecimento mais aberto, incorporando o imaginário, o prazer dos sentidos, a emoção, o lúdico, portanto, parâmetros não racionais, onde múltiplas possibilidades despontam e o qual não se condensa em uma matriz única.

Strauss e Corbin (1998) destacam a possibilidade de, neste processo, pesquisadores se depararem com encruzilhadas nas quais forçosamente terão que optar por seguir conduzindo os momentos de imobilidade. Porém, neste processo a compreensão se amplia e a descoberta se constrói.

No início, compreender que não teria uma rotina no campo, e que todo meu trabalho estaria dependente, dentre outras coisas, da colaboração dos visitantes, causou certa aflição.

Como todo processo, a construção desse caráter mais delicado foi se dando como compreensão do fenômeno estudado. Diferente de outros pesquisadores presentes no Caraça, meu universo de pesquisa envolvia aspectos subjetivos, portanto, não poderia ter uma rotina fixa e acreditar que todos os dias seriam produtivos contando com o envolvimento dos sujeitos. O inesperado passou a ter presença constante.

Sinto que meus avanços ao longo da dissertação ocorreram quando algo de novo, de diferente emergiu em meio a cenários e leituras já desgastadas. É o momento de travessia, das errâncias, da experiência diferente, daquilo que foge do cotidiano e da normalidade. Cada discurso, cada abordagem, cada nova sensibilidade proveniente de uma leitura ou de uma entrevista, abriu um leque para novas reflexões e oportunidades.

1.3. Alguns apontamentos

Strauss e Corbin (2008) afirmam que ao longo dos estágios iniciais de uma pesquisa é comum ao investigador não perceber a importância de certos fatos, os quais vão se apresentando ao longo do desenvolvimento do ato de investigar. “Posteriormente, quanto tiver desenvolvido maior sensibilidade, o investigador pode retomar legitimamente os dados e recodificá-los à luz dessas novas informações.” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p.194).

Ao longo da pesquisa constatei uma composição de biomas (mata atlântica e campos de altitude) e não unicamente a presença do cerrado no local da Reserva. Algumas espécies símbolos do cerrado, como os buritis e o tamanduá-bandeira não eram encontrados nos espaços do Caraça.

Nesse momento o objetivo da pesquisa se restringia em compreender as vivências ao longo de práticas de ecoturismo em áreas de cerrado por influência de minha experiência pessoal, como também pelo momento de devastação no qual o bioma se encontra.

Contudo, após a constatação acima, outros olhares foram se constituindo, como por exemplo, a importância da espiritualidade nas vivências com a natureza e o aspecto do sagrado no local. Desta forma, os relatos nesse âmbito foram sendo mais explorados na pesquisa.

Após a adequação com a realidade encontrada, busquei ampliar o olhar para a vivência dos visitantes com o lobo guará, uma vez que este é representante da fauna endêmica do bioma inicialmente focado. Os fatores de influência na preservação do cerrado desta região também foram explorados com os visitantes. Desta forma, o objetivo geral se ampliou para outros aspectos oriundos da realidade encontrada.

Essas e outras questões poderão ser visualizadas ao longo das discussões nos seguintes capítulos, os quais foram construídos com o objetivo de ampliar o olhar sobre o ecoturismo na Reserva. Sendo assim, não se objetivou esgotar e concluir o tema, mas participar como mais um olhar no constante processo de construção do conhecimento.

1.4. Cenário Encontrado

A Reserva Particular de Patrimônio Natural²¹ “Santuário do Caraça” está localizada no estado de Minas Gerais, entre os municípios de Catas Altas e Santa Bárbara, a 120 km da capital do estado, Belo Horizonte (BH). As figuras 1.1 e 1.2 ilustram a proximidade da unidade com a referida capital mineira (ambas as localidades circuladas em vermelhos na figura 1.2).

²¹ Segundo a Lei 9.985/ 2000 (que estabelece o Sistema Nacional de Unidades de Conservação) as Unidades de Conservação estão divididas em dois grupos: os de Proteção Integral que se referem àquelas unidades que aspiram a preservação da natureza possibilitando apenas o uso indireto dos recursos naturais e as de Uso Sustentável que consistem nas áreas que desejam fomentar a conservação da natureza com o uso sustentável de uma parcela de seus recursos naturais. Neste grupo figuram as RPPNs. (BRASIL, 2000)

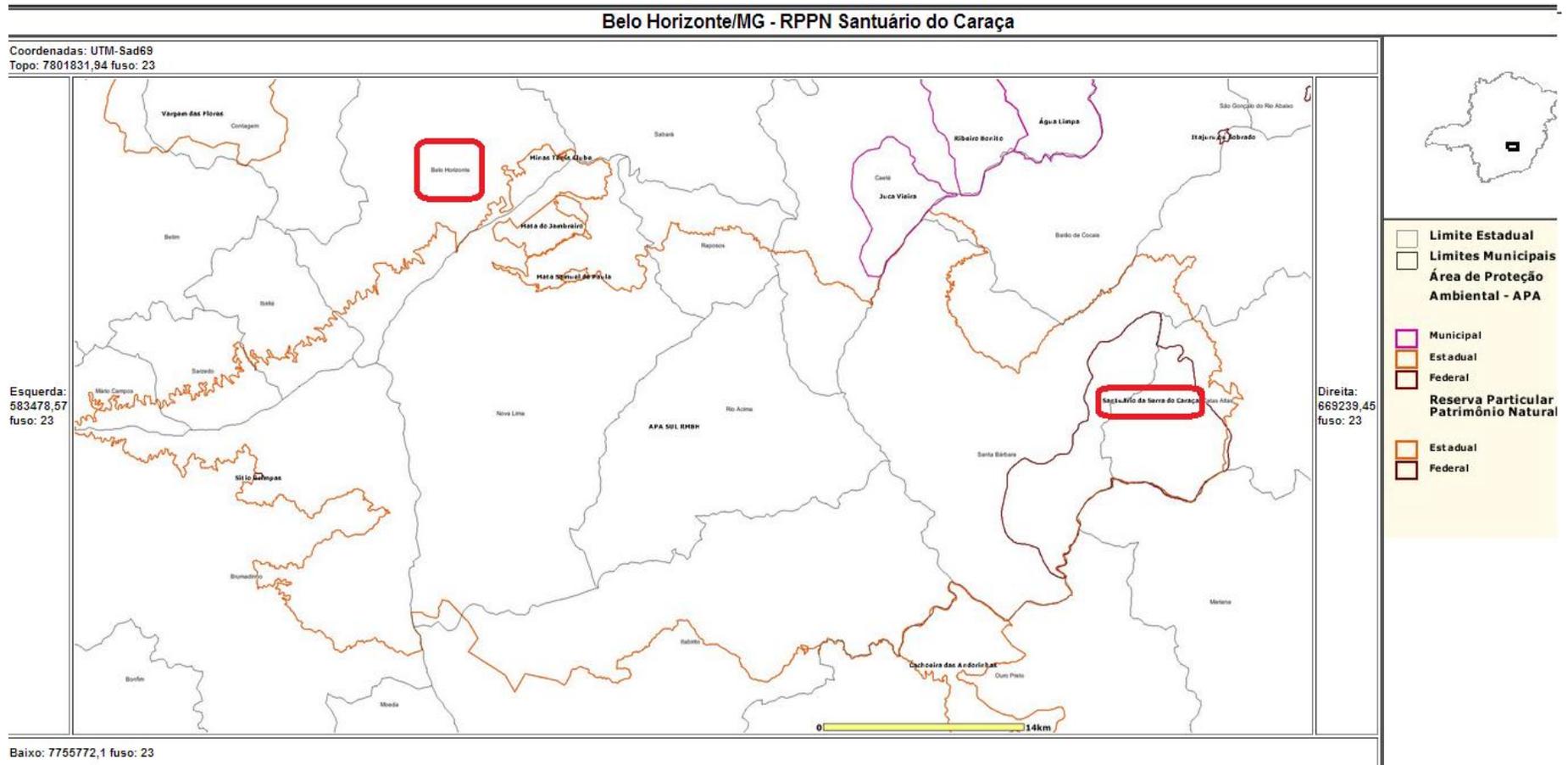
FIGURA 1.1: Localização do Caraça



Fonte: Santuário do Caraça²², 2013.

²² Disponível em: < http://www.santuariodocaraca.com.br/turismo/como_chegar.php>. Acesso em maio, 2013.

FIGURA 1.2: Representação da proximidade da RPPN com Belo Horizonte/MG



FONTE: Sistema Integrado de Informação Ambiental/ Governo do Estado de MG, organizado por FREDERICO, 2013.

Com 10.187, 89 hectares, esta Reserva é um dos maciços que compõe o chamado Quadrilátero Ferrífero, no início da Serra do Espinhaço. Esta região é destacada pela presença abundante de recursos minerais, o que justifica a existência da exploração de minérios, enquanto atividade econômica, desde o período colonial com o ouro até os dias atuais, com o minério de ferro (MACHADO, 2008; MOTA, 2012). A Reserva também está inserida na APA Sul RMBH (Área de Proteção Ambiental Sul da Região Metropolitana de Belo Horizonte), como evidencia a figura 1.2.

Mota (2012, p.71) esclarece que a área total do Caraça, de propriedade vicentina, congrega a área da RPPN, mas também outros espaços de manejo sustentável (na qual estão inseridas a sede e a Fazenda do Engenho), totalizando 12.403 hectares de área preservada.

Apesar de constituir um pedaço pequeno da Serra do Espinhaço, o Caraça apresenta uma biodiversidade expressiva, pois na totalidade de seu espaço observa-se o encontro de três ecossistemas diferentes, o cerrado, a mata atlântica e os campos de altitude.

Plastino et. al. (2010, p.392) pontuam que a vegetação presente nesta área está formada por uma mata estacional semidecidual, com diversos estágios de sucessão ecológica, apresentando variações de espécies pioneiras, secundárias e clímax. Encontramos grandes porções de cerradão que se misturam com formações florestais, morros com diferentes espécies de candeia, além da presença dos bioindicadores de qualidade de ar, aqui representados pelos líquens e musgos.

O clima é considerado tropical de altitude e chuvoso, em função da elevada altitude. São vivenciadas temperaturas médias que variam entre 15°C e 20°C, tendo alcançado poucas vezes os 30°C. Os valores mínimos chegam a atingir os 2°C negativos. Os picos do Caraça são constantemente envolvidos por uma névoa oriunda da saturação do ar, bastante úmido, semelhante aos das terras altas da Mantiqueira, Caparaó e Itacolomi. A Reserva está localizada numa das zonas mineiras de maior frequência de chuvas, com um índice pluviométrico parecido ao do município de Ouro Preto (GONTIJO; LIMA, 2012, p.65).

Sobre os aspectos relativos à hidrografia, os autores afirmam que a rede de drenagem da serra do Caraça está “contida na sub-bacia do Rio Piracicaba, que por sua vez é tributário do Rio Doce”. O Ribeirão Caraça é o rio mais volumoso da unidade, apresentando águas escuras em detrimento da matéria orgânica captada em seu percurso,

como também dos minerais provenientes das rochas de quartzito, provenientes da região (GONTIJO; LIMA, 2012, p.65).

Em relação à presença do cerrado, Goodland e Ferri (1979) acrescentam o cenário interessante existente em Minas Gerais ao classificá-lo junto com o Mato Grosso e Goiás, como os únicos Estados brasileiros que possuem todas as variações de vegetação deste bioma em seus territórios.

Ainda no contexto geográfico do Caraça, T.C²³, um dos guias locais e também funcionário da Secretaria de Turismo, Cultura e Desenvolvimento do município de Santa Bárbara, durante uma conversa ao longo de uma trilha do Caraça, acrescentou que o Caraça possui os dois pontos mais altos da Serra do Espinhaço: o Pico do Sol e o Pico do Inficionado, com a Bocaína no meio. Com isso, destaca-se as atividades de montanhismo no local.

De forma precisa, Mota (2012, p.73) afirma que as altitudes do Caraça variam de 750 a 2.072 metros. A sede da RPPN fica a aproximadamente 1.300 metros e os picos sinalizados pelo guia T.C. estão a 2.072 metros (o Pico do Sol) e a 2.068 metros (o Pico do Inficionado). O autor corrobora a informação do guia, pontuando ambos os picos como os pontos mais altos da Cadeia do Espinhaço.

Para aclarar essa diversidade de biomas que compreende a área do Caraça, o guia durante uma das entrevistas concedidas, nos explicou que:

“O Caraça tem um potencial natural e minerário muito grande. Você tem em termos de vegetação, biomas diferentes em uma situação extremamente curiosa. Se você for numa parte mais alta aqui do Caraça; a Capelinha, você vai perceber um mosaico vegetal. Tem mata atlântica, tem cerrado, tem campos de altitude, campo rupestre, em um espaço muito pequeno, muito limitado (...). Uma curiosidade que o Caraça tem aqui que a gente sabe, é uma porção mais interior da Mata Atlântica. Ela é tão interior, tão final, e na porção tão inicial, tão litorânea do cerrado, que tem espécie do cerrado que não tem por aqui. Então é muito interessante essa diversidade natural de biomas. Têm-se as áreas de hibridação - que a comunidade científica tem dificuldade de aceitar, porque desconhece – quando um bioma encontra com o outro, e um passa a absorver o outro. Aqui você vê, às vezes, uma árvore de mata atlântica do lado de uma espécie de cerrado.”

²³ Para o presente estudo optou-se por não revelar a identidade do entrevistado com o objetivo de resguardar o mesmo. Para tanto, serão utilizadas apenas a primeira letra do nome, e no caso dos padres, números (exemplo: Pe. 1; Pe. 2). Além disso, buscou-se reproduzir o relato tal qual ele foi feito com o objetivo de conferir a naturalidade presente nos mesmos. Os discursos serão apresentados e destacados em itálico.

As fotos 1.1 e 1.2 elucidam a fala do guia acerca da vista que a Capelinha possui do “mosaico” existente na Reserva. Ambas as imagens foram feitas durante a pesquisa de campo em julho de 2012.

FOTO 1.1: Capelinha



FONTE: ISABELA FREDERICO, 2011.

FOTO 1.2: Vista da Capelinha



FONTE: ISABELA FREDERICO, 2011.

Gontijo e Lima (2012, pp.65 - 66)²⁴ descrevem as formações florestais:

Em relação às formações florestais, a mata ciliar acompanha as margens dos cursos d'água perenes ou sazonais, possuindo um dossel descontínuo, sendo composta de árvores frondosas, de porte lenhoso considerável, salvo a mata ciliar de drenagens intermitentes. Quanto à cobertura florestal montana, que não é associada aos cursos d'água e possui espécies caducifólias [...] localizadas nas encostas da serra, em lugares de difícil acesso. À medida que se vai ganhando em altitude, essa formação florestal vai [...] dando lugar aos campos sujos, aos campos rupestres e aos campos limpos e de altitude.

Com toda a diversidade natural e cultural presente, esta pesquisa considerou o Caraça como um recorte interessante para o estudo de seus objetivos. Podemos observar também, outros três aspectos que corroboram com esta opção. O primeiro deles é o fato da unidade se constituir em uma iniciativa de conservação sob a responsabilidade do setor privado, ou seja, comumente vemos iniciativas de conservação atreladas ao poder público, como os parques nacionais. O Caraça conforme será possível observar, é propriedade de uma Congregação de Padres e possui sua atividade turística norteadas pelos paradigmas desta instituição.

O segundo ponto considerado importante é a adoção do ecoturismo como alternativa para a preservação da área, tendo em vista que a mesma sofre contínuas pressões do setor minerador existente na região. Em último lugar, a possibilidade de exploração de um fenômeno, o qual, por si só, constitui em um motivo de atração (às vezes o mais acentuado): o “ritual do lobo guará”. Este identifica o lugar trazendo uma singularidade própria e está relacionado ao aspecto sagrado do local, pois foi iniciado pelos padres residentes e é mantido até os dias atuais. Essas três situações serão mais bem discutidas ao longo do presente trabalho.

²⁴ Os autores também colocam outras informações importantes sobre a relação dessas formações com as sociedades que aí viveram. No âmbito dos *campos sujos* são relatadas áreas que sofreram desmatamento para pastagem, apresentando hoje uma vegetação resultante de processos de regeneração. Já no cume das montanhas os autores se utilizam da obra de Leite (1948) que faz referências aos cultivos feitos pelos padres de espécies europeias, como pereiras, ameixeras, oliveiras, carvalhos, dentre outras (GONTIJO & LIMA, 2012, p.66).

1.4.1 Percorrendo a história do Caraça

“[...] o Caraça revela incontestavelmente a sua raiz européia e um projeto educativo pioneiro em terras mineiras nos primórdios do século passado. Mas não se pode deixar de assinalar que parece ser ali que é a natureza quem dita os princípios.” (ANDRADE, 1993, p.20)

A história do Caraça sempre foi pautada pela religiosidade e espiritualidade²⁵. Desde seus primórdios foi um lugar dotado de misticismo e isolamento que evoca sensações atreladas à introspecção. Como poderá ser observado mais adiante, o santuário em diversos momentos durante a concepção de seu espaço, teve a interação entre os aspectos de seu ambiente natural com os culturais e históricos.

O primeiro registro do Caraça se deu no ano de 1708 em um mapa da Província de Minas Gerais. Neste documento, um trecho da Serra do Espinhaço recebia este nome (AFONSO, 2012²⁶). Segundo conta a história e os sujeitos diretamente envolvidos no santuário, o nome foi dado em referência ao formato da Serra, que se assemelha a um rosto deitado olhando para cima, como ilustra a foto 1.3.

²⁵ A relação entre a religiosidade do local e a espiritualidade serão melhor discutidas no capítulo 3.

²⁶ AFONSO, J. (www.revistasagarana.com.br/?p=293). Acessado em outubro de 2012.

FOTO 1.3: A “Caraça”



FONTE: ISABELA FREDERICO, 2012.

Otoni (2012, p.74) sustentado nas palavras de Silveira afirma existir referências de bandeirantes na área a partir de 1700. Estes chegavam à serra na busca pelo ouro. Platino et. al. (2010, p. 391) também colocam a existência de registros historiográficos indicando a presença de “arraiais na região, cujas origens remontam ao desbravamento do território brasileiro em busca de riquezas minerais pelos bandeirantes iniciado naquele período.”.

Segundo um importante padre da unidade, Zico (1982, p.14), o fundador do Caraça teria sido um senhor conhecido como Irmão Lourenço²⁷. Este português chegou à região no ano de 1770, quando o atual santuário ainda era uma sesmaria (entendida aqui por pedaços de terra abandonadas que os Reis de Portugal doavam para fins de criação). Após passar pelas montanhas de Nossa Senhora da Piedade, perto de Sabará, chegou a Serra de Nossa Senhora Mãe dos Homens e se encantou pela região optando por construir ali uma igreja.

Nesse período então iniciou a construção de uma capela barroca dedicada à santa que dava o nome à serra, de devoção mariana tipicamente portuguesa. Afirma-se que Lourenço contava com ajudantes, porém realizou o trabalho quase todo sozinho (AFONSO,

²⁷ A história de quem foi o Irmão Lourenço é rodeada de mistérios. Segundo o visitante G., historiador, existe uma estória afirmando que o Irmão veio para o Brasil de Portugal fugindo de uma perseguição após ser acusado de tentar matar o Marquês de Pombal. Já a obra do Pe. Tobias traz inúmeras lendas sobre este personagem, constando em uma delas o envolvimento do Irmão durante a Inconfidência Mineira, sendo o acusador de Silvério.

2012). Em 1779, a capela já pronta, contava com duas alas de dois andares que serviria de hospedagem para irmãos, peregrinos e escravos.

Em relação à paisagem natural do Caraça neste período, o francês Saint Hilaire durante uma passagem pelo local, ilustra em sua obra “Viagens pelo Interior do Brasil” algumas referências neste sentido, ao destacar a presença de matas, a coloração avermelhada dos riachos, indicando o ouro existente, além de ressaltar que a planície onde estava o local se encontrava cercada de montanhas cuja vegetação era escassa nos seus cumes, contando apenas com a presença de rochas nuas. Já nos sopés era possível presenciar, segundo o francês, matos esparsos (ZICO, 1982, p.13).

Com o passar dos anos e a idade avançada, o irmão Lourenço enfrentou dificuldades na construção do seu sonhado centro de peregrinação. Sendo assim deixou um testamento onde doava a terra ao rei de Portugal D. João VI com o pedido de que se o Caraça não servisse aos missionários, deveria atuar como um seminário para meninos, onde fossem privilegiadas as áreas de letras, ciências, artes e línguas (idiomas).

No ano de 1820, um ano após a morte do referido Irmão, chegam ao Brasil a pedido do rei, os padres portugueses Leandro Rebelo Peixoto e Antônio Ferreira Viçoso. Ambos eram da Congregação da Missão, uma instituição católica de origem francesa, cujos padres eram chamados de vicentinos ou lazaristas (ANDRADE, 1993, p.23; PEREIRA; CARRIERI, 2005, p.38). Esta instituição religiosa tinha como preceitos a participação em missões, paróquias, colégios, e também a ajuda constante aos pobres através de ensinamentos e educação (AFONSO, 2012; ZICO, 1982, p.28 e 29).

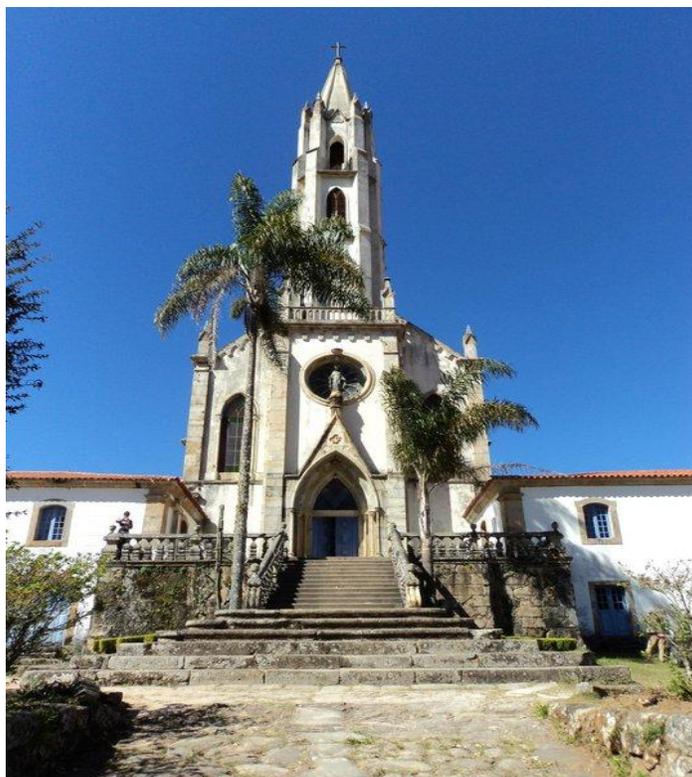
Orientados por essas ideias e pelo desejo de Lourenço, os dois padres iniciam em 1821 o Colégio do Caraça oferecendo aos alunos uma formação inspirada nos Padres Jesuítas, com estudos voltados para a formação cultural e religiosa, com traços humanistas, característica esta do ensino no Brasil Império. Os estudos eram voltados para aqueles que se dedicariam à carreira eclesiástica, como também para aqueles que desejavam apenas a magistratura (ZICO, 1982).

Desde 1830, o colégio passou por diversas reformas para receber os seus alunos e ampliar o leque de suas atividades. O grande destaque em termos de reforma e mudança no patrimônio arquitetônico do lugar, foi consagrado com o Pe²⁸. Clavelin e com o seu

²⁸ Pe. será utilizado como abreviatura para a palavra Padre.

sucessor, o Pe. Boavida, que em 1876 inauguraram a construção do que viria ser a primeira igreja neogótica do país, construída no mesmo lugar da antiga capela barroca do Irmão Lourenço. A foto 1.4 elucida essa marcante construção do Caraça. Nas escadarias dessa igreja é realizado diariamente o ritual de alimentação do lobo guará.

FOTO 1.4: Vista atual da igreja neogótica do Caraça



Fonte: ISABELA FREDERICO, 2011.

Entretanto, a história do Caraça também foi pautada por algumas dificuldades. No ano de 1842, por exemplo, a unidade enfrentou crises advindas da política que inferiram também no interior da própria congregação – pois o santuário estava em meio a uma revolução que o governo de Minas desejava empreender contra o Governo do Imperador D. Pedro II – o que fez com que o colégio parasse de funcionar por um período, voltando a se restabelecer apenas no ano de 1854, período no qual se deu uma reconstrução do lugar, destacando-o como escola apostólica e seminário maior, ou seja, espaço para a formação de padres (SARNEL *apud* ZICO, 1982, p.36 e 37).

Todavia, dentro das mudanças sofridas pelo colégio, o autor cita que no ano de 1966, o colégio ajustando-se aos Ginásios do Governo adotou uma dupla formação, funcionando como recanto para a carreira sacerdotal, como também para os que desejavam apenas estudar no regime de internato (TOBIAS, 1982, p.118).

O Caraça durante todos esses anos se configurou como um importante centro educativo do Brasil. Afonso (2012) destaca que ao longo dos 150 anos em que funcionou, a unidade recebeu por volta de 11 mil alunos. Entre eles se formaram aproximadamente 500 padres, 21 bispos e 120 políticos, com destaque para os ex-presidentes da república Afonso Pena e Arthur Bernardes. O colégio do Caraça foi, possivelmente, o mais antigo estabelecimento de ensino secundário do estado de Minas, destacando-se dos antigos colégios jesuítas da colônia por sua formação clássica (ANDRADE, 1993, p.72).

O colégio funcionou até o ano de 1968, quando ocorreu um incêndio e muitas das estruturas físicas foram consumidas pelo fogo. Zico (1982, p.124) esclarece que após perícia, concluíram: “[...] um aluno, após o trabalho do recreio da noite, não viu que atrás da porta da encadernação, que se fechava, ficou ligado o fogareiro elétrico, o que ocasionou, de madrugada, o incêndio do edifício”.

Padre P. que atualmente compõe o quadro da gestão do Caraça, e na época acima era estudante do local, elucida o acontecido durante uma conversa: *“Pegou fogo não tem mais condição nenhuma, queimou tudo. Os meninos tiveram que voltar pra casa.”*. Esse episódio provocou o fechamento do Caraça enquanto colégio.

Durante entrevista, a coordenadora ambiental explica que após o ocorrido deram-se início as visitas ao santuário. Ao caracterizar as visitas desenvolvidas no Caraça desde seus primórdios, ela pontua a fase do irmão Lourenço como a elegida pelos peregrinos e bandeirantes. Já durante o período do colégio a unidade se fechou permitindo apenas visitas esporádicas de familiares dos alunos. Após o encerramento da unidade enquanto instituição de educação formal iniciou-se um fluxo de visitantes da região curiosos por saber como era esse local.

Esta nova fase não teve um planejamento prévio, como pontuam Pereira & Carrieri (2005, p.39). Os autores, assim como a coordenadora ambiental, reafirmam que após desocupação do espaço físico deu-se início a um fluxo de visitantes, porém, de forma

desorganizada. Os autores e também um dos guias locais, durante entrevista, explicam ser este público formado principalmente por ex-alunos, familiares e pessoas da região.

A transformação dessa visitação em um fluxo turístico foi se consolidando com o passar dos anos (PEREIRA; CARRIERI, 2005, p.39). Para o Padre P. este processo se deu de forma gradual, “[o turismo] *ah isso daí foi com o tempo, à medida que foram criando as estradas em 76/77, foram criando um turismo, para visitas de ruínas, estudos (...)*”. O fato da construção de estradas, mais especificadamente da Rodovia Padre Jerônimo, enquanto catalisador do turismo na unidade, também foi destacado nos estudos de Platino et. al. (2010, p.393).

Zico (1982, p.135) ao discorrer sobre o cenário posterior ao incêndio supracitado, também pontua o importante papel da “estradinha do Pe. Jerônimo”, assim chamada por ele. Esta fazia a ligação dos vinte quilômetros entre o município de Santa Bárbara e a igreja do Caraça.

O cenário de visitação desenvolvido durante a década de 1970 promoveu mudanças no âmbito do espaço local. A atividade turística iniciada de maneira desorganizada, mais propriamente de forma espontânea, produziu impactos no patrimônio local relacionados ao descuido dos visitantes como, lixos deixados em trilha, depredação de construções históricas, principalmente por volta da década de 1980.

Nesse período a gestão da Congregação entendeu que alguns de seus preceitos internos como o respeito e a espiritualidade estavam comprometidos pelo desordenamento das visitas. Desta forma, como destaca a coordenadora ambiental, buscaram auxílio com órgãos ambientais para formalizar a área como uma unidade de conservação. Essas e outras ações de reconstrução do santuário permitiram, segundo Pereira & Carrieri (2005) um direcionamento do turismo, principalmente para os dois patrimônios existentes, o natural e o histórico-cultural.

O Caraça passou a viver então uma nova fase. O turismo se configurava como uma alternativa para a continuidade dos princípios de sua criação, isto é, como um espaço para a oração, repouso, estudo e preservação dos recursos naturais e históricos, ou seja, um centro de peregrinação, cultura e turismo conforme esclarecido por Pe. L., ex aluno e atual diretor do Colégio São Vicente de Paulo, da cidade do Rio de Janeiro.

A questão da peregrinação é entendida pela irmandade como a possibilidade de reencontro do ser humano com as questões da religiosidade, através dos atos intrínsecos nos costumes vicentinos existentes no santuário, como por exemplo, a realização de missas diárias na catedral neogótica e a comemoração de datas importantes para a congregação, como a celebração do dia de São Vicente de Paula, fundador da Congregação Vicentina, realizada todo ano no mês de setembro.

Melhoras foram se estabelecendo de forma concomitante com a nova vida emergida no Caraça. Em 1990, por exemplo, foi desenvolvido um projeto de restauração do prédio queimado a fim de transformá-lo em recinto de memória local, abrigando um museu com peças do antigo colégio e também uma biblioteca com obras do século XV ao XIX. A nova edificação, de arquitetura modernista, se destaca em relação aos demais prédios pertencentes ao patrimônio histórico arquitetônico (como pode ser observado na foto 1.5²⁹).

FOTO 1.5: Prédio de memória local



Fonte: ISABELA FREDERICO, 2011.

²⁹ Circulei em vermelho a nova edificação na imagem para melhor visualização.

Um importante elemento para a demanda turística, já destacado aqui, é a presença praticamente diária do lobo guará³⁰. Este ato, com início na gestão do Pe. Tobias Zico, em 1982 se deu após a percepção dos lixos da unidade estarem sendo revirados durante a noite. A princípio acreditavam serem cachorros, mas depois perceberam que se tratava desta endêmica espécie do cerrado. De acordo com Afonso (2012) e com a coordenadora ambiental, instigados pela curiosidade em relação ao animal, começaram a colocar bandejas nas proximidades da igreja, e depois no adro (espaço entre a porta da igreja e a escada) da mesma, a fim de mostrar para o animal que ali, ele estava em um lugar seguro para se alimentar.

Este momento, que acontece diariamente até os dias de hoje, atrai grande parte dos visitantes do Caraça. É um traço ímpar da Reserva possibilitando o encontro entre a natureza, cultura, e a religiosidade. Em razão da importância deste evento para esta pesquisa, teremos no terceiro capítulo uma maior discussão do mesmo em relação à atividade turística da Reserva.

Atualmente, a atividade turística apresenta melhor organização e estrutura receptiva, visando um turismo atrelado à espiritualidade, à educação e à cultura conectadas ao patrimônio histórico e natural existente.

O turismo exerce um importante papel para o santuário, uma vez que esta região é alvo de pressão do setor minerador, interessado em explorar a área no âmbito dos seus recursos minerais. Visualizei durante a pesquisa como a congregação vicentina consegue manter este território com a verba obtida através da visitação. Atualmente, o Caraça recebe, segundo a coordenação ambiental, uma média anual de 60.000 visitantes e 17.000 hóspedes³¹. Os espaços disponíveis (a apresentação e o movimento da atividade nesses espaços serão apresentados no capítulo três e quatro) para esse fluxo são as construções históricas, como a igreja neogótica, as capelas barrocas, o calvário, o museu, a biblioteca, e também os passeios e trilhas em meio à mata atlântica e ao cerrado e o ritual do lobo guará.

³⁰ Os hábitos da espécie, bem como o ritual, serão abordados no terceiro capítulo.

³¹ Esse foi o número apresentado pela Coordenação Ambiental no ano de 2011, com base nas pesquisas realizadas pela unidade. Essa visitação está distribuída ao longo de todo ano. Pude observar após conversas com os funcionários, que no caso da visitação de hóspedes, o Caraça é muito requisitado nos meses de dezembro, janeiro e julho. Contudo, esse público também se expressa nos demais meses, porém em menor escala em relação aos meses supracitados.

A formalização do santuário como Reserva de Patrimônio Particular, realizada no ano de 1994, encontra na atividade turística hoje, um pilar primordial para a sua preservação. O Caraça resguarda aspectos ecológicos importantes, como as áreas de cerrado.

Este bioma é o segundo maior do país (representando cerca de 25 % do território brasileiro), atrás apenas da floresta amazônica. Localizado na região central do país, compreende 17 Estados, com maior expressividade em Goiás, Tocantins e no Distrito Federal. (GOODLAND; FERRI, 1979; MMA, 2007).

É considerado como a grande savana brasileira – a savana tropical mais biodiversa do mundo -, abriga uma megadiversidade de flora e fauna de grande relevância, com um número considerável de espécies de caráter endêmico, entre eles o lobo guará – importante personagem do Caraça - . Além disso, o cerrado apresenta alta porcentagem de representatividade de mamíferos (37 %), aves (49%), répteis (50%) e peixes (40%) em relação à totalidade de espécies no Brasil (KLINK; MACHADO, 2005).

No que tange a sua fisionomia vegetal, o cerrado abriga um mosaico com a presença de formações florestais; savânicas e campestres (MMA, 2007). Ao abordar a ecologia do bioma, Goodland e Ferri (1979, p.167) descrevem a paisagem deste como sendo uma mistura de árvores baixas e um estrato herbáceo rasteiro altamente desenvolvido. No sentido horizontal, os ambientes de cerrado sofrem diversas mudanças, podendo conter em uma mesma região áreas campestres, capões de mata, florestas e áreas brejosas (MACHADO et. al., 2004)

É relevante também, o fato deste abrigar as nascentes de importantes bacias hidrográficas da América do Sul como a Amazônica, a do São Francisco e a Platina (WWF - Brasil, 2000). A sua conservação torna-se necessária então para a manutenção da biodiversidade presente na Amazônia e no Pantanal, uma vez que acolhe as nascentes dos principais rios que banham esses biomas.

Apesar das importâncias dos aspectos citados acima, o cerrado é bastante ameaçado na atualidade, caracterizando-se como um *hotspot*³². Segundo Felfili, Silva e Scariot (2005)

³² A expressão *Hotspot* foi criada pelo ecólogo Norman Myers no ano de 1988 para designar as áreas naturais com necessidade prioritária de conservação em função de conter um número alto de biodiversidade e sofrer um alto risco de ameaças. Um *hotspot* deve conter pelo menos um número de 1500 espécies endêmicas e já ter perdido ¾ de sua cobertura inicial. (Conservação Internacional, s.d.).

restam apenas 20% da cobertura original do bioma. Esse número reflete a intensa pressão que atividades como pastagens para a criação de gado de corte e a monocultura (ex: a soja) estão impondo sobre o mesmo. No caso do Caraça, essas ameaças se debruçam em torno da mineração, da monocultura de eucalipto e da produção clandestina de carvão.

Uma das alternativas encontradas para a conservação de áreas naturais no Brasil foi a criação das Unidades de Conservação. Em relação ao cerrado, estas áreas estão restritas em torno de 2 % de toda sua extensão, um número inexpressivo em termos de preservação.

Desta forma, a relevância dessas unidades é colocada ao lado da necessidade de políticas públicas que contemplem a conservação e a educação ambiental, assim como um novo modelo de desenvolvimento mais crítico que incorpore outras dimensões além da econômica (MAMEDE; BENITES, 2008, p.219).

O Caraça, enquanto uma unidade de conservação particular desenvolve o ecoturismo. Esta atividade, quando bem planejada pode incitar os desejos de conhecimento e preservação. Visitar este ambiente pode provocar a interação entre aspectos histórico-culturais e natureza.

1.4.2. Buscando compreensões no debate ambiental

Ao analisar os objetivos aqui propostos, considero importante contextualizar brevemente alguns momentos da história que nortearam as relações entre o homem e a natureza. O santuário, hoje, enquanto área protegida, está inserido em um contexto mais amplo de criação de Unidades de Conservação³³, processo derivado de uma crise vivenciada e denunciada pela sociedade entre as décadas de 1950 e 1960.

Durante esse período, através da percepção de discrepâncias sociais, religiosas, econômicas e políticas, uma série de movimentos “filosóficos, espirituais e políticos” iniciou uma busca em comum, para resgatar dimensões humanas renegadas pelo sistema de produção vigente, bem como uma luta em prol das questões socioambientais (CAPRA, 1992).

³³ O processo de valorização de áreas naturais e a formalização da ideia de áreas protegidas no Brasil pode ser melhor compreendido no capítulo “Parques Nacionais e Conservação no Brasil”, da obra “O Mito Moderno da Natureza Intocada”, de Antonio Carlos Diegues. Durante a leitura, é possível assimilar as contradições inerentes ao imaginário de áreas protegidas no Brasil.

Entre esses movimentos chamados de contraculturais está o ambientalismo. Bruhns (2009, p.5) acredita que “o ambientalismo enquanto movimento crítico-social influenciou a atual busca pela natureza, que recebeu conotações diferenciadas ao longo de seu percurso histórico em diferentes contextos”. Dessa forma, destaco a importância de se estabelecerem vínculos entre o cenário vivenciado por nós e o ecoturismo na atualidade, a fim de se compreender melhor a teia de complexidade envolvendo a ida às áreas naturais.

Ao perceber o cenário de crise e respeitar a historicidade inerente a ele, serão esclarecidos, de maneira breve, alguns dos marcos da história norteadores da nossa concepção de natureza e da forma pela qual nos relacionamos com ela.

Capra (1992), em sua obra “O Ponto de Mutação”, indica a vivência global de uma crise de “dimensões intelectuais, morais e espirituais”. Uma situação conflitante, na qual o ser humano convive com a possibilidade real de autodestruição³⁴, em função das tecnologias armamentistas desenvolvidas por ele próprio — vide os acontecimentos com as bombas atômicas em Nagasaki e Hiroshima, no ano de 1945 (CAPRA, 1992; GONÇALVES, 2002). Ambos os autores proclamam a necessidade de uma reflexão mais profunda do significado de natureza e sobre nossa relação com ela e com a alteridade, uma vez que, no contexto atual, gastam-se milhões de reais em uma corrida armamentista e, diariamente, adultos e crianças em regiões menos favorecidas morrem em decorrência da falta de investimentos em áreas como saúde e educação.

Leff (2001) situa a crise ambiental como resultado de uma crise do pensamento ocidental que, orientado por uma racionalidade científica e instrumental, gerou a concepção de um mundo fragmentado e mecanicista, desconsiderando as relações de pertencimento entre a natureza e o ser humano. O ambiente natural é, a partir dessa óptica, interpretado com lentes utilitaristas do sistema econômico vigente.

O cume do pensamento ocidental, citado pelo autor, reflete uma série de interpretações do conceito de natureza. São inferidos como pressupostos de mundo a ordem e a fragmentação, incitando um processo de desnaturalização e racionalização da espécie humana e de suas relações.

³⁴ Arendt (2004, pp. 244-245) destaca a incapacidade humana de desfazer ou controlar com segurança os produtos derivados de suas ações. Ao abordar esse assunto, a autora ressalta ainda a habilidade do homem de destruir tanto os objetos criados por si próprio, como também, na atualidade, aqueles criados pela natureza.

A ideia de progresso e crescimento foi vinculada à industrialização, na qual as relações de mercado se tornavam mais importantes que as relações humanas, ocorrendo processos de estratificação social.

A deterioração do ambiente natural era justificada pelas grandes empresas como resultado de benefícios como empregos, suposta qualidade de vida e crescimento econômico. A poluição, o consumo excessivo dos recursos por uma parcela mínima da sociedade, além de comportamentos como o desperdício e a alta produção do lixo, impulsionava o movimento ambientalista delatando a ideia contraditória do progresso (BRUHNS, 2009, pp. 6-7).

É importante ressaltar, entretanto, que essa característica “destrutiva” do ser humano não demonstra ser inerente a nossa espécie. Em muitos discursos, ouvimos o homem ser considerado o culpado pelo problema ecológico. Porém, como fora possível observar, isso decorre da forma como o processo civilizatório foi conduzido. Basta observar a relação existente entre a natureza e algumas comunidades tradicionais, como ressaltam Gonçalves (2002) e Leff (2010) ao discorrer sobre os Imaginários Sociais³⁵.

Situando esse período na realidade da reserva pesquisada aqui, Mota (2012, p.154) demonstra como a ideia de “progresso” estava intimamente relacionada aos impactos negativos na natureza existente:

A partir de 1930 e após 1950, grande parte das matas das encostas dessa Serra [do Caraça] foi derrubada para sustentar a demanda por carvão vegetal para as empresas siderúrgicas da região, restando hoje, nesses locais, praticamente florestas secundárias.

O movimento ambientalista gerou diferentes representações e percepções. Leis (1998, pp. 48-49) desenvolve esse tema de forma elucidativa. Segundo o autor, nos anos de 1960, os problemas foram identificados como fruto de uma “crise de participação”, manifestada por grupos da sociedade que desejavam um acesso mais igualitário aos bens ambientais. Já na década de 1970, a partir do relatório do Clube de Roma e de Estocolmo 1972, os problemas ambientais foram apontados como uma “crise de sobrevivência”,

³⁵ No artigo “Imaginarios Sociales y sustentabilidad” (2010), Leff propõe a compreensão de outros imaginários e simbolismos para com a natureza, na busca por novas formas de relação com a mesma.

implicando mais que exclusão social. A exclusão não resolveria a escassez de recursos e esta impunha limites naturais intransponíveis para o crescimento contínuo.

Nos fins dos anos de 1970 e início da década de 1980, sem eliminar as crises anteriores, a representação social dos problemas ambientais passa a ter ênfase numa “crise cultural”, indicando a necessidade de emancipação da ideia de progresso destrutiva e dos valores materialistas dominantes. A partir daí, a crise ambiental é associada a uma herança de ideias, valores, crenças e conhecimentos, os quais constituem os pilares da ação social.

A crise se manifesta em aspectos do cotidiano da sociedade, historicamente percebidos através dos desequilíbrios ecológicos, das desigualdades sociais, das constantes crises econômicas, bem como dos radicalismos religiosos e políticos. Para Capra (1992) a essência do pensamento ecológico está no fato de não aceitar a linearidade da realidade, que é controversa e contraditória.

Complementando a reflexão acima, para Masi (2000, p. 11) “a realidade não está em crise. Ela se transforma continuamente. Porém, estão em crise nossos modelos mentais de compreensão desta realidade.” Para este pensador, a sensação de crise deriva da necessidade de ajuste aos modelos interpretativos.

A concepção da crise ambiental no século XXI não congrega os fatos isolados, colocando a fragmentação do conhecimento e a destruição do meio ambiente como efeitos de um mesmo processo, como aponta Leff (2007, p. 47, tradução nossa³⁶):

A questão ambiental, mais do que uma problemática ecológica, é uma crise do pensamento e do entendimento, da ontologia e da epistemologia com que a civilização ocidental tem compreendido o ser, o outro e as coisas; da racionalidade científica e tecnológica com a que se tem dominado a natureza e economizado o mundo moderno; das relações e interdependências entre esses processos materiais e simbólicos; naturais, culturais e tecnológicos.

Nesse contexto, o autor sugere um “saber ambiental” que assuma a incerteza, o caos e o risco como resultados de um conhecimento que pretendia anulá-los. (LEFF, 2007, p.47).

Conformando a percepção de uma crise no século XXI, Jacobi (2007, p.462) também traz colocações importantes. O autor faz uma análise semelhante, apontando uma

³⁶ Citação no idioma original: “La cuestión ambiental, más que una problemática ecológica, es una crisis del pensamiento y del entendimiento, de la ontología y de la epistemología con las que la civilización occidental ha comprendido el ser, a los entes y a las cosas; de la racionalidad científica y tecnológica con la que ha sido dominada la naturaleza y economizado el mundo moderno; de las relaciones e interdependencias entre estos procesos materiales y simbólicos; naturales, culturales y tecnológicos.” (LEFF, 2007).

crise não apenas ecológica, mas também “do estilo de pensamento, dos imaginários sociais, dos pressupostos epistemológicos e do conhecimento que sustentaram a modernidade.” Constitui-se uma crise da existência do ser no mundo, que se manifesta tanto em ordem interna aos seres (nas condutas sociais autodestrutivas) como também em âmbito externo (degradação da natureza e da qualidade de vida das pessoas).

Viola e Franchini (2012, p. 2) apontam outra característica do cenário atual de crise: “a aceleração da história”. Esta se constitui em um processo, em primeira instância, “social e cultural”, pois reflete num aumento intenso da velocidade dos processos sociais. Apresenta-se também como um evento físico, ao observarmos as atividades antrópicas resultando em mudanças na “própria fisionomia do planeta” (consumo de recursos, destruição da biodiversidade, alteração no sistema climático, contaminação da água), em um ritmo acelerado. Essa aceleração tem como forte aliada a rapidez oriunda das inovações tecnológicas, principalmente no âmbito da informação. Complementando, os autores afirmam:

A aceleração dos processos físicos e sociais tem inúmeras conseqüências nos mais diversos âmbitos, mas, em termos gerais, torna a dinâmica civilizatória mais complexa e imprevisível, colocando maiores desafios ao comportamento individual e coletivo, assim como às disciplinas que os estudam.

Somado à característica de “aceleração” destacada pelos autores acima, o modo de produção capitalista, que orienta em grande parte a comunidade global, traz enraizado dois aspectos importantes relacionados à degradação ambiental: o excesso e o desperdício. Bauman (2008, pp. 52-53), ao destacá-los dentro da perspectiva da sociedade de consumidores³⁷ — na qual o conceito de felicidade está atrelado ao consumo do “novo” como fator inerente ao excesso —, coloca a estagnação e a suspensão como aspectos desvalorizados no imaginário das pessoas, provocando-lhes a sensação de constituir uma massa cinzenta quando não estão consumindo. Assim, o “ritmo de aumento do já enorme volume de novidades tende a ultrapassar qualquer meta estabelecida de acordo com a demanda já registrada”.

³⁷ Bauman (2008, p. 71) define que a sociedade de consumidores “representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumistas, e rejeita todas as opções culturais alternativas”.

Para atender a demanda por produtos e bens “novos” a uma velocidade desenfreada, valores de “renovação” associados à “aceleração do progresso” contribuem para o aumento do desperdício e do lixo, desenvolvendo esse ritmo frenético num panorama onde o não acompanhamento desse processo situa os próprios sujeitos como obsoletos e estagnados.

O santuário do Caraça pode ser situado nessas mudanças e apresenta características ameaçadoras relacionadas à sua história, onde a mineração exerce pressão contrária a sua preservação. As cidades que abarcam a Reserva — Catas Altas e Santa Bárbara — têm como principal atividade econômica a extração de minério. Plastino *et al.* (2010, pp. 383-384) ressaltam o fato de ambas as cidades estarem “entremeadas a empreendimentos mineradores de ferro e ouro, de propriedade de empresas como Vale e AngloGold-Ashanti”. Os autores ainda destacam extensões de monocultura de eucalipto e a extração de minerais não-metálicos — para fins da construção civil — como atividades presentes no local.

Durante as pesquisas de campo, foi possível a visualização desses cenários nas áreas fronteiriças à Reserva, através de uma viagem de ônibus no trecho Santa Bárbara – Ouro Preto (MG), e também através do ruído de explosões, escutado até mesmo dentro do Caraça. Ressalto aqui a fala de uma monitora oriunda de Brumal (comunidade pertencente ao município de Santa Bárbara). Ao ser perguntada se a comunidade do entorno da Reserva desejava a preservação do santuário, ela afirma que:

“Eles querem sim que essa área seja preservada, porque na verdade eles já observam a destruição ao redor. O Caraça é tomado, ao redor, por mineradoras e a maioria das comunidades tem essas mineradoras do lado. Então elas olham o que essas mineradoras causam. Elas sentem a necessidade de se ter um local preservado próximo”.

Já ao responder quais seriam alguns desses efeitos, afirma:

“Primeiro, no trânsito, é caminhão passando o dia inteiro. Então, antes as crianças que podiam brincar na rua hoje já não podem mais. Até no próprio ar, tem muito problemas respiratórios também”.

A fala da monitora reforça algumas das questões pontuadas na discussão da crise ambiental. Vivemos em um modelo de sociedade dotado de um conceito de crescimento contraditório e excludente. Para Arendt (2004, p. 51), a base da moderna ciência da economia reside no conformismo, além de privilegiar a estatística como seu principal instrumento. Dessa forma, o processo de quantificação se sobrepõe ao de qualificação nas relações humanas, e os olhares sustentados em uma lógica racional e unívoca prevalecem como forma de agir e viver no planeta.

Jacobi (2007, p. 463) traz elementos para o debate. Situando a problemática ambiental como uma oportunidade de reflexões em torno da importância da democracia participativa, isto é, do envolvimento da população na criação de alternativas de gestão dos ambientes. Segundo o autor,

A postura de dependência e de desresponsabilização da população decorre principalmente da desinformação, da falta de consciência ambiental e de um déficit de práticas comunitárias baseadas na participação e no envolvimento dos cidadãos, que proponham uma nova cultura de direitos apoiada na motivação e na co-participação na gestão do meio ambiente, através de diversas dinâmicas.

Leff (2007, p. 52) propõe novas formas de se relacionar no mundo e de construir o conhecimento, fundamentados num “saber ambiental”, o qual questiona a racionalidade dominante e promove uma outra envolvendo a diversidade de valores e saberes nas relações com a natureza presentes em outras culturas. O saber ambiental se construiria sob um enfoque que ultrapassa o conhecimento científico, abrindo um diálogo de saberes no qual se manifestam e se entrelaçam diferentes racionalidades e culturas.

Compreende-se, ainda, a necessidade de se estabelecerem novos vínculos com o mundo e com a alteridade. De construir o conhecimento não apenas pautado em modelos de certeza e de verdades absolutas, mas também integrando o diferente e convivendo com o inesperado, o imprevisível, abrindo vias para a sensibilidade, para a ética, para a participação da diversidade.

Esta pesquisa resgata o encontro com o outro e com novas possibilidades de relação com a vida através da viagem. Alguns dos autores citados acima destacam o papel desta prática na sociedade contemporânea.

A viagem se constitui como uma atividade marcante de lazer na atualidade. Com as facilidades intrínsecas à globalização e ao desenvolvimento tecnológico, tivemos as distâncias reduzidas na esfera da percepção e do tempo e, com isso, o deslocamento das pessoas — com fatores socioeconômicos distintos — tornou-se mais presente.

O deslocamento pode representar uma quebra com os padrões normativos vivenciados, principalmente, no cotidiano urbano. Como discutido acima, os preceitos norteadores do modo de produção vigente estão em sua maioria atrelados aos aspectos estéticos da razão, produzindo uma sensação de artificialização nos aspectos naturais referentes à nossa existência enquanto espécie humana.

Para Krippendorff (1989) os sujeitos confrontados com o caráter mecanicista dos locais de trabalho e de suas moradias, sentem o desejo de se desprenderem, com o fim de restabelecerem uma relação com o novo.

Algumas propostas de viagem apresentam alternativas em relação ao turismo massivo moderno³⁸, uma vez que o padrão de viagem engessado e artificializado está sendo rejeitado por uma parcela dos viajantes, na atualidade. Nessa nova perspectiva, Zaoual (2008, p. 3) coloca que o turismo pode caminhar para experiências que promovam uma ruptura com a realidade unívoca do cotidiano, um enriquecimento do “eu” e o encontro com o outro. Dentre essas experiências situo o desejo por visitar os ambientes naturais como uma aventura contemporânea.

Como coloca Bruhns (2010, p. 68), “a busca por aventura na contemporaneidade é uma espécie de protesto contra um ritmo de vida orientado unicamente para a produção”. A autora faz uma discussão sobre o paradoxo existente entre uma sociedade que se afirma “plena” e realizada através de seu avanço tecnológico, mas que ao mesmo tempo também apresenta sintomas de um “vazio” e uma necessidade de subjetividade. Além disso, indica o atual desejo pela viagem como uma possível resposta ao comportamento de residência, instituído pela modernidade.

Durante entrevista com a bióloga F., recém-formada e visitante do Caraça por quatro anos, é possível exemplificar as motivações que norteiam essas visitas à natureza:

³⁸ Cruz (2003) entende o turismo de massa como uma forma de organização interligada entre agenciamento, transporte e hospedagem, com o objetivo de baratear custos e conseqüentemente possibilitar que um grande número de pessoas se desloque em viagens de lazer.

“Venho sempre porque aqui me traz muita paz, a partir daquele portão pra frente eu esqueço tudo, onde eu trabalho, os meus problemas, eu fico espiritualizada, não só pela igreja, mas por ser só isso, e a natureza me traz uma paz de espírito muito grande.”

Contudo, a prática da atividade demonstra que essas viagens também foram incorporadas na lógica do mercado. Bauman (2008) discute como o processo de construção da identidade está intimamente relacionado aos “kits identitários” fornecidos pelo mercado. Os bens são reflexos de uma “aparência” que confere valor e distinção àquele que os consome, perante uma “massa” que os deseja.

O que antes era considerado “mercadoria” em uma sociedade de produtores, hoje é tido como “subjetividade” em uma sociedade de consumidores. Esta reside na compra e na venda de símbolos empregados na construção da identidade. “O que se supõe ser a materialização da verdade interior do *self* é uma idealização dos traços materiais — “objetificados” — das escolhas do consumidor” (BAUMAN, 2008, pp. 23-24).

Bruhns (2009, p. 74) destaca como a viagem, na contemporaneidade, reflete um elemento estratificador na sociedade. O deslocamento constitui um valor bastante cobiçado, considerando-se que estar parado em um mundo globalizado reflete uma posição de “degradação social”. Constitui um valor que distingue as pessoas, na medida em que é tido como uma “mercadoria escassa e distribuída de forma desigual”.

Estar em contato com a natureza representa também uma experiência de aventura, do exótico, constituindo valores bastante requisitados por uma sociedade cujos habitantes buscam se diferenciar uns dos outros por meio de símbolos inerentes aos bens e serviços consumidos. Luchiari (2002, p. 27) contribui para nosso entendimento afirmando:

A ideologia do trabalho na economia capitalista incorporou ao tempo livre a técnica, a especialização e a normatização das práticas sociais. Ao mesmo tempo, nas territorialidades do tempo livre, um conteúdo ideológico capaz de vender paisagens idealizadas pela mídia, pela moda, pelas possibilidades técnicas de fazer um europeu se sentir um Tarzan dentro de um lodge na Floresta Amazônica, vem imprimindo no território enclaves monofuncionais e socialmente seletivos.

A autora reflete sobre as segmentações de turismo voltadas à natureza, que revestidas sob um enfoque de “sustentabilidade” se encontram, em sua grande maioria,

limitadas pela ótica do mercado, induzindo a processos contraditórios de privatização de bens públicos.

Luchiari (2002), todavia afirma que o turismo pode representar uma “possibilidade de vivenciar, de uma maneira mais saudável, as nossas cidades, as nossas reservas florestais, as paisagens naturais e a diversidade cultural”. Ou seja, quando não orientada unicamente pelo projeto do mercado e do lucro, essa prática poderia conduzir a processos de “mudança sociocultural”. Porém, para tal realidade figurar, os espaços turísticos não podem reproduzir aspectos como o individualismo, tampouco a inclusão das populações locais sob uma perspectiva vertical e racional (LUCIARI, 2002, pp. 38-39).

Mendonça (2000, pp. 138-139) também reflete sobre como as iniciativas de ecoturismo comumente encontradas baseiam-se nos atrativos e não na experiência. Apresentam-se como viagens pouco interativas, nas quais a relação de dominação é efervescente no “consumo de paisagens”. Contudo, a autora sinaliza a outra face possível da atividade:

O ecoturismo pode ser concebido e planejado respeitando o seu potencial de, além de conservar a natureza, poder ampliar as possibilidades humanas de desenvolver uma relação integral com ela. Nesse processo, ele pode contribuir para que os indivíduos evoluam em relação ao conhecimento e ao respeito a si próprios. Ao mesmo tempo, propiciar o desenvolvimento de uma relação de respeito e interesse pelo outro.

A viagem pode então se apresentar como um momento de transfiguração, de subversão, facilitando novas representações do ser humano. Mais precisamente no âmbito deste trabalho, tento mostrar a necessidade de novas representações no panorama que congrega também um bioma, como o cerrado, que demanda novas formas de sensibilização e relação. Como colocam Mamede e Benites (2008, p. 219), a transformação dos olhares sobre o cerrado só será possível através de uma reorientação e da vivência com o bioma.

A relação estabelecida entre a sociedade e este bioma carece de um vínculo efetivo, no qual a natureza existente seja vista como parte integrante e não apenas como fonte de recursos a serem explorados. Os atuais olhares sobre o cerrado estão empobrecidos e desgastados por uma errônea imagem que sugere ser este um bioma de pouca diversidade, como nos apontam Neiman e Rabinovici (2002), ao discutirem o potencial de educação ambiental do mesmo.

A reorientação de uma experiência mais emotiva e de pertencimento com o cerrado deve resgatar essa estética e o laço entre nós, sociedade, e a natureza existente ali. Como inspiração, ressalto a posição de Schama (1995), sugerindo a necessidade de se redescobrir o que possuímos e que por alguma razão está escapando ao nosso reconhecimento e a nossa apreciação. Mendonça e Neiman (2003) colocam que uma relação mais intensa com o lugar é possível através da vivência, de outra percepção do tempo, fundamentada na troca, no aprendizado e no respeito.

Botton (2003, p. 164) traz a grandiosidade da natureza exemplificando como as preocupações cotidianas se tornam “indecentes” quando se está em um penhasco, uma vez que este demonstra, através de sua dimensão, o “aspecto equilibrado e elevado em nós mesmos”. Além disso, com seu tamanho, pode induzir ao respeito: “com boa vontade e uma humildade embevecida tudo o que ainda nos supera”.

Adiante trarei a experiência de ecoturismo no Caraça como possibilidade para pensar o diferente, uma vez que embutida nela um tipo de exceção frente às normatizações do mercado turístico em relação ao luxo. Também pelo contexto gerado através de uma história peculiar que lhe concedeu características próprias, bem como elementos singulares e originais.

2. O ECOTURISMO NO CARAÇA

O presente capítulo busca situar sob um enfoque mais crítico o ecoturismo desenvolvido no Caraça. Para tanto está estruturado em três blocos. O primeiro traz uma caracterização dos ambientes destinados à atividade, assim situa o leitor acerca do movimento dos visitantes na Reserva. O segundo desenvolve uma discussão do Caraça como espaço de fronteira, no qual estão em constante interação o espaço religioso, natural e histórico-cultural com o espaço turístico, gerando potencialidades e inovações nos papéis assumidos pelos sujeitos envolvidos. Por fim, o terceiro bloco traz aspectos inerentes ao ecoturismo, o desenvolvimento da unidade para a atividade em questão, o público existente, as relações com a comunidade do entorno, bem como uma análise das atividades consideradas como “educação ambiental” pela gestão da Reserva.

O ecoturismo, enquanto viagem às áreas naturais ganhou destaque com os movimentos ambientalistas críticos a partir da década de 1960. Apesar de se apresentar como um conjunto de atividades imersas em um contexto de mercado, traz potencialidades merecedoras de análises críticas. Irving (2008, p.8) exemplifica as oportunidades oferecidas pela prática ao fomentar a associação entre programas de desenvolvimento e conservação.

Pires (1998, p.89) também dá indícios dessa “associação entre desenvolvimento e preservação”, pois quando as operações turísticas se voltam para os atrativos naturais e os valores culturais, elas estarão comprometidas com os aspectos de conservação, manejo e sustentabilidade desses “patrimônios”. Entretanto, nem sempre observamos essa relação de “cuidado” na prática, sob um cenário mais abrangente. Entre outras causas, encontra-se o desprezo por uma das potencialidades da prática do ecoturismo: o contato e o estabelecimento de vínculos entre o homem e a natureza, assim como com as diversidades oriundas do ambiente natural e cultural existente.

Por esta razão optei pela escolha do termo “ecoturismo” para contextualizar as viagens ao Caraça. A partir das pesquisas bibliográficas sobre o local, e principalmente durante a pesquisa empírica foi identificada a importância da visitação na manutenção da unidade enquanto área protegida tombada em uma categoria de reserva particular.

Foi evidente também a existência de um público heterogêneo, que chega ao Caraça buscando outros aspectos para além dos naturais, como os histórico-culturais e os

vinculados a uma espiritualidade do local. Entretanto, como veremos nas próximas análises, o espaço que congrega o Caraça nas expressões dos visitantes não permite desvincular o ambiente natural dos demais aspectos que atraem os visitantes, podendo situá-lo como fator ímpar no contexto vivenciado.

Pires (1998, p.79) traz a definição de ecoturismo desenvolvida por Cebállos-Lazcurián, publicada em 1987:

[...] a realização de uma viagem a áreas naturais não degradadas com o objetivo específico de estudar, admirar e desfrutar a paisagem juntamente com suas plantas e animais silvestres, assim como qualquer manifestação cultural (passada ou presente) que ocorra nestas áreas.

Considerando esse possível elo entre a natureza e a cultura, as viagens relacionadas ao Caraça serão chamadas nesse estudo de ecoturismo. Contudo, o fenômeno estudado apresenta algumas contradições em suas manifestações. A fim de esmiuçar a prática, algumas delas serão apontadas nas próximas análises.

A própria definição do que constitui o ecoturismo perpassa por várias compreensões, sejam os conceitos teóricos, como os práticos. Ao estudar algumas dessas concepções Pires (1998) afirma existirem traços em comum, como a preservação dos recursos naturais, a prática da educação ambiental e a importância do envolvimento das populações locais. A luz dessa tríade serão trazidos alguns dados vivenciados e estudados no Caraça.

2.1. Explorando os espaços físicos

Conhecer o Caraça é conhecer parte da história passada e seguir em busca de um aprendizado para a conservação futura de nossa biodiversidade (LEYERER, 2012, p.5)

Neste item pretendo trazer uma contextualização dos espaços existentes hoje no Caraça para a visita. Situo o leitor sobre o movimento do ecoturismo na Reserva em questão, para que nas próximas análises e capítulos, seja facilitada a relação visual e espacial entre os discursos dos turistas com os locais existentes no santuário. Para trilhar

esses lugares, trago alguns relatos dos monitores, guias e em menor proporção dos visitantes, pois esses grupos serão analisados de forma mais intensa no terceiro capítulo.

As instalações físicas que hoje subsidiam o ecoturismo do local compõem o chamado santuário do Caraça (foto 2.1). Nesse espaço temos a igreja neogótica Nossa Senhora Mãe dos Homens, com as duas capelas barrocas; os espaços de alimentação; o museu e a biblioteca; a recepção e as áreas de serviço de lavanderia; assim como as áreas de assistência para a pousada; centro de visitantes; cantina e os espaços de hospedagem, situados ao lado da igreja, e em outros quatro pontos próximos à catedral. Além destes temos os jardins; as catacumbas; sanitários; estacionamento (o anexo 2 traz um croqui que é entregue aos visitantes com a localização desses espaços). Há o calvário, um espaço com um mirante e com a presença de quatorze cruzes. Existe também a chamada Fazenda do Engenho, antes reduto de encontros e retiros religiosos, hoje já se abre para a atividade ecoturística do local³⁹.

FOTO 2.1: Santuário do Caraça



FONTE: ISABELA FREDERICO, 2013.

³⁹ Segundo relatos da Coordenação Ambiental (2013) a Fazenda do Engenho, localizada logo a direita da portaria, é utilizada pelos turistas quando o santuário (que corresponde à sede observada na foto 2.1) já não possui vagas. Contudo, esse espaço dispõe apenas da opção de alojamento, devendo as refeições serem realizadas na sede. Atualmente a Fazenda do Engenho está em pauta nas reuniões de planejamento, como possibilidade de ampliar a recepção de turistas em seus espaços, uma vez que dispõe da infra-estrutura necessária e já existem visitantes manifestando a vontade de se hospedar no local, mesmo que a sede disponha de vagas.

Quem chega ao chamado santuário, isto é ao núcleo central (sede) da Reserva, depara-se a sua frente com a cantina e uma loja de *souvenirs* (foto 2.2), à direita o estacionamento para os excursionistas e à esquerda o Centro de Visitantes⁴⁰. Neste espaço se encontra o setor de coordenação ambiental da unidade, onde são expostos resultados de algumas pesquisas científicas feitas. Existem também os espaços para as atividades de educação ambiental realizadas.

FOTO 2.2: Cantina e Loja de *Souvenirs*



FONTE: ISABELA FREDERICO, 2013.

⁴⁰ O Centro de Visitantes foi construído em uma parceria com a empresa SAMARCO Mineração, como resultado de projetos de compensação ecológica que a empresa precisou cumprir em detrimento dos impactos gerados pelas suas atividades principais, conforme prevê a legislação nacional.

O espaço em frente à cantina é ocupado pela manhã com os visitantes que geralmente se reúnem informalmente para passeios em conjunto (segundo as amizades e os vínculos que vão se instituindo com os demais hóspedes ou excursionistas), como também para o encontro com os guias cadastrados ou quando ocorre o início das atividades de educação ambiental com as escolas agendadas. No final da tarde, comumente os visitantes de um dia também se encontram nessa área, assim como os hóspedes que chegam de suas caminhadas e fazem um lanche, descansam e dividem experiências. A cantina funciona todos os dias da semana até às 17 horas (h).

Seguindo em frente, nos deparamos com a recepção do local e com o prédio restaurado que abriga no primeiro andar o museu do Caraça e logo acima a biblioteca. Este edifício abriga obras como livros editados antes de 1600, a cama usada pelo Imperador Dom Pedro II, o fogareiro que causou o incêndio, objetos da igreja, entre outros. De fato, o museu traz aspectos que ilustram o cotidiano do colégio, como informativos sobre a rotina dos alunos contendo os horários e as atividades desempenhadas nos respectivos.

O museu fica aberto aos finais de semana, porém requisições durante a semana devem ser feitas para a visitação pelo turista na recepção ou no Centro de Visitantes. O museu logo na entrada possui uma maquete da unidade, sendo possível localizar os seus pontos de interesse. Durante uma conversa no adro da igreja, Pe. 1, aluno do antigo colégio do Caraça, ex-diretor do colégio São Vicente de Paula/Rio de Janeiro, atualmente um dos atuais padres moradores da unidade⁴¹, pontua aspectos tido como importantes por ele sobre a atualidade do museu:

“Quando a gente vai ao museu, por exemplo, e as crianças podem ver a exposição de fotos que tem lá, é uma síntese das riquezas do Caraça. São 77 fotos em tamanho grande, é uma seleção que eu fiz, são as minhas preferidas em um grupo de 35 mil fotos. Durante o ano eu faço duas exposições, fazia duas lá no Rio e depois trazia pra cá. Isso

⁴¹ O meu contato durante a pesquisa com o Pe. 1. se deu em dois momentos, durante o primeiro campo em 2011, quando ele era o diretor do Colégio São Vicente. E posteriormente em 2013, quando ele já estava morando no local e aguardando uma atribuição da congregação vicentina para permanecer no mesmo. É importante destacar que este padre mantém relações fortalecidas com os pesquisadores da unidade, além de também publicar textos sobre a mesma, como na obra de Ottoni (2012). Além disso, pude observar o vínculo afetivo deste padre com o local, além de sua constante curiosidade pelos aspectos que envolvem a mesma. Durante uma conversa, Pe. 1. manifestou o seu desejo de tornar a área como Paisagem Cultural pela UNESCO, afirmando já estar coletando os dados necessários para tal.

pode mostrar o que tem aqui, porque vocês em dois ou três dias não conseguem ver tudo o que tem aqui, né. Fotos que eu demorei meses para fazer. Já que cada mês tem as suas plantas, suas borboletas, seus besouros, suas coisas. É um aspecto cultural muito interessante.”

No andar superior, tem-se a biblioteca abrigando as obras literárias salvas do período do incêndio, como também os mais recentes dados e pesquisas científicas realizadas no Caraça. São encontradas obras distintas, como o livro “Pai Nosso”, datado de 1870 com a oração presente em 250 idiomas, atribuído como um presente do Papa Pio IX aos Bispos do Concílio (OTTONI, 2012, p.149). O autor também destaca o livro mais antigo “*Historia Naturale*”, de autoria de Plinius Caius, traduzida para o latim e impressa em Veneza no ano de 1489. A presença de obras de cultura humanística, referencial na formação dos alunos, também é encontrada. Os hóspedes podem realizar empréstimos dos livros e fazer a leitura dos mesmos em outros espaços do Caraça durante a sua permanência na unidade.

Ao lado da recepção está o acesso para o Calvário, geralmente um dos primeiros atrativos frequentados, com a presença dos excursionistas e dos turistas que não podem ou não querem realizar caminhadas longínquas. Este local é escolhido por ser um mirante, com uma vista abrangente da Reserva e também pela presença importante para os católicos das 14 cruzes que simbolizam a Via Sacra.

Araujosilva (2004, p.61) em uma linguagem poética elucida sobre o cenário: “A brisa é lenta. Contrita. Os galhos das candeias e das palmeiras compõem o silêncio, farfalhando respeitosa. [...] Ao andar pelo outeiro, defrontando cada estação, vai-se contemplando a natureza que circunda parte da bacia caracense.”. Deste ponto é possível observar os carros e os ônibus que estão chegando à sede. Segundo as lembranças de Leite (1941) esse era o local onde os alunos, em períodos de férias, aguardavam ansiosos pelos familiares.

Retornando ao espaço entre a recepção e o prédio do museu/biblioteca existem algumas opções de hospedagem chamados de “Sobradinho Afonso Pena” e “Carapuça”. Esses apartamentos são as novas opções construídas com a demanda do turismo.

Ao redor há um pequeno parquinho para as crianças e também a entrada para o espaço que compreende a catedral, os espaços de alimentação, alguns banheiros, as

catacumbas, a hospedagem dos padres, as demais opções de quartos para os hóspedes, sala de televisão e jogos, e alguns salões com memórias do Caraça, como o Memorial Padre Saraiva. Este memorial resguarda imagens do antigo colégio, informações e jornal, referentes aos acontecimentos do Caraça, como o incêndio de 1968.

As opções de hospedagem do Caraça se classificam em três tipos com valores diferentes que são determinados pelo conforto e localização dos quartos (informações sobre os preços podem ser vistas no anexo 3). Uma das recepcionistas, durante entrevista destaca que o andar superior conta com as opções Ala do Santuário; Claustro; Sobradinho Afonso Pena e Carapuça. Já no andar térreo, tem-se a Ala do Irmão Lourenço e por fim, existe a opção de quarto com banheiro externo, chamado de Ala dos Irmãos.

A Ala do Santuário e o Claustro são dormitórios localizados ao lado da catedral, no antigo prédio do colégio (foto 2.3), já o Sobradinho Afonso Pena e Carapuça são as recentes construções para hospedagem localizadas no exterior do complexo da catedral. Ao todo essas opções podem receber até 120 pessoas, como elucidou a recepção. Os alojamentos não possuem aparelhos de televisão, nem telefones ou interfones.

FOTO 2.3: Catedral e as laterais como opções de hospedagem



FONTE: ISABELA FREDERICO, 2013.

Existe apenas um televisor disponível aos hóspedes numa sala de recreação, com alguns jogos também para as crianças. Este ambiente era pouco frequentado durante o dia e à noite alguns hóspedes se revezavam entre esse ambiente e os arredores da catedral, principalmente o adro (que corresponde ao espaço entre as escadas e a entrada da catedral, como possível de ser observado na foto 2.3), onde ocorre o ritual do lobo guará. Sobre a internet, há a opção de rede *wireless* disponível a todos os hóspedes. Em relação à telefonia, atualmente o Caraça não conta com sinal para celulares. Entretanto é oferecido o telefone da recepção (com um custo determinado). Também existe telefone público disponível.

Além das três opções citadas há outras mais econômicas, destinadas geralmente a grupos (opções de preço no anexo 3), como a Casa das Sampaiais, localizada a alguns passos da catedral. Atualmente a casa está interditada para reforma. Possui capacidade para até 50 pessoas e conta com 7 banheiros. Geralmente é ocupada por escolas e universidades

e a exigência é de no mínimo⁴² 40 pessoas. A Casa das Sampaiais é oriunda do período do colégio e abrigava as senhoras que trabalhavam na unidade, chamadas de Sampaiais. Próximo à cantina e ao estacionamento há um cemitério que resguarda a memória de algumas dessas mulheres.

Na frente da Casa das Sampaiais existe uma rampa com um espaço marcado como mostra a foto 2.4, atribuído a um tombo de D. Pedro II, no ano de 1881.

FOTO 2.4: “Tombo do Imperador”



FONTE: ISABELA FREDERICO, 2013.

Outra opção disponível é a Casa da Ponte, localizada na margem da estrada entre a portaria e a sede. Esta opção compõe duas construções e está próxima da entrada da Trilha do Belchior e Pinheiros. Possui capacidade para 12 pessoas em uma (mínimo 10 hóspedes) e de 3 em outra (mínimo 1 hóspede).

⁴² A exigência mínima de hóspedes necessária para a abertura dessas casas foi apontada por uma das recepcionistas da reserva durante entrevista.

Próximo da recepção e do Tanque São Luís há a Casa São Luís, reformada recentemente, com capacidade para 10 pessoas (mínimo 8 hóspedes). Durante a última pesquisa de campo, um grupo de visitantes estava instalado no local. Próximo a ela também está a Estação Ecológica, uma casa destinada aos pesquisadores cadastrados e também aos guias (quando estes necessitam dormir na reserva).

Todas as refeições são realizadas na sede, no complexo que compreende a catedral. São disponibilizadas três refeições diárias, o café da manhã (7 h às 9:30 h); o almoço (12 h às 14 h) e o jantar (18:30 h às 19:30 h). Há também o tradicional chá com pipoca oferecido de segunda a sábado, após a missa (20:00 h), momento este que reúne os hóspedes para uma conversa e aquece as noites frias do Caraça. Um bar é aberto à noite (até as 23 h), no Claustro (espaço físico que circunda a catedral), com venda de bebidas, como vinho (diversas marcas e também o vinho produzido no Caraça); cerveja e alguns petiscos como biscoitos e chocolates. As três refeições estão embutidas nos valores das diárias, sendo o consumo do bar, da lanchonete e das bebidas, durante o almoço e o jantar, cobrados à parte.

O café da manhã é realizado no Refeitório São José, com acesso pelo claustro. O espaço, utilizado também no período do colégio dispõe de uma chapa com fogo a lenha para que os próprios hóspedes façam os seus lanches (foto 2.5). O preparo dos sanduiches reúne vários hóspedes em torno da chapa, facilitando a interação e conversas. O contato também é facilitado pela ausência de mesas individuais e os hóspedes devem escolher seus lugares nas longas mesas dispostas no refeitório.

FOTO 2.5: Chapa do café da manhã



FONTE: ISABELA FREDERICO, 2013.

Trago a observação de uma hóspede dividindo a chapa com mais três hóspedes, que vieram de lugares diferentes e estabeleceram conversas nesse momento: “(...) *nunca em nenhuma outra pousada acho que existiu essa interação logo no café da manhã como aqui* [fala com sorrisos dela e das demais hóspedes, que demonstravam concordar]⁴³”.

O almoço e o jantar são oferecidos no refeitório Pe. Tobias, onde as mesas também são longas e compartilhadas por pessoas diferentes, as quais se servem à vontade, no estilo americano (entretanto lhes é pedido que evitem o desperdício). São servidas comidas salgadas caseiras e café com doces produzidos no próprio local. A coordenadora ambiental esclareceu que os alimentos para a produção das refeições (como arroz, feijão, açúcar entre outros) são comprados no CEASA (Central de Abastecimento) de Belo Horizonte. Já as verduras, como a tradicional “azedinha” são adquiridas na própria horta da sede e na

⁴³ O trecho entre colchetes é minha fala, esclarecendo as expressões observadas durante a fala da visitante. Utilizo este método para diferenciar minha fala da dos visitantes em outras oportunidades ao longo do trabalho.

Fazenda do Engenho, de onde trazem leite e queijo. Na falta desses lugares recorrem aos produtores da comunidade Sumidouro. O leite e o queijo são produzidos na Fazenda do Engenho.

No refeitório é possível observar quadros com fotografias dos padres gestores da unidade, além de pinturas com paisagens do Caraça em determinados períodos históricos. Durante a semana, além da presença de hóspedes, notei com exceções algumas escolas ou grupos excursionistas que visitam por um dia a unidade. No final de semana, o fluxo de pessoas nesse refeitório, principalmente no almoço, aumenta em função do número maior de visitantes oriundos das cidades vizinhas e principalmente de Belo Horizonte.

Trazendo outros espaços, a catedral neogótica Nossa Senhora Mãe dos Homens é resultado de uma ampliação da capela barroca do Irmão Lourenço, abrigando lembranças físicas desse primórdio. As laterais da mesma possuem dois altares barrocos, como ilustra a foto 2.6.

FOTO 2.6: Antiga capela barroca preservada



FONTE: ISABELA FREDERICO, 2013.

Zico (1982, p.53) contribui para o esclarecimento desta construção com importantes informações:

12 altares laterais, cada um com a imagem de um santo (homem). No altar-mor a bela imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens, vinda de Portugal, em 1784. Na entrada da igreja, dois altares barrocos, da antiga ermida do Irmão Lourenço, pintados a ouro por M. Ataíde em 1807. [...] O mármore é todo mineiro, da serra de Antônio Pereira, perto de Mariana. A “pedra sabão” veio da chácara de Sta Rita, no Caraça. O vitral do meio é doação de D. Pedro II. No coro, o órgão, feito pelo Pe. Luis Boavida. [...] Debaixo do altar de Santo Antônio, há uma placa de mármore assinalando o lugar, onde, da antiga ermida, foi sepultado o corpo do Irmão Lourenço de Nossa Senhora.

O órgão de 700 tubos apontado pelo autor foi construído em 1985, com madeira da região do Caraça, para a inauguração da catedral. São realizados concertos no segundo sábado e domingo de cada mês, atraindo um público que vem justamente para esse evento.

No altar principal, há um corpo de cera de “São Pio Mártir”, cujo interior abriga ossos, um cálice com sangue e areias do túmulo deste soldado romano cristão. Esse patrimônio foi enviado para o Caraça em 1792 tendo chegado ao santuário em 1797, sendo motivo atual de atração turística.

Outro ponto de interesse refere-se à pintura em óleo do artista Manuel da Costa Athaide, denominada a “Santa Ceia” (foto 2.7), inspirada em personagens mineiros. Foi adquirida pelos padres lazaristas em 1828.

FOTO 2.7: “Santa Ceia” de Athaíde



FONTE: ISABELA FREDERICO, 2013.

São realizadas missas diárias, de segunda a sábado às 20:00 h e, aos domingos, às 11:00 h. Assim como o almoço, as missas de domingo constituem motivos para visitas à Reserva. Em relação ao papel ecumênico desempenhado pela igreja trago a observação da coordenadora ambiental:

“Uma observação que eu faço também é que tem pessoas que são de outras religiões que frequentam a igreja. Tem pessoas que entram com aquele olhar cultural, olhando não para a igreja, mas para a obra, né. Pelo seu contexto histórico também.”

No subsolo da catedral encontram-se as catacumbas, com túmulos de padres e ex-alunos do Caraça, como exemplo a do Pe. Tobias, importante figura da Reserva, que se destacou nos primórdios da atividade turística, no início do ritual do lobo guará, como também através de livros sobre o santuário.

Na frente da catedral está o adro da igreja com bancos onde diariamente à noite alguns hóspedes se reúnem para aguardar a vinda do lobo (melhor esmiuçado no terceiro capítulo deste trabalho). O ambiente também é ocupado por uma parcela de visitantes que chegam de seus passeios pelas trilhas e aí descansam e dividem experiências. Na frente do adro está o principal jardim do Caraça, frequentado para a contemplação da arquitetura e da paisagem natural.

Entre as trilhas

O guia local J.J. deixa transparecer sua preocupação quanto à integração dos aspectos religiosos, históricos e materiais:

“Eu gosto de associar os aspectos ecológicos da trilha, com os históricos do Caraça para os meus visitantes. Gosto de durante a trilha interpretativa⁴⁴, por exemplo, mostrar as diversas plantas da mãe África, enquanto teço comentários a respeito da história da fundação do Caraça, enfatizando as estreitas ligações entre as disciplinas.”⁴⁵

Seguindo os rastros dos visitantes vamos nos deparar com os conselhos dos próprios monitores e guias. Quando chegam ao Centro de Visitantes pedindo sugestões de passeios, os monitores indagam sobre o tempo de permanência. Para um ou dois dias recomendam as trilhas mais próximas, entre elas a da Cascatinha, o Banho do Imperador, Pinheiros, o

⁴⁴ Ao colocar o termo “trilha interpretativa”, J.J. faz referências a sua atuação durante a trilha desejando com que os visitantes “interpretem” o local. A gestão ainda não realizou projeto de trilhas interpretativas. Um exemplo disso foi quando ele durante um passeio fez uma parada comigo me mostrando o que era o “capim gordura” e sua relação com o queijo produzido pelas vacas.

⁴⁵ O guia J.J. tem formação em enfermagem e em técnico de turismo. Apesar dos ensinamentos deste último curso, o guia me explica que sua prática no Caraça está mais vinculada aos saberes tradicionais, adquiridos com o seu pai quando era menino, do que com os do curso técnico. Pois este último ensinava apenas os aspectos gerais do turismo, como a biologia, o direito. Contudo, os aspectos mais locais não ficavam evidentes, como as plantas existentes no Caraça, o uso de suas propriedades, bem como a relação destas com a fauna. Ele me exemplificou como a psicologia do turismo foi adquirida por ele através da vivência com os próprios visitantes. Para ele o turista se comporta como um “adulto” no momento anterior à viagem, planejando tudo. Porém, ao chegar no Caraça o turista parece uma criança, “olha pra um pico e diz: vamos lá hoje, eu quero!”, cabendo ao guia saber administrar isso. Ressalto também que além da vivência apontada pelo guia J., pude perceber um esforço empreendido por ele em aprender mais sobre o Caraça, através de publicações literárias e científicas sobre o local, tendo inclusive me apresentado obras sobre a mesma durante minha estadia no local.

Banho do Belchior e a Capelinha. O anexo 2, traz a representação destas trilhas nos folhetos entregues. L. monitor do centro de visitantes ilustra algumas dessas orientações:

“Quando é a primeira vez de um visitante indicamos a Cascatinha, que é a mais visitada, e o Banho do Belchior, por causa da vista do Caraça e porque no caminho existe a probabilidade de haver tido um povoado de garimpo provavelmente datados de 1708. Além disso, são trilhas mais tranquilas também.”

Conversando com uma visitante durante o café da manhã, esta declarou ser a segunda vez que visitava o Caraça, permanecendo apenas no final de semana e realizando somente os passeios próximos, como a Trilha da Cascatinha e a Trilha do Banho do Belchior, para não se cansar. Há uma orientação interna indicando a necessidade de contratação de guias cadastrados para os passeios superiores a seis quilômetros como o Campo de Fora e os picos existentes.

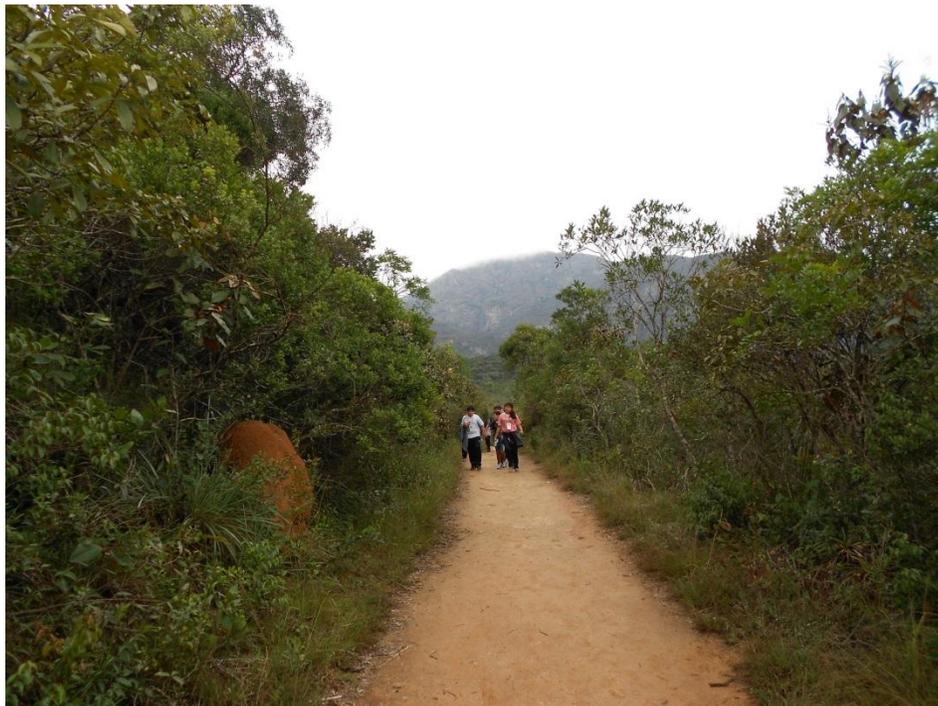
A trilha da Cascatinha compreende dois quilômetros e é a caminhada mais procurada. O caminho é bem aberto e passa por trechos de mata atlântica e cerrado (conforme as fotos 2.8 e 2.9). Considerado um trajeto de fácil acesso, esta trilha possibilita a entrada para outros passeios como o “Campo de Futebol”, a “Prainha” e a Bocaina.

FOTO 2.8: Trilha da Cascatinha



FONTE: ISABELA FREDERICO, 2013.

FOTO 2.9: Trilha da Cascatinha



FONTE: ISABELA FREDERICO, 2013.

A Cascatinha abriga paisagens valorizadas pelos visitantes, e uma cascata medindo aproximadamente quarenta metros. Durante o período de sol e calor, a Cascatinha fica quase ‘intransitável’, pelo grande fluxo de visitantes.

O trânsito de visitantes observado nesta trilha é o mais diverso possível, envolvendo todos os públicos do Caraça, desde os que permanecem apenas 1 dia, os hóspedes que iniciam o programa de trilhas e até os não acostumados com caminhadas em meio a natureza.

Pela segurança apresentada, pelo curto trajeto e pela facilidade de acesso, esta trilha atrai mães com crianças, diferente da subida nos picos, onde o esforço requerido é muito maior.

A Cascatinha se apresenta também como o percurso mais utilizado para as atividades de educação ambiental, assim como pelas visitas técnicas de escolas e universidades. Nela me deparei com um grupo de estudantes da cidade de Belo Horizonte, organizados por uma agência de turismo pedagógico do referido município. Explicando a atividade, o monitor responsável ilustrou alguns detalhes importantes dessa trilha:

“Estamos em um grupo de 31 alunos, acompanhados por um professor de história e outro de biologia. Estes alunos têm 7 ou 8 anos e atualmente estão estudando os biomas. (...) A trilha da Cascatinha é perfeita para esse público, pois é espaçosa, tem vários atrativos, sem grandes elevações e a presença de dois biomas de forma bastante expressiva.”

Ao longo de seu discurso, o monitor também destacou o papel que outra trilha, a da “Capelinha” tinha durante as visitas que a agência realizava no Caraça, em outras oportunidades. Esta trilha possui um percurso íngreme, no interior de uma mata mais úmida. Tem aproximadamente dois quilômetros, e no final um caminho plano de rochas (foto 2.10) onde pode ser avistada uma capela e ruínas ao lado desta. A vista deste ponto é valorizada em muitos discursos dos visitantes, e como já destacado no capítulo 1 é também um ponto estratégico de observação de uma parte extensa da área do Caraça, incluindo seus principais picos, cenários da vegetação, como também a própria sede. Relatando o seu potencial para as excursões que dirige, o monitor destaca:

“Quando venho com grupos do primeiro e do segundo colegial, os levo para a trilha da Capelinha, que é muito legal, porém mais difícil de controlar em razão de seus barrancos, sendo mais fácil alguém cair. A trilha é interessante para trabalhar solos e também a vista que se tem daí.”

FOTO 2.10: Trilha da Capelinha



FONTE: ISABELA FREDERICO, 2013.

Otoni (2012, pp.170 - 171) descreve esse lugar utilizando trechos da obra “Guia Sentimental do Caraça” de autoria do Pe. Sarneel, um dos padres que passou pelo Caraça.

Esclarece que este foi um projeto do ano de 1863, quando o seminário de Mariana funcionava no santuário. Os alunos e mestres desse período, motivados por uma adoração a Nossa Senhora de Todas as Graças, resolveram construir uma igreja e uma casa para missionários (atual ruína) ao lado, a duzentos metros de altitude, naquela que era chamada de “Serra do Felizardo”.

Entretanto, este espaço concluído em 1866, não foi habitado tornando-se ruínas. Atualmente, o prédio da antiga igreja foi restaurado e os visitantes que desejam visitá-lo devem pegar a chave com a recepção da unidade. Leite (1948, p.70) destaca que este era um espaço bastante visitado na época do colégio. Um local deserto, na vertente da serra e ponto preferido:

[...] para os frequentes passeios dos colegiais e, quando lá íamos, cada um levava um vidro ou uma garrafa para apanhar lacraias, escolopendras, e escorpiões que formigavam debaixo das pedras daquele terreno pedregoso.

Atrás da Capelinha, à esquerda, há um acesso de três quilômetros para a Gruta de Lourdes. Notei que este trajeto, por ser bastante íngreme, não era um dos mais contemplados pelos visitantes. As trilhas mais longas como a “Bocaína” e a “Cascatona” (ambas oscilando entre cinco e seis quilômetros da sede) são as mais comentadas pelos monitores locais, e conseqüentemente mais visitadas.

A trilha da “Gruta de Lourdes”, nos períodos em que visitei a unidade, não estava muito bem delimitada, com vegetação crescida, dificultando e confundindo os caminhantes. Um casal que visitava o Caraça pela primeira vez, destacou a situação ao justificar o insucesso de ambos em realizar a trilha:

“Quando tentamos ir, não conseguimos chegar. A trilha não estava marcada direito, com muito mato. Sabemos o início dela, mas não ficamos com a certeza do seu caminho até a gruta.”

A gruta segundo Sarneel citado em Ottoni (2012, p.178) é formada por rocha calcária, com um único salão de aproximadamente cinquenta metros de extensão e uns vinte de largura. No interior da mesma reside uma imagem de Nossa Senhora.

Seguindo o caminho pelas cercanias da sede do Caraça, temos a trilha do “Banho do Belchior”. O acesso a partir da sede se dá pela estrada asfaltada que liga esta à portaria do Caraça. Este percurso também leva o visitante para o Tanque Grande⁴⁶ e para os Pinheiros. Este trajeto constitui outra opção de acesso para os passeios até a Bocaina e também para o chamado Campo de Fora.

O percurso é em sua maioria plano e atravessa espaços que integram os biomas existentes na Reserva, apresentando espécies de outros ecossistemas como araucárias. Possui fácil acesso com aproximadamente dois quilômetros e meio, sendo possível em determinado ponto, com condições climáticas favoráveis, a observação da “Caraça”, o relevo que deu origem ao nome da serra. Este ponto é conhecido como “Pinheiros”.

Ao final da trilha os visitantes se deparam com uma cascata com pequenas elevações, uma corredeira de água que vai cortando as rochas, várias piscinas naturais. Não é um local tão visitado como a “Cascatinha”, mas possui facilidade no acesso. Comparando ambas, o ponto onde a queda d’água da “Cascatinha” se localiza possui uma vista ampla e abrangente da Reserva, devido aos arbustos baixos e espécies rasteiras (foto 2.11). Já a queda do “Banho do Belchior” tem uma vista mais limitada pelas árvores de grande porte. O acesso à Cascatinha se apresenta mais visível àqueles que chegam ao estacionamento destinado aos excursionistas.

⁴⁶ Nos escritos de Zico (1982, p.55) foi destacado o “Tanque Grande” com duas finalidades: “durante o dia movimentar o engenho da serra, e à noite, pela própria roda do engenho, acionar o dínamo para produzir luz elétrica. Sim, a energia hidroelétrica apareceu, a primeira vez em Minas, na cidade de Juiz de Fora, em 1889, e em 2º, no colégio do Caraça, em 1893”.

FOTO 2.11: Vista da Cascatinha



FONTE: ISABELA FREDERICO, 2013.

Próximo da entrada para a trilha do Belchior está o Banho do Imperador. Era o local onde os alunos banhavam-se semanalmente. Segundo registros no diário de D. Pedro II também foi o local onde o mesmo se banhou durante sua estada no santuário (OTTONI, 2012, p. 174).

Quando permanecem mais dias na Reserva, os visitantes são orientados pelos monitores a realizarem trilhas mais longas, como a “Bocaína” e a “Cascatona”. Esses dois percursos, em termos de vegetação, fauna e altitude, evidenciam a diversidade ecológica do Caraça, refletindo sua história como será possível observar nos parágrafos seguintes. Ambas distam aproximadamente seis quilômetros da sede.

Iniciando pela Bocaína, o acesso mais popular é pela Cascatinha, contudo pode-se chegar também por um desvio da trilha do Banho do Belchior. O monitor L. traz em seu discurso aspectos destacados por ele aos visitantes:

“Quando o visitante vai passar mais tempo e o clima tá bom eu indico a Bocaína, pois na trilha, ao chegar à Pedra da Paciência é possível ver bem a “Caraça”. Além disso, a Bocaína era também o antigo caminho que ligava o Caraça a Ouro Preto/Mariana. O percurso é característico de cerrado, onde o lobo habita.”

Ao entrevistar A., outro monitor mais antigo da unidade, solicitei que me falasse como sugeria os passeios aos turistas. Somado aos detalhes mencionados acima pelo seu colega, ele também acrescentou:

“Digo a eles que ela é mais plana e é possível se ter uma visão da “Caraça”, como das demais montanhas da unidade. Além disso, algumas rochas de quartzito utilizadas na construção da catedral são oriundas dessa área.”

O relato dos visitantes também exprimem algumas das sensações desta trilha. Na fala do adolescente e estudante L., vemos as qualidades atribuídas a este passeio:

“Eu gosto muito da Bocaína. Eu acho muito legal a cor das rochas, a água cristalina, meio escura. Ela é bem aberta, então dá pra ver bastante coisa e é muito divertido (...) isso me encanta, porque você consegue ver o que tem. Eu tenho muita curiosidade de ver o lugar onde estou e no campo aberto você consegue ver. O Caraça é um lugar muito bonito e você quer ver o que tem.”

Ao percorrer esta trilha pude notar a presença abundante de espécies rasteiras, com terreno plano, favorecendo a visão abrangente dos picos que circundam o Caraça. Logo no início o visitante tem a oportunidade de banhar-se num trecho de rio refrescando-se para enfrentar a sensação de “seca” que virá logo adiante. Durante o percurso avistei no horizonte um amontoado de árvores mais altas, onde emanava um ruído dos macacos guigós. No final, os visitantes devem passar por cima de pneus e pequenas pontes para evitar a lama existente. Chegando à Bocaína fomos surpreendidos por um tom dourado peculiar da água. Atribui-se essa coloração às rochas de quartzito que desenham o lugar.

O caminho apresenta faces diferentes relacionadas às estações do ano. Durante o inverno com a seca, o trecho fica visível, sendo orientado pelas setas pintadas nas rochas e pelas cravadas em solo. Já nas estações mais chuvosas, o caminho fica dificultado, pois não é possível cruzar o rio. Durante a terceira pesquisa de campo, a tentativa de realização da trilha foi infrutífera devido a esse fator.

Outra trilha possível de ser realizada sem o acompanhamento de um guia é a “Cascatona”, uma das mais longas que os visitantes podem fazer sozinhos, porém não recomendado pela recepção, nem pelos monitores. No caso da “Cascatona”, o monitor L. destaca:

“Para a Cascatona nunca oriento ir sozinho e também peço pra avisar na recepção quando estiver indo pra lá, pois essa trilha exige muito trabalho físico. Uma vez, uma mulher foi até a Cascatona e ela não tinha esse preparo todo, aconteceu que rompeu o ligamento do joelho durante a trilha. Pela trilha ser muito estreita não pudemos trazer ela em maca, foi no colo mesmo, com os funcionários se revezando.”

A trilha da Cascatona é fechada, passando por uma paisagem natural de matas fechadas (mata atlântica), na maior parte do percurso. Durante o trajeto, o visitante deve ficar atento ao solo, devido aos obstáculos naturais, como raízes e pedaços de troncos.

O acesso à trilha se dá pela Casa das Sampaiais e possui atalhos que facilmente podem confundir os visitantes. Fato esse notado por mim quando acompanhei alguns turistas na mesma.

Na terceira pesquisa de campo, tentei novamente fazer o trajeto acompanhando um turista que visitava o Caraça pela primeira vez. Porém não tivemos sucesso em concluir o trajeto, por causa da chuva constante, e alguns trechos não eram visualizados com facilidade.

Identifiquei que esta trilha geralmente era realizada por pessoas familiarizadas com a Reserva. Ao percorrer este trecho, um casal se deparou com uma anta e me descreveu a experiência como gratificante pelo “encontro” com o animal.

Um dos motivos que levam esses turistas de “primeira viagem” no Caraça a desejar trilhar a Cascatona é a afirmação no diário de Dom Pedro II de que esta se constituía em uma das mais “belas cascatas” já vistas por ele, como comentou o monitor A.

Segundo ele, os visitantes preferem a Bocaína, por três aspectos. No trajeto podem avistar a “Caraça”⁴⁷; conhecer melhor o *hábitat* do lobo guará (animal símbolo da reserva); além do percurso ser mais plano, quando comparado à “Cascatona”.

Também, no início do percurso, podem ser observados aspectos históricos vinculados ao povoamento do Caraça, como paredões de rochas grandes, os quais segundo Zico (1982, p.42) relacionam-se aos vinte primeiros anos do colégio do Caraça quando os alicerces da estrada conduzindo à sede foram reconstruídos.

Apresentando outro atrativo da Reserva, trago o “Campo de Fora” e os sete picos que circundam a sede. O Campo de Fora, por possuir mais de seis quilômetros demanda a companhia de um guia.

O acesso a esta trilha pode ser feito após o acesso da Casa da Ponte, à esquerda (no sentido de quem vem da sede). Por uma mata fechada, após aproximadamente sete quilômetros, tem-se a sensação de “sair” do vale que compõe o Caraça e entrar num campo.

A trilha do “Campo de Fora” geralmente é realizada pelos visitantes após terem efetuado as mais populares ou em segundas visitas.

Os picos do Caraça

Outro atrativo único do Caraça são os picos. Cavalcanti, Valadão & Salgado (2010) explicam a percepção do Caraça como um “vale cercado de montanhas”, pois “A Serra do Caraça engendra as maiores altitudes de todo Quadrilátero Ferrífero (acima de 2000 m), existindo grande amplitude altimétrica em relação ao seu entorno (planícies com 850 m de altitude).”

Otoni (2012, p.198) coloca que os picos se constituíram como “guardiães do Caraça”. Ao conformarem um “cinturão” em torno da unidade, estes resguardaram a mesma através da dificuldade de acesso. Ao todo são sete picos como detalha o autor: Pico

⁴⁷ A “Caraça” se refere a “grande cara” que o relevo forma para os que observam. Na trilha da “Bocaína” é possível observa-la na “Pedra da Paciência”.

da Canjerana (1.890 metros); Pico da Verruguinha (1.650 metros); Pico dos três Irmãos (1.750 metros); Pico da Conceição (1.850 metros); Pico da Carapuça (1850 metros); Pico do Sol (2.072 metros); Pico do Inficionado (2.068 metros).

Ao longo da pesquisa de campo tentei agendar com o guia a subida a um dos picos com um grupo de visitantes. Contudo, por alterações climáticas tivemos a atividade cancelada.

Trouxe aqui os principais atrativos e espaços utilizados pelo ecoturismo na unidade. Alguns destes atrativos serão retomados durante o relato dos visitantes no capítulo 3, a partir de suas vivências.

O seguinte item versará sobre os espaços que congregam o todo do Caraça em constante interação. Entre o sagrado e o profano, o espaço do santuário aproxima-se à noção de fronteira. Essas discussões serão desenvolvidas a seguir.

3.2. O Caraça como fronteira

Além da heterogeneidade detectada entre aqueles que chegam ao local, pode observar um Caraça como resultado de interesses que se entrelaçam produzindo situações curiosas.

Trago Santos (1988, p. 111) situando conceitos importantes para o entendimento dessa dinâmica espacial. O autor define o espaço como:

[...] formado por dois componentes que interagem continuamente: a) a configuração territorial, isto é, o conjunto de dados naturais, mais ou menos modificados pela ação consciente do homem, através dos sucessivos “sistemas de engenharia”; b) a dinâmica social ou o conjunto de relações que definem uma sociedade em um dado momento.

A configuração territorial corresponde à maneira como elementos naturais e artificiais foram formando e organizando o território. Alguns exemplos do autor são as plantações, construções físicas, caminhos, entre outros. Essas interferências e suas formas de adequação podem, todavia variar de acordo com o período histórico vivenciado.

Já a dinâmica social interagindo em consonância à configuração territorial, reflete o “conjunto de variáveis econômicas, culturais, políticas etc” que por influências dos diferentes momentos históricos podem receber conotação e valorações também distintas (SANTOS, 1988, p.111 - 112).

No Caraça podemos observar exemplos como o uso da catedral e suas intermediações. Durante o período do Irmão Lourenço o foco era na capela barroca; na gestão da congregação lazarista o espaço foi se ampliando para atender a uma nova demanda, a do colégio. Na atualidade essas construções ganharam um novo uso, o de hospedagem para uma gama de visitantes/turistas.

Os diferentes períodos trilhados pelo Caraça fizeram brotar novos cenários e usos do território. Mesmo que muitas vezes contraditória e nem tão justa com aqueles que o habitavam, a imprevisibilidade se fez chegar e confrontar conceitos aparentemente arraigados e intransponíveis.

Irei utilizar o período após o incêndio de 1968, no qual os padres da gestão daquele ano, e em menor escala o governo de Minas Gerais e os ex - alunos foram surpreendidos pela incerteza de uma realidade que os convocava para novos conceitos e invenções. Os anexo 4 e 5 trazem fotografias feitas durante a pesquisa de campo evidenciando imagens de um jornal da época noticiando o incêndio e destacando as incertezas para a continuidade do local após o evento.

Lentamente a congregação foi se abrindo e recebendo novos personagens que passaram também a ditar outras formas de uso daquele lugar. Iniciaram-se as visitas de um público híbrido, cujas motivações não se limitavam apenas aos aspectos religiosos enraizados no santuário. O sentimento de transição e as ações desencadeadas podem conformar o Caraça como um espaço de fronteira. Bruhns (2007, p.87) empreendendo uma discussão sobre a natureza como fronteira elucida algumas características desse “lugar”:

Pensar a natureza como espaço de fronteira significa que esta está mal delimitada, portanto, imprecisa. As relações sociais estabelecidas aí terão características de inovação e instabilidade, pois os que chegam trazem hábitos e os que já estão reconhecem na diferença oportunidades de enriquecimento. Oportunidades facilitando novos relacionamentos, novas invenções de sociabilidade, que se transformam em algo herdado, de onde se alimentam sucessivas identificações, que se agruparão por memórias mais ou menos traçoceiras, constituindo o que é designado por identidade.

Com a chegada de um público diferente aos “padrões” comportamentais dos que habitavam o local na época do colégio, gerou-se um sentimento de flexibilidade perante as novas adequações. Alguns aspectos permanecem tradicionais como a realização das missas diárias, entretanto a obrigatoriedade dos visitantes nessas celebrações, por exemplo, não é requisitada e muito menos fator de distinção entre aqueles que lá estão. Esse caráter vai de encontro à característica de fronteira levantada pela autora: “Como a fronteira é abrangente, tende a incluir os estranhos como membros.” (BRUHNS, 2007, p.88).

Entretanto, essa relação com o novo não é ausente de conflitos, como todo processo de reinvenção. Pereira e Carrieri (2005, p.41) trazem em suas análises a visão do Caraça como um conjunto formado por um espaço religioso e um espaço turístico, cujas características são constantemente renovadas na relação de ambos. Após o incêndio a congregação viu no turismo uma oportunidade de sobrevivência econômica. Com isso, adotou também o papel de gerir uma atividade não apenas educativa e religiosa, mas também econômica.

Mas os autores apresentam a preocupação dos padres em desenvolver um turismo centrado nos valores que a instituição possui e que o Caraça traz desde seus primórdios. Esclarecendo este pensamento, resgato uma conversa onde o Pe. 1, destaca as bases na qual o Caraça foi pensado após a década de 1970, ou seja, de um centro de “Peregrinação, cultura e turismo”. O caráter educativo está imbricado principalmente no âmbito da cultura, pois segundo o padre, o Caraça sempre foi passagem de interesse para pesquisadores, desde seus primórdios até os dias atuais. Ele enfatiza a continuidade na função de ensinamento que lhes era atribuída durante o colégio: “*hoje os nossos alunos são vocês*”. Essa colocação foi realizada por L. durante uma conversa entre ele, outros visitantes e eu, na qual informalmente ele nos falava, com propriedade, sobre os aspectos inerentes à história e a fauna do Caraça.

Essas novas conexões estabelecidas pelos padres convergem com algumas características levantadas por Santos (2002, p.348) sobre a “vida na fronteira”. Uma delas corresponde ao “Uso Selectivo e Instrumental das Tradições”, onde o autor afirma que as novidades demandam mudanças em planos e previsões, conduzindo a novas criações. Neste processo a tradição se reveste das necessidades impostas, precisando ser maleável àquilo que o momento está pedindo.

Outro ponto interessante na nova proposta de utilização do espaço é o da peregrinação e não necessariamente o da “religião”, embora esta esteja vinculada ao processo. Essa participação é evidenciada na fala da coordenadora ambiental durante um dos momentos da entrevista em que falávamos sobre o que ela entendia por peregrinação no contexto da visitação no Caraça. Ela coloca:

“Vou dar um exemplo. Vou fazer uma comparação com Nossa Senhora Aparecida. Ali você vê que é um santuário com um único objetivo de peregrinação, as pessoas só vão ali para rezar, para buscar Deus, né. No caso do Caraça, a gente fala que ele é mais complexo, porque tem pessoa que não vem só pela igreja, mas vem por um passeio, um passeio com a família, né. Mas querendo ou não, acaba sendo envolvida pela obra de Deus.”

Ao caracterizar o “peregrino” atual do Caraça como pessoas cujas motivações não residem unicamente na religião, a coordenadora encerra a sua fala congregando todas elas sob o tecido de um “Deus”. Lima (2007, p.19) ao discutir sobre peregrinação afirma existir uma relação entre o conceito de “peregrinante” sustentado na noção bíblica e na noção contemporânea de existência. Para o autor o ato de estar em movimento em busca de um “eu” que, todavia não se é, corresponde a um traço enraizado do ser humano. Existe uma busca em nossa espécie por uma “plenitude” que nos leva a um desejo por uma “ultrapassagem de si”. Essa “plenitude” pode representar para os católicos a figura de um Deus, entretanto retomando a continuidade do discurso da coordenadora A., ela também pode se manifestar de formas distintas e reconhecidas por quem atua na própria unidade:

“Ahh como dizem né, isso é particular de cada um. Às vezes é uma simples planta, ou um arco íris, ou um dia que a serra brilha mais. Então é assim, isso varia muito. Às vezes um acontecimento que, por exemplo, alguém se machuca e como as coisas aconteceram para ela ser atendida, medicada, ela acredita que foi uma obra de Deus.”

O aspecto do religioso embute também alguns conflitos. Entre as ações atuais, o Caraça como será mostrado neste capítulo vem assumindo novas parcerias com outras

instituições que desejam fomentar o turismo na região. Um dos técnicos de turismo dessas instituições orientou a gestão da unidade para caracterizar a mesma como um ponto de turismo religioso. No entanto, durante conversas com um dos padres da gestão e com a coordenadora foram levantadas algumas inquietações em relação a isso.

Uma delas destacada pelo Pe. I. foi a compreensão do Caraça como um local de peregrinação, de pessoas que se deslocam para fazer retiros e não exclusivamente por crenças religiosas, embora as tivessem também. A doação das terras do Irmão Lourenço para a congregação foi feita com um desejo de continuidade desse foco e para o padre seguir com esse ideal é sinal de respeito pela tradição.

Já a coordenadora coloca outras duas. A primeira é que se o Caraça vincular a sua imagem unicamente ao âmbito religioso pode intimidar potenciais visitantes (ateus ou de outras religiões) e estes não se sentirem confortáveis em um recinto unicamente religioso. Além disso, em suas palavras “*O Caraça não é só igreja, é muito mais do que isso*”. A outra inquietação se refere à confusão que algumas pessoas podem realizar ao verem o Caraça em roteiros religiosos e chegarem lá com objetivos destoantes a esse propósito.

Esses “conflitos” são comuns a espaços denominados por fronteira. Sendo assim surgem novas formas de adaptação e relacionamentos. Santos (2002, p.348) destaca as “novas formas de sociabilidade” com aspectos pertinentes com a nossa realidade estudada. São elas:

Viver na fronteira significa ter de inventar tudo, ou quase tudo, incluindo o próprio acto de inventar. [...] Na fronteira, vive-se da sensação de estar a participar na criação de um novo mundo. As reservas de experiência e de memória que cada pessoa ou grupo social leva consigo para a situação da fronteira transformam-se profundamente quando aplicadas num contexto completamente novo [...].

Situando esses aspectos no Caraça é importante ressaltar que a atual gestão de padres, apesar das novas influências recebidas, busca abrir o diálogo com o novo se estruturando nesses três aspectos supracitados (Peregrinação, cultura e turismo), objetivando não descaracterizar o próprio lugar nas novas reinvenções de uso e ocupação. Essa situação se assemelha na subjetividade de fronteira destacada por (Santos, 2002, p.354), no qual o novo caminho se orienta ora pelo “paradigma dominante”, ora pelo

“paradigma emergente”. Desejando alcançar o segundo, sabe-se que é necessário navegar “zigzagueando”, contudo sempre mantendo um olhar no primeiro para guiar-se.

Segundo o autor, essa relação com o subjetivo chamada de cabotagem, é característica das navegações do período da expansão europeia do século XV, sendo utilizada ainda nos dias de hoje por comunidades costeiras de diversas partes do mundo. Constitui uma forma de navegar “fora dos limites, mas em contato com eles”, enquanto realiza também outras atividades ao longo do trajeto. Quanto maior a distância, maior a “autonomia”, entretanto um movimento a mais que os distancie do olhar desses limites pode gerar um “caos destrutivo”.

Situando a “cabotagem” para nosso cenário temos além dos princípios citados como “limites”, os padres assumindo novas “atividades”. Estas estão atreladas à gestão de uma atividade cujos resultados financeiros determinam a existência dos próprios “limites” no território do Caraça. Como salienta Pereira e Carrieri (2005, p.35) esta atividade também consiste em um fenômeno social com fins em resultados “racionalmente estabelecidos”, e que para tanto manifestam a necessidade de uma visão financeira. Nesse interim emerge o espaço de negócios, e a gestão do Caraça assume também características vinculadas a uma empresa.

Para exemplificar esses novos “papéis” vou me deter em alguns exemplos. Em primeiro lugar ressalto o cenário de construção. A Reserva vem se estruturando desde o ano de 1999 com planos de ação e mais recentemente com o “planejamento estratégico”. Conforme vão surgindo as demandas sejam dos visitantes, sejam de atores e acontecimentos externos, os padres se deparam com a necessidade de decisões que os vinculam também aos assuntos administrativos e comerciais de uma empresa.

Em relação ao quadro de funcionários do Caraça temos um grupo de pessoas relacionados aos serviços demandados pela atividade turística. O processo de contratação destes é totalmente intermediado pelos padres, apesar de existir uma profissional responsável pelo setor de recursos humanos. Quem verifica se a pessoa esta apta para ingressar na equipe é a gestão da congregação.

Essa “aptidão” muitas vezes não está vinculada com as competências profissionais para o cargo a ser ocupado, mas sim com aspectos vinculados ao social, como a oportunidade de ofertar um emprego para uma pessoa da região que o necessita. Pereira e

Carrieri (2005, p. 43) detectaram em seus estudos a compreensão existente no interior da direção por uma preferência em treinar e qualificar os seus funcionários ao invés de abandoná-los e substituí-los por “mão-de-obra mais qualificada”. Existe uma preocupação em promover a “qualidade de vida, redução da desigualdade e da exclusão.”.

Os autores (durante o período de suas pesquisas), todavia, afirmam observar certo amadorismo nas atuações dos funcionários, com problemas típicos como ausência de rodízio ou plantão entre as mesmas. Estes problemas eram tratados pelos padres gestores com certo protecionismo, atrelado às concepções religiosas e não às de uma empresa. Ilustrando esse período de “amadurecimento” no âmbito organizacional, os autores (PEREIRA; CARRIERI, 2005, p.44) nos acrescentam:

Pode-se observar que, mesmo internamente, o grupo das cozinheiras é bastante diversificado. Há algumas que aderem ao movimento de que devem cooperar com a atividade turística. Mas há algumas que, por terem mais tempo de casa, não compreendem que é a atividade econômica predominante que impõe os horários de funcionamento da cozinha e não o contrário. E são essas cozinheiras que fazem as comparações entre as diferentes gestões dos párocos, reforçando com a idéia de que, antes, era melhor, com menos cobrança.

Ao longo das três pesquisas de campo notei um movimento de “profissionalização” em alguns aspectos de serviços. Um deles foi o de alimentação. A comida ofertada passou a ser mais diversificada. O que antes era motivo de reclamação de alguns visitantes, neste último ano passou a ser elogiada pelo público. Durante uma entrevista, em julho de 2011 (minha primeira pesquisa empírica na unidade) M. administradora de empresas da cidade de São Paulo, estava no Caraça pela primeira vez com um grupo de amigos e familiares. Ao ser perguntada se algo poderia melhorar ela afirmou:

“Olha, eu acho que poderia ter um cuidado maior com a comida, falta carinho. Eu acho que a pessoa que elaborou o cardápio não fez com carinho. Todo dia temos quase sempre a mesma variedade de comida e algumas vezes aquelas batatinhas já estão bem frias.”

Já em abril deste ano (2013) foi perceptível o cuidado com a variedade das comidas ofertadas no almoço e no jantar. Essa mudança foi também resultado da contratação de uma nutricionista, em 2012. A coordenadora indica que esta ação também faz parte das ações de “profissionalização” dos serviços prestados.

Outra profissional contratada foi uma psicóloga. Segundo a coordenadora o padre diretor da unidade em 2012 procurou por essa profissional com o objetivo de melhorar o “sentimento de equipe” entre os funcionários. Segundo ela, este padre exemplificando o universo de uma empresa, julgou ser necessária a contratação desta para as novas realidades do santuário.

Contudo, faz-se pertinente destacar uma constatação de Pereira e Carrieri (2005, p.45) relacionadas às oportunidades do local. Eles ressaltam o fato dos “conceitos e valores vigentes” não se apresentarem fiéis aos de “empresas contemporâneas” (como as relações de troca comerciais entre clientes e vendedores). As formas pelas quais se estabelecem o relacionamento entre os visitantes e os funcionários são pautadas por outros valores, carregados de certa “amabilidade”, característica das relações entre as pessoas “das cidades do interior, das relações servis das grandes fazendas ou, mesmo, da Igreja.”.

Esses aspectos geram nos visitantes emoções e a sensação de um tratamento fugindo à concepção de mero consumidor como observei nas declarações. Atribuindo essa característica como fundamental para suas interpretações do Caraça como um local especial, as declarações também colocam sobre esse fato o desejo de retorno ao local. M. carioca, bacharel em direito, visitante de uma década do santuário, compartilhou comigo sentimentos semelhantes aos demais visitantes. Numa tarde ele me convidou para visitar o lugar onde dona M., uma das cozinheiras preparava os seus doces.

M. e dona M. já se conheciam de outras datas e ela tinha lhe chamado para ir ver os tradicionais doces caseiros que seriam servidos nos almoços e jantares, sendo elaborados no fogo a lenha. Dona M. nos recebeu com um sorriso caloroso e mostrava-se orgulhosa de seus doces de leite; rapadura de coco e a bananada. Iniciamos uma conversa descontraída e ela perguntou se queríamos levar doce para a viagem (tanto ele como eu iríamos embora no dia seguinte logo pela manhã). Cabe aqui um parêntesis esclarecendo que dona M. faz os doces em maiores quantidades para serem embalados e vendidos na cantina. Aceitamos e

perguntamos a ela como pagaríamos. Como resposta e sem grandes preocupações disse: “Ahhh depois vocês passam lá na cantina e falam pra moça”.

Nesse contexto e em outros na companhia de M. ele resume parte do seu sentimento pelo lugar:

“Eu não consigo ficar sem vir aqui. Uma vez fiquei um ano e jurei pra mim mesmo que nunca mais faria isso. O Caraça é isso daqui, essa relação calorosa, essa conversa entre as pessoas, esse carinho do pessoal que trabalha aqui, essa desaceleração de tudo.”

A sensação de “afeto” vivenciada pelos visitantes em relação aos funcionários é valorizada por alguns motivos. Um dos mais expressivos é a base na qual nossas relações sociais estão sustentadas na atualidade. Bauman (2008) pontua a “transformação dos consumidores em mercadorias”, como resultado de uma sociedade cujas relações foram intermediadas pelo consumismo como objetivo central.

Trazendo para o debate a “relação pura” de Anthony Giddens, o autor acima a esclarece como uma relação onde o outro/parceiro assume o papel de objeto de consumo, ou seja, uma relação onde vínculos são estabelecidos por teias mercadológicas, centralizadas na utilidade e na satisfação. Essas características se opõem as relações “Eu-Você”, fundamentadas no convívio humano, na ética que intermedia e valoriza a “amizade, devoção, solidariedade e amor”. Sendo assim exclui a “responsabilidade pelo outro, fundamental em termos éticos.” (BAUMAN, 2008, pp. 32-33).

A presença dessa “utilidade” no cotidiano das pessoas contribui para as mesmas valorizarem aspectos relacionados à “amizade” e ao “afeto”, dentre outras presentes na ética descrita por Bauman (2008). Ao se depararem com eles no Caraça, desenvolvem um desejo de retorno devido ao sentimento de amparo promovido no local entre visitantes, padres e funcionários.

Sobre os novos papéis assumidos pela direção do santuário trago outro relato da coordenadora ambiental. A., ao discorrer sobre a participação deles em um evento de montanhismo e turismo, abordou sobre uma situação ocorrida em outra unidade de conservação que influenciou em decisões tomadas pela Reserva, no âmbito do planejamento de melhora da infraestrutura de trilhas:

“Eu não sei se eu comentei com você, mas cada dia a gente vai vivenciando uma situação diferente, né. A questão é de orientação jurídica por falta de uma placa. Aconteceu num parque nacional, a pessoa escorregou numa cachoeira e quebrou a bacia, ela automaticamente moveu um processo contra o governo. Ela só não ganhou a causa, porque o parque provou pra ela que tinha uma placa ali dizendo que era um local escorregadio. Essa foi a palestra de um promotor de justiça no Rio em um congresso de montanhismo. Então, se não fosse aquela placa, a pessoa teria ganho o processo. Uma vez que você abre as portas pra visitação e cobra por um serviço, quem responde por essas pessoas é a empresa. Não responderia se você não cobrasse. Mas como manter a área se não cobrarmos? Como você seleciona um público? Querendo ou não seremos reféns de placas, mas assim evitando a poluição visual.”

A partir disso, podemos estabelecer relações com outro aspecto vinculado aos lugares de fronteira, segundo Santos (2002, p.350), ou seja, o caráter de promiscuidade de estranhos e íntimos, de herança e invenção. Para o autor estar na fronteira exige uma disponibilidade para aguardar de uma forma mais poética “por quem quer que seja incluindo *Godot*”. Isto significa dar relevância a todos que chegam, inclusive aos seus hábitos, como forma de reconhecer na diversidade as “oportunidades para o enriquecimento mútuo.”.

Além das “obrigatoriedades” embutidas nesse exemplo citado por A. existe também a oportunidade de se pensar em como melhorar a infraestrutura não apenas para o bem estar dos turistas, mas igualmente para evitar a depredação e o melhor relacionamento entre estes e a RPPN. Nesse diálogo surge mais um espaço que também transita pela fronteira do Caraça, o de preservação ambiental.

O tombamento em RPPN pelo governo federal foi também uma estratégia para proteger a área natural existente das ameaças constantes, quer seja da mineração, como também do descuido pelos visitantes na década de 1970. Pereira e Carrieri (2005, p.40) destacam a formalização da área em uma Unidade de Conservação, como um novo eixo exigindo novas posturas profissionais da direção. Assim surgiu, a coordenação ambiental da unidade trazendo outros desafios para serem enfrentados.

Um deles em relação aos pilares pensados para o Caraça, na década de 1970, de “Peregrinação, cultura e turismo”:

“Olha, por mais que o Pe. I. coloque esses 3 eixos, Caraça: peregrinação, cultura e turismo, vai ter que entrar o termo de meio ambiente, preservação e conservação. Quando ele coloca o turismo, não quer dizer que toda reserva está aberta ao turismo. O objetivo principal dela qual é?! É preservar e conservar. Preservar no âmbito daquilo que não é pra ser mexido e conservar propondo aquilo que você pode usufruir mas com uma preocupação com que permaneça lá.”

Na fala de A. notamos novos usos e concepções que estão intermediando o espaço total do Caraça. Este, proposto aqui como fronteira, transita por interpretações de um único espaço sem excluir possibilidades de entrelaçamento. O espaço sagrado, agregando religião, espiritualidade e natureza, encontra-se com o profano, representado pelo turismo. A presença marcante de ambos dota o local de uma ambiguidade interessante escapando da exatidão de definições e estabelece um trânsito e uma relação necessária para a configuração incerta do espaço.

Santos (2002, p.349) destaca a “fluidez das relações sociais” como um aspecto inerente a esses espaços de fronteira. Para o autor este lugar, impreciso no universo físico e mental, encontra na inovação e na instabilidade as “duas faces das relações sociais”. Essas características confrontam o Caraça com os preceitos de sua história, mas também com as necessidades impostas pelos interesses vinculados ao turismo e a legislação referente à unidade de conservação. Pereira e Carrieri (2005, p. 46) agregam outros interesses, localizados no entorno, como a mineração e as comunidades. A mineração com atividades degradando a “natureza ao redor” e as comunidades cuja subsistência também vinha da exploração dos bens ecológicos do Caraça, impossibilitada agora pelo viés conservacionista formalizado na unidade.

Como ressalta Bruhns (2007, p. 86) apoiada em reflexões de Ferguson e Gupta, a fronteira não constitui um “local topográfico fixo entre dois locais fixos (nações, sociedades, culturas); ela se constitui numa zona intersticial de deslocamento e desterritorialização que molda a identidade do sujeito hibridizado.”.

O Caraça evidenciado em seus diferentes espaços se apóia no ecoturismo como possibilidades de reinvenções, na busca também por novas identidades. As ações desencadeadas em razão da visita, todavia não possuem um espaço definido, no âmbito simbólico e subjetivo de quem recebe e de quem visita, demonstrando novas identidades e novas possibilidades em relação à tradição. Os conceitos transitam remodelando não apenas o espaço físico, mas também o espaço simbólico daqueles que o vivenciam e experienciam.

3.3 A busca pela natureza no complexo do Caraça

“A história está atravessada pela viagem, como realidade ou metáfora, seja como forma de descobrir o “outro”, seja como modo de descobrir o “eu”“. Sempre há viajantes, caminhantes, viandantes, negociantes, traficantes, conquistadores, descobridores, turistas, missionários, peregrinos, pesquisadores ou fugitivos atravessando fronteiras, buscando o desconhecido, desvendando o exótico, inventando o outro, recriando o eu”⁴⁸.

Como foi apresentado ao longo do primeiro capítulo, o processo de visita ao santuário do Caraça se iniciou com a peregrinação, com a religiosidade, a curiosidade e hoje, às heterogêneas motivações intrínsecas ao turismo. A viagem até o Caraça na atualidade resguarda um hibridismo entre os seus atrativos e possibilidades.

Buscarei aqui os desdobramentos do ecoturismo na Reserva desde o início da visita, passando pelo momento de formalização da mesma em uma Unidade de Conservação, assim como as ações desencadeadas para a organização da atividade.

Ao envolver um conjunto de atores, trarei para a discussão os cenários que envolvem os guias, as relações percebidas e já estudadas por outros autores sobre a relação da RPPN com a comunidade local, assim como o público de visitantes e também os aspectos vinculados às problemáticas de visita.

A coordenadora ambiental da área, durante uma conversa, nos confirmou que ao longo da década de 1970 a visita ao Caraça se deu de forma desorganizada, concordando com a bibliografia apresentada no início deste trabalho.

⁴⁸ IANNI, O. A metáfora da viagem. 2000.

No Caraça, não ocorreu um fluxo intenso, característico do turismo de massa, porém existiu um fluxo turístico de pequena proporção sem um planejamento prévio. Com isso parte das estruturas do patrimônio existente começou a apresentar traços de descuido e má utilização.

Alvarez (1999) aponta a realidade inadequada gerada nas destinações turísticas entre as décadas de 1960 e 1970, como fomentadora de uma maior preocupação com a organização da atividade. Se anteriormente ela foi desestabilizadora de ambientes, na atualidade ela pode atuar como uma de suas aliadas, no âmbito da preservação.

Muitos visitantes, iludidos por uma imagem de “paraísos naturais”, criavam a idealização destes retirando de si a responsabilidade para com estes espaços e utilizando-os sob a ótica do consumo, fenômeno derivado do mito da “natureza intocada” (DIEGUES, 2004).

Além dos desequilíbrios provocados por um turismo desordenado, a coordenadora ambiental afirmou terem ocorrido ameaças e depredações ao patrimônio, como incêndios criminais, coleta e caça.

Palú (2012 b, p.101) resgata o cenário de lixo abandonado e dos incêndios produzidos, afetando a fauna e a flora existente. Isso gerou o desaparecimento de algumas espécies (como as orquídeas) nos espaços mais utilizados, tais como a Cascatinha, a Bocaína, o Banho do Belchior, Tanque Grande, como também o caminho para o Campo de Fora, pra Cascatona, a Capelinha, entre outros.

Ações foram tomadas pela gestão para a preservação da área já na década de 1970. Entre elas figuram o planejamento de quatro projetos relacionados entre si: o Projeto turístico buscando tornar o Caraça um destino de visitação da natureza e participação religiosa; o de Monumento Histórico buscando uma preservação do patrimônio edificado existente; o de Estação Biológica prevendo a construção de um espaço de apoio à pesquisa científica da fauna e flora da unidade e, por fim, o de Reserva Natural visando à preservação local (ZICO, 1982, p.134).

ZICO (1982, p.130) traz informações relevantes para nosso entendimento. A visitação se intensificava no período em que a direção, todavia não tinha claro como organizar essa nova demanda. Em termos de números de visitantes, o autor esclarece 2.200 visitantes em 1972, os 5.000 mil em 1973 e os 7.000 em 1974. Em 1973 foi formada a

“Comissão pró-Caraça”, composta por padres da congregação, incluindo o próprio Pe. Tobias Zico.

Entre as decisões tomadas pela comissão estavam os pilares nos quais a reconstrução do Caraça deveria se pautar: “Centro de Irradiação Espiritual”, tornando o santuário um recanto de “encontros religiosos e retiros espirituais”; “Centro de Cultura”, objetivando divulgar a rica flora, fauna e a história no âmbito de pesquisas científicas, além de reviver o aspecto educativo e de “berço da cultura mineira” em um novo formato, o de centro de estudos. E por fim, o de “Centro de repouso e turismo”, considerando o aumento de visitantes que buscavam o local (ZICO, 1982, p.131). Esses “centros” viriam a formar o que hoje é conhecido como o trinômio “Caraça: peregrinação, cultura e turismo”, orientador de todas as ações e planejamentos da unidade empreendidas pelos padres.

A formalização da área em uma Unidade de Conservação se deu apenas em 1994, apesar dos relatos da direção e da coordenação ambiental afirmarem que desde 1980 o Caraça já vinha sendo pensado como um projeto de parque natural. No ano de 1994, no mês de setembro, foi instituída a criação da Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) do Santuário do Caraça. Do total dos aproximadamente 12.000 hectares foram tombados 10.187,89 como área protegida. O restante ficou destinado às atividades de manejo agrícola e pastoril (PALÚ, 2012 a, p. 37).

A classificação das reservas particulares é anterior ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), instituído em 2000 (lei 9.985). Nasceu em 1990, como um decreto federal e foi atualizada no ano de 1996. A sua ação poderia contribuir para um ideal da constituição de 1988 (art. 225, C.F.)⁴⁹ onde caberia ao “Poder Público e à coletividade o dever de defender o meio ambiente classificado como bem de uso comum do povo” (WIEDMANN, 1997, p. 38). A ideia de cuidado com o meio natural se estendeu também para a população, não estando mais restrita unicamente ao estado.

Wiedmann (1997, p.38) destaca o papel fundamental do proprietário no desejo e reconhecimento da proteção da biodiversidade existente em seu território. A RPPN possibilita um “estatuto jurídico diferenciado” sustentado pela proteção integral do patrimônio natural existente. Somam-se também outros reconhecimentos e benefícios como:

⁴⁹ Artigo da Constituição Federal de 1988.

[...] um regulamento seguro, uma garantia de perenidade, incentivos à sua criação mediante a isenção de impostos, prioridade em financiamentos de projetos ambientais, e criar, no Brasil, uma rede de reservas particulares em que o cidadão, voluntariamente, se engajaria no processo efetivo de proteção de áreas representativas dos ecossistemas brasileiros.

Essas áreas pressupõem a educação ambiental, a pesquisa científica e o turismo ecológico como os usos permitidos.

Ressalto a posição de Irving (2008) ao destacar que as pesquisas debruçadas na compreensão do ecoturismo em áreas protegidas, devem buscar a princípio, uma desmistificação do discurso já desgastado acerca da atividade, e então abrir reflexões para a busca da natureza enquanto um fenômeno social. Assim, ganharão qualidade na análise e no conteúdo e conseqüentemente resultarão em benefícios para a própria sociedade e para o meio natural.

O ecoturismo por meio da experiência também pode resgatar a afetividade nos processos de interação com o ambiente natural e com os códigos culturais existentes no local. Esses “encontros” se desenvolveriam em uma mesma natureza protegida que os atraiu para essa viagem (IRVING, 2008, p.4).

Algumas falas traduzem esse sentimento de “encontro” possibilitado através da experiência. Entrevistando R., biólogo paulistano, visitante frequente do Caraça há uns sete anos, ele aborda sua preferência por sempre voltar à unidade todo ano, ao invés de repetir ou empreender novas visitas a outras Unidades de Conservação:

“Sou visitante velho. A relação custo benefício, num lugar onde se tem segurança, fauna fácil e a parte histórica. O visitante que vem pra cá é bem legal. A liberdade de trânsito aqui dentro. A frequência de turistas é diferente, é um pessoal mais tranquilo.”

A visitante D., paulistana e professora de biologia, também realizou a comparação da unidade com outras já visitadas. Seu discurso se assemelha ao de R. em relação a autonomia tida durante sua estada:

“Aqui temos mais liberdade. Na Chapada Diamantina tínhamos guia e isso nos prende. Nos parques americanos tínhamos liberdade. Não somos criancinhas, alguns grupos precisam, sempre conversamos com as pessoas que estão conosco para não fazerem aquilo que não estão capacitados a fazer, visitar.”

A liberdade oferecida às pessoas para decidirem como irão dispor do seu tempo durante a visita é destacada em outros discursos. A organização da Reserva não dita os passeios a serem feitos, apenas oferece dicas quando requisitadas. A organização da rotina de alimentação (com os três horários estabelecidos para café da manhã, almoço e janta) constitui um dos poucos fatores que influenciam nas decisões dos turistas para a realização das trilhas e passeios. Porém, se algum turista decide por uma trilha mais longa, tem a opção de adquirir lanches na cantina, por um preço à parte do incluído na diária.

Alguns esclarecimentos podem ser feitos em relação ao perfil do público frequentador. No início era cobrada uma taxa para os automóveis e ônibus e não por pessoa que ingressava na unidade. Com o tempo, segundo relatos da gestão, foram percebendo a quantidade elevada de pessoas chegando e apresentando ações irresponsáveis em relação ao patrimônio resguardado. Para isso iniciaram a cobrança de uma taxa de visitação por pessoa e isso começou a selecionar o público bem como contribuiu para evitar danos segundo a administração. Ao mesmo tempo, a cobrança de ingresso obriga a Reserva a cuidar da manutenção e apresentar um espaço mais organizado. Nas palavras da gestão, Pe. 1. coloca:

“No começo eram muitos curiosos e bagunceiros. Os ônibus traziam umas 50 pessoas e tinham finais de semana que vinham uns 200 ônibus. Com o aumento do preço selecionou a pessoa, agora se caracteriza como cultural. O pessoal atualmente é mais comportado, porque eles veem que está limpo e isso ajuda.”

O trajeto de algumas trilhas igualmente demonstrou interferir na disposição do público no interior da Reserva. A bióloga D. frisa:

“Aqui eles não marcam muito as trilhas. São poucas setas, afasta os mais desavisados. E isso concentra os turistas mais no centro, além de ajudar a preservar.”

Temos dois tipos de turistas [fazendo referências ao que vem apenas para excursões de final de semana e feriado e os que chegam para se hospedar, geralmente durante a semana]⁵⁰”

Ao fazer referências sobre um público mais intenso, característico dos excursionistas de final de semana, a visitante afirma a situação já comentada da concentração em trilhas como a da Cascatinha e do Banho do Belchior, principalmente na primeira. Com isso os locais mais afastados como a Bocaína, a Cascatona, o Campo de Fora e os picos permaneceu com poucas pessoas.

Ruschmann (1997, p.50) versando sobre o planejamento turístico em áreas naturais considera esse fato:

Entretanto, o turismo de massa apresenta-se, atualmente, como o que mais agride o meio ambiente, por concentrar um número excessivo de turistas em localidades restritas, mas que acaba por funcionar como protetor de outros meios, ao concentrar-se em localidades específicas.

As trilhas de até seis quilômetros podem ser realizadas sem a contratação dos guias, e informações sobre as mesmas podem ser obtidas no centro de visitantes. A realização ocorre dessa forma, no tempo dos caminhantes para percorrê-las.

Para além do viés mercadológico, o ecoturismo bem planejado favorece o caráter qualitativo da experiência, facilitando a indução de novos significados, desejos e subjetividades entre visitante e lugar. Nesse contexto, a necessidade de se despir das vestimentas desgastadas pela fragmentação e pela racionalidade poderiam incitar a abertura para novas formas de vida, sustentadas na diversidade e nas sensibilidades⁵¹.

O planejamento do ecoturismo com vistas à sustentabilidade da prática demanda comprometimentos de bases éticas mútuas entre visitantes e receptores. Nessa relação um “intercâmbio real” entre ambas as partes potencializa a troca de valores e o “espaço da interação” ganha contornos não apenas superficiais, mas substanciais do ponto de vista da experiência da viagem (IRVING, 2008, p. 4).

⁵⁰ Os trechos que estão entre “colchete” refletem minhas observações durante as entrevistas. São utilizados com os relatos dos entrevistados de forma a esclarecer melhor alguns contextos em que elas ocorreram.

⁵¹ Estas e outras possibilidades do universo da viagem serão mais bem discutidas no capítulo 3 a partir da discussão do lado experiencial da visita no Caraça.

Quanto ao planejamento e à organização, Coriolano (2006, p.39) destaca que o turismo, enquanto atividade econômica do mundo atual pode apresentar riscos de degradação, mas também é inegável o seu potencial de preservação. Segundo a autora os caminhos da atividade devem percorrer a responsabilidade social, integrando todos os sujeitos envolvidos, e o compromisso com o meio ambiente.

Especificadamente, no âmbito das Unidades de Conservação, o ecoturismo se apresenta como oportunidade de somar valor à área preservada, apoiando assim os projetos de resguardo da biodiversidade (IRVING, 2008, p.8). Além disso, as classificações de áreas protegidas permitindo a atividade incitam o papel de educação da mesma, contribuindo assim para outro aspecto da preservação do meio ambiente.

Para compreender a organização do ecoturismo no Caraça, algumas pontuações são necessárias. Sob a gestão de uma congregação religiosa é notável as influências dos preceitos da mesma na coordenação da atividade. O cenário existente envolve a interação constante entre os aspectos naturais e os culturais.

Durante as entrevistas com os visitantes, foram destacados o tratamento recebido e a rotina local. Esses aspectos agregavam valor ao Caraça e provocavam o desejo de retorno. Isso pôde ser evidenciado durante a entrevista com T, professor de inglês, que visita o Caraça anualmente por onze anos com a esposa e seus dois filhos:

“Fazer a caminhada e chegar aqui no entardecer e ter aquela jantinha caseira, quentinha é acolhedor demais”.

Os preceitos religiosos também auxiliam o entendimento desse espaço para o ecoturismo, ou para um turismo alternativo. Essa questão está presente na fala do Pe. 2, gestor da unidade e responsável pelo atendimento ao público:

“Já quiseram colocar hotel cinco estrelas aqui e nós não deixamos. Destoaria totalmente da natureza. Pra que isso? Não é plano nosso colocar tv nos quartos, o pessoal tem que descansar. As vezes o sujeito ai fala: ahh vou assistir esse filme, até duas horas da madrugada. Ai fica com a televisão alta ligada e o vizinho? Não, o pessoal vem pra cá pra descansar. As coisas são simples de propósito, pra poder proporcionar as famílias mais

simples também o descanso. Se colocássemos hotel cinco estrelas aqui, só viria magnata e nós não queremos isso. A noite aqui você dorme com a harmonia, a sonata dos grilos. E gente que quer cinco estrelas, vai para Belo Horizonte, Hotel Palace. Não é aqui não”.

Já C. artista plástica paulistana, acompanhada da mãe e da filha, - estava visitando pela primeira o Caraça no período da entrevista -, também ressaltou a preocupação da gestão sobre esses aspectos:

“Tem aquele turismo mais diferenciado né, pra pessoas de determinadas classes econômicas. Já aqui eles abrem pra todo mundo, não são taxas caras e eles conservam a simplicidade do local. Eu acho isso muito legal”.

As falas demonstram a existência de um desejo para manter a acessibilidade de pessoas que não estão preocupadas com o luxo, mas sim com a manutenção da simplicidade e do sossego.

Como já dito há opções mais baratas de hospedagem tanto individuais como a Casa da Ponte, como para grupos maiores como a Casa São Luis e a das Sampaiais. Espaços geralmente utilizados pelos grupos de agências de ecoturismo que visitam o local.

Porém a chegada ao Caraça não é tão simples podendo ser um elemento de limitação. Após a chegada à Santa Bárbara, o município mais próximo à portaria, o visitante tem duas opções para chegar ao santuário. A primeira com condução, vans ou ônibus, e a segunda com táxi, cujo preço saindo do terminal rodoviário de Santa Bárbara vigora entre os setenta e oitenta reais o trecho (esse foi o valor praticado durante o período desta pesquisa, entre os anos de 2011 e 2013). Há um ônibus que leva os funcionários do município até a sede da Reserva, porém trafega apenas um horário no dia (chega ao Caraça às sete horas da manhã e retorna a Santa Bárbara às dezessete horas) e é restrito aos funcionários.

Sobre a questão do acesso, Irving (2008, p.7) aponta o cenário contraditório visto em algumas iniciativas de ecoturismo:

Em geral, o que se percebe, na literatura internacional e na economia contemporânea, é que o turismo de natureza, em particular o ecoturismo, é privilégio das classes mais favorecidas da população mundial, dispostas e capitalizadas a pagar pelo encontro com a natureza, inflacionada pela lógica do mercado dos sonhos.

Discutindo sobre o “mito” de paraísos selvagens em que as Unidades de Conservação estão envolvidas no imaginário da sociedade urbano-industrial, Diegues (2004, p.62) também corrobora com a autora acima:

[...] o chamado “turismo ecológico”, realizado em parques e reservas está também imbuído desse neomito de natureza intocada e selvagem. Ao contrário, no entanto, dos objetivos dos primeiros parques norte-americanos, o turismo ecológico é ainda mais elitista, reservado aos que podem pagar tarifas especiais.

Apesar do acesso limitado, há uma preocupação em receber não apenas um público elitizado, manifestados nas opções de alojamento mais baratas, na resistência em transformar a pousada em hotel de luxo, na existência de mobília básica no interior das habitações, na tarifa média cobrada pela hospedagem e pela alimentação, como também na possibilidade de realização de trilhas mais próximas sem a contratação de guias.

A cobrança do ingresso gerou maior organização e cuidado com o local e em conjunto com a proibição do uso de churrasqueiras evitou a presença de um público não sintonizado com as propostas do local, de acordo com os desejos expressos pela congregação vicentina, seus costumes e tradições.

O Plano de ação⁵² - do período de 2007-2012 – destaca essa interação nas palavras: “O Caraça não se caracteriza como um hotel no sentido pleno, é uma casa religiosa, com uma pousada com características próprias de simplicidade e rusticidade e de acolhida de visitantes.” (PROVÍNCIA BRASILEIRA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, 2007).

⁵² O Plano de Ação de acordo com um membro da AEALAC (Associação de Ex Alunos do Lazaristas e Amigos do Caraça), refere-se à necessidade de um instrumento norteador das ações voltadas ao turismo, no ano de 1999. Foram realizados dois planos, o primeiro com vigência de 2000 à 2006 e o segundo de 2007 à 2012. Atualmente, a direção está envolvida na finalização do Plano de Manejo da unidade e na elaboração de um “Planejamento Estratégico” que deve realizar um diagnóstico do Caraça e propor novas ações no âmbito de um novo Plano de Ação. Durante este processo estão sendo realizadas uma reunião por mês envolvendo a direção do Caraça, membros da congregação vicentina, os coordenadores das seções da unidade (cozinha, biblioteca, recepção e coordenação ambiental). A Coordenação Ambiental também afirmou durante entrevista da terceira pesquisa de campo (2013) que o Caraça está envolvido em um projeto vinculado ao Instituto Estrada Real, em conjunto a associações como FIEMG, SEBRAE e membros da Congregação Vicentina. Este projeto, ainda no início, coloca o Caraça como eixo pólo, junto a Serra da Piedade com o fim de fomentar o turismo na região, desenvolvendo também as cidades próximas como Santa Bárbara, Catas Altas, Barão de Cocais e Caeté. O projeto está intitulado “Entre as Serras do Caraça e Piedade”.

Coriolano (2006, p.40) destaca aspectos interessantes nessa discussão. Para a autora, o ecoturismo é uma modalidade de grupos especiais, geralmente controlados, isto é, sem grandes concentrações, “integrando o turismo como atividade econômico-social ao meio ambiente natural”. Ela ressalta um desejo observado nesse grupo, relacionado ao conhecimento e a vivência dos aspectos atrelados à fauna e à flora, como também à cultura do povo visitado.

Alguns relatos contribuem para evidenciar o comportamento dos visitantes atuais. Durante entrevista com Y, médico paulistano, ele afirmou gostar muito de lugares de natureza e chegou ao Caraça, acompanhado da família e de amigos, após saber de sua existência por amigos e pela mídia. Ao fazer referências à organização da unidade e aos projetos de educação ambiental sentidos por ele, afirma:

“As pessoas que vem aqui já tem alguma consciência disso, da natureza, da preservação. Mas eu acho que tem que reforçar mais.”

O biólogo R. também ressaltou a existência de uma “seleção” nas pessoas visitantes da unidade. Ao colocar os aspectos que mais lhe chamam a atenção, ele ressalta:

“Primeiro, o apego e o carinho dos funcionários e dos frequentadores com o local. A combinação de história e natureza, a segurança com as pessoas que vem aqui, a camaradagem e a humildade delas. A oportunidade de bater papo.”

Segundo a monitora ambiental, o público frequentador dos finais de semana apresenta, em algumas situações, comportamentos indesejáveis, como jogar lixo nas trilhas, fazer ruídos, entre outros. Os monitores tentam passar informações sobre o Caraça no intuito de envolver essas pessoas nas concepções que orientam o local.

Esse público excursionista devido ao curto tempo de permanência na unidade constitui um desafio para a mesma, indicando a necessidade de projetos específicos envolvendo a educação ambiental. Essa necessidade fica no diagnóstico do plano de ação - do período 2007-2012- (PROVÍNCIA BRASILEIRA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, 2007, p. 16).

A ideia de contato com a natureza, assim como a compreensão do seu significado, gera um cenário híbrido entre esses visitantes⁵³.

Estando num espaço mesclado entre tradições e invenções, a Reserva recebe um público heterogêneo, composto por ex alunos, curiosos, adeptos de recursos naturais, de aspectos históricos, como os atraídos pelo espaço favorável a uma busca espiritual.

Entre o novo público visitante emerge o grupo de estrangeiros. Esse surgimento, segundo depoimentos, foi facilitado pela implantação de uma página do santuário na internet. A proximidade da Reserva com a cidade de Ouro Preto – de grande relevância no cenário turístico internacional – facilitou a veiculação de informação do Caraça através de agências de turismo e postos de informação turística (PITs) na cidade. O Museu da Inconfidência em Ouro Preto também congrega em seu acervo um quadro, do século XIX, com pintura em óleo da vista do antigo colégio do Caraça.

É interessante observar a presença do santuário na literatura e através de uma obra de Monteiro Lobato. Esse foi o motivo pelo qual E., uma senhora de São Paulo resolveu visitar a área. Durante uma conversa no salão do café da manhã, ela nos relata como se deu sua “descoberta”:

“Eu tinha mania de ler e quando você lê, sabe o que você faz?! Você viaja nos livros. E tem uma frase num dos livros no Monteiro Lobato, onde o Pedrinho faz uma encenação muito grande e aí, - eu devia ter uns 10 anos de idade -, a D. Benta diz assim pra ele: Menino você se comporte se não eu te mando pro Caraça. Aí a Emília, eu tinha uma ligação muito grande com a Emília porque eu também era muito rebelde, ai ela pergunta o que é o Caraça. Daí D. Benta conta, é um colégio enfiado lá em Minas Gerais, muito rigoroso e os meninos que não se comportam são enfiados no Caraça, e desde essa época, faz uns 55 anos e disse que ia pro Caraça e eu vim. É isso que o livro faz com a gente, desperta a curiosidade.”

A experiência ecoturística e as sensibilidades geradas através dela possuem influência dos guias locais, os quais se tornam atores importantes nesse processo de conhecimento e envolvimento com o meio ambiente.

⁵³ Essa heterogeneidade será também discutida por intermédio do relato dos visitantes no terceiro capítulo

Segundo a coordenação ambiental, os guias cadastrados no Caraça, devem ser locais e maiores de 18 anos, obedecendo a um regulamento interno do mesmo, além de demonstrarem o perfil para a atividade. É necessário também serem conhecidos pela comunidade (Santa Bárbara, Barão de Cocais e Catas Altas) por apresentarem boa índole. Após a seleção inicial são repassados para um dos guias mais antigos e experientes da Reserva, do qual recebem orientação acerca de como exercer essa função.

O Caraça dispõe na atualidade de quatro guias da região. Durante a pesquisa notei a presença mais intensa de dois deles. Estes são chamados quando o grupo é grande ou quando algum visitante deseja realizar algum passeio que a administração julga ser obrigatória à presença de um guia cadastrado. O aviso dessa necessidade está explícito no encarte distribuído na recepção por ocasião da chegada, porém não há controle formal sobre a mesma. Em relação a isso, Pe. 2., um dos gestores esclarece:

“Até 6 km pode ir sem guia, a partir de 6 km é bom levar guia. Porque, por exemplo, a pessoa vai subir a montanha e se tem uma torsão de pé lá quem é que vai socorrer. E se a pessoa se perder na mata como é que fica? Ao passo que o guia já conhece tudo e já sabe, não é de hoje que eles conhecem tudo isso daí”.

Notei em observações e em conversas com a recepção da Reserva, que este controle se dá apenas quando o turista deixa avisado que irá fazer trilhas que superem os seis quilômetros.

O desenho e os trajetos das trilhas estão atrelados aos usos do território anteriores ao turismo, todavia não foi desenvolvida interpretação ou educação ambiental⁵⁴. A coordenadora ambiental esclarece sobre o vínculo das trilhas com a recreação dos estudantes, na época do antigo colégio:

⁵⁴ A Reserva se encontra atualmente em período de elaboração de seu Plano de Manejo, de acordo com a Coordenadora Ambiental. Esse documento está sendo realizado com o apoio do Instituto Chico Mendes e da ONG S.O.S Mata Atlântica. A gestão espera que após a confecção do mesmo, muitas das decisões importantes no âmbito do turismo possam ser tomadas. Como exemplo a questão do montanhismo. Segundo a Coordenação após o plano de manejo poderão decidir se os grupos organizados poderão realizar suas práticas sozinhos ou se terão a obrigatoriedade do guia, assim como quais áreas deverão ser fechadas para as visitas, em detrimento da biodiversidade.

“Foi definido pela história. Foi definido pela presença dos padres e dos alunos. Eles foram descobrindo, dando nomes. Foi acontecendo espontaneamente. Eles definiam a trilha, davam nome e traziam os familiares e amigos”.

Os percursos possuem indicações como pinturas no chão ou placas indicativas no caminho, porém isto não é suficiente para que os turistas sintam-se seguros. Durante uma entrevista com F. uma jovem bióloga visitante há quatro anos com a família, revelou que se sente confortável somente na trilha da Cascatinha, a mais curta e a mais visitada, uma vez que as mais distantes não estão bem sinalizadas nem delimitadas.

Algumas placas alertando para a importância da preservação ambiental encontram-se nas intermediações da cathedral e da pousada, como podemos observar nas fotos 2.12 e 2.13.

FOTOS 2.12 e 2.13: Placas nas intermediações da Cathedral



FONTE: ISABELA FREDERICO, 2011.

A coordenadora ambiental atribuiu esse cenário à dificuldade financeira, como podemos observar em seu discurso:

“Poderia melhorar a questão financeira. Isso infelizmente não depende só da direção. Dentro do que o Caraça recebe e dentro das obrigações dele: funcionários, até mesmo pendências da própria instituição, esse dinheiro não chega a ser suficiente. A gente sabe que para os municípios que o Caraça abriga ele gera um ICMS ecológico, pro município de Catas Altas e Santa Bárbara. Se esse dinheiro fosse revertido para o Caraça ajudaria, mas a lei não deixa isso claro. Esse dinheiro ajudaria na manutenção do local.”
(...) *“O dinheiro que entra aqui é praticamente do turismo”*.

Segundo a coordenadora ambiental isto também é fruto da dificuldade financeira acarretando pouca possibilidade de contratação de funcionários. Porém, durante entrevista com um dos padres gestores, o fato das trilhas mais longas não estarem devidamente marcadas é proposital, como forma de evitar imprudências.

O Caraça está passando por um novo período em relação aos instrumentos de gestão e também em parcerias para o desenvolvimento do turismo. Atualmente (segundo informações coletadas durante a pesquisa de campo de 2013) a direção da unidade está realizando além do plano de manejo, outro documento visando o planejamento estratégico. Dentre as novas ações, a coordenadora destacou o recebimento de verba, por intermédio de parcerias, para a confecção de novas placas indicativas.

O planejamento estratégico indica um importante passo relacionado ao ecoturismo: a participação comunitária. Segundo a coordenadora, será criado um conselho no qual representantes das comunidades, os guias, assim como os artesãos da região serão convidados a participarem.

Em relação aos vínculos existentes entre o Caraça e as populações do entorno alguns apontamentos podem ser feitos. Apesar da pesquisa se deter no interior da Reserva, tive contato com os funcionários da região, bem como com pesquisas já realizadas sobre esse assunto.

A gestão da unidade é feita unicamente pela congregação de padres e a relação deles com a comunidade se estabelece dentro dos padrões religiosos, ou seja, atuam alguns dias

da semana nas cidades vizinhas e realizam trabalhos de assistência social como prevê a religião católica, além das eventuais missas.

No plano de ação do período 2007-2012, o Caraça foi pontuado como fomentador de funções “sócio-econômico-religiosa” para com as comunidades do entorno. Segundo o documento a unidade “enquanto alavanca o turismo na região, emprega trabalhadores dos povoados carentes da vizinhança e presta-lhes atendimento social e religioso” (PROVÍNCIA BRASILEIRA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, 2007, p.10).

No caso dos monitores ambientais, esse emprego no Caraça se constitui como a primeira oportunidade de trabalho de suas vidas. De acordo com a coordenação ambiental esse contato com a Reserva gera interesses e curiosidades nesses jovens, relacionados aos aspectos da biodiversidade. Uma das monitoras, por exemplo, mostrou o interesse em cursar geologia para entender melhor esse assunto no Caraça e poder contribuir com pesquisas para o lugar.

Em seus estudos, Platino et. al. (2010, p.394) pontuam essa empregabilidade⁵⁵, principalmente de “Sumidouro” e “Santa do Morro”. Os moradores atuam em setores como a cozinha, monitoria, horticultura e vinicultura, recepção e atendimento aos visitantes. Segundo os autores a influência econômica do santuário é evidente nessas comunidades.

Os estudos de Platino et. al. (2010) apontam a importância de maior integração dessas comunidades nos processos de gestão do ecoturismo na unidade. A economia dessas populações é de subsistência, orientada pelos recursos como pesca, caça e lenha, principalmente as comunidades menores, que são as do “Galego” e a do “Conceição do Rio Acima”.

Nas comunidades foram detectados saberes locais atrelados à prática agrícola de gêneros alimentícios e medicinais, assim como a elaboração de pratos típicos da cozinha mineira (PLATINO et. al., 2010, p. 396).

Os autores destacaram dificuldades financeiras dos agricultores locais, contribuindo para a monocultura do eucalipto como alternativa de renda. Também foi observada a comercialização de candeia, muitas vezes realizada sem o embasamento de um plano de manejo.

⁵⁵ Durante conversa com uma das recepcionistas da unidade foi elucidado que todos os funcionários são provenientes dessas comunidades do entorno, assim como da cidade de Santa Bárbara, com exceção da profissional da biblioteca e da psicóloga.

Diegues (2004, p.97) coloca que as comunidades tradicionais sob a influência da economia de mercado ou a perda de seus territórios cujos vínculos são históricos, deparam-se com situações de “miséria” conduzindo à utilizar dos recursos naturais de maneira intensa e destrutiva. Em relação isso, o autor reflete:

É dentro desse quadro que se pode pensar na criação de áreas protegidas como espaços territoriais onde a necessidade de uma *relação mais harmoniosa entre o homem e a natureza* é afirmada positivamente, não de forma excludente como hoje prevê a legislação de parques e reservas, mas de forma a beneficiar as populações locais. Mais do que repressão, o mundo moderno necessita de exemplos de relações mais adequadas entre o homem e natureza. Essas unidades de conservação podem oferecer condições para que os enfoques tradicionais de manejo do mundo natural sejam valorizados, renovados e até reinterpretados, para torná-los mais adaptados a novas situações emergentes.

Durante conversas informais com pessoas da região, notei a ausência das mesmas nas visitas, apesar de reconhecerem a beleza local. Um morador de Santa Bárbara colocou que o povo da cidade sabe da existência do Caraça, porém, talvez por estar tão perto, não lhe atribui o valor suficiente para dispor de suas horas de lazer na unidade.

Um dos monitores ambientais enfatizou, além das dificuldades de acesso que essas comunidades enfrentam para chegar ao Caraça, a concepção criada sobre a Reserva:

“Na cabeça lá embaixo [fazendo referências às comunidades] o Caraça é só uma cachoeira, a igreja e o lobo.”

Platino et. al. (2010, p.403) nas comunidades mais afastadas como “Galego” e “Conceição do Rio Acima”, notaram referências ao Caraça como “distante e isolado” com uma catedral neogótica. Já para os moradores de “Santana do Morro” e “Sumidouro”, a referência é pautada nos costumes religiosos, e na empatia pelos missionários e os padres.

O monitor ambiental L. traz uma informação importante a partir de seu trabalho dentro da Reserva. Ele afirma:

“Quando eu não trabalhava aqui, o acesso é muito longe, e não tinha nada que me atraía. Enxergava com outros olhos, que aqui só tinha a igreja e o lobo. Ahh, hoje eu enxergo diferente, toda a história do Caraça envolve o Brasil todo.”

Tomando conhecimento da relação do Caraça com a História do Brasil, como o antigo colégio (com a formação de personagens importantes como Afonso Pena), a existência de obras de arte de artistas de relevância nacional como Athaide e até mesmo a história do Irmão Lourenço com o Marquês de Pombal, o monitor coloca ter ampliado a sua compreensão do santuário e a sua relevância. Isso reforça a importância da integração com a comunidade.

Discuti como a preservação do Caraça fomentou o ecoturismo até o presente momento. Destaquei aspectos importantes da relação da unidade com a sua comunidade do entorno. Pires (1998) destaca a tríade na qual o ecoturismo deve se sustentar, ou seja, a preservação do ambiente natural, o envolvimento com a comunidade local/receptora e o desenvolvimento de práticas de educação ambiental. Para tanto, será analisado no próximo texto os projetos de educação ambiental captados durante esta pesquisa na unidade.

3.2.1. Experiências com a educação ambiental

Reigota (1995, p.41) contextua a educação ambiental como uma proposta que vai além dos conceitos tradicionais entendidos por educação, ultrapassando o objetivo único de “transmissão de conhecimentos sobre ecologia”. Para o autor, a educação ambiental deve buscar inferir na participação dos seres humanos em reflexões e ações sobre a participação sociocultural.

Nesse sentido, Mendonça e Neiman (2003, p.68) colocam a educação ambiental como um processo complexo, cuja amplitude não se limita à transmissão de conhecimentos. A prática deve conduzir a revisão de “valores, atitudes, e o bem-estar, discutindo um posicionamento crítico perante os problemas ambientais que existem”.

Dentro dessa perspectiva, a modalidade traz novos relacionamentos entre a natureza e a humanidade, além de fomentar a ética nos convívios sociais, políticos e econômicos (REIGOTA, 1995, p.11).

Pode ocorrer tanto no âmbito formal (em espaços de educação institucionalizados, como a escola) como no informal, através de contatos diretos como os proporcionados pelo ecoturismo. Neiman e Rabinovici (2002, p. 147) explicam este último:

[...] atividades de contato com ambientes naturais e de campanhas populares que visem à formação de atos e atitudes que possibilitem a preservação de recursos e a correção de processos degenerativos da qualidade de vida na terra.

Na denominada educação ambiental do Caraça estão incluídos o Centro de Visitantes, os vídeos (da história e da biodiversidade do Caraça) e um folheto entregue no início da visita onde constam as trilhas existentes e algumas atitudes pertinentes a uma Unidade de Conservação. Outras ações estão implicadas na concretização do Plano de Manejo, ainda em elaboração.

Quanto ao centro visitantes alguns colocaram a necessidade de ampliação da influência deste espaço, no sentido de ofertas mais atrativas para o público. Porém, a coordenação afirmou o pouco interesse dos turistas pelo espaço.

O centro de visitantes inclui uma sala onde estão expostos painéis com as pesquisas já realizadas no Caraça, em sua maioria relacionadas aos aspectos físico-biológicos da unidade. Igualmente salas de apoio da coordenação ambiental e um salão onde são expostos os vídeos referentes à história e aos aspectos ecológicos da unidade. Nesse salão, encontram-se informações mais acessíveis ao público em geral (quando comparadas aos painéis da entrada), como exemplo o quadro de pegadas dos animais que vivem no Caraça, como ilustra a foto 2.14.

FOTO 2.14: Espaço dedicado à educação ambiental no Centro de Visitantes



FONTE: ISABELA FREDERICO, 2013.

Os monitores ambientais permanecem nesse espaço fornecendo informações para os visitantes sobre as trilhas interessantes, dentre outras, além de acompanhar esses turistas nas visitas ao museu e à biblioteca ou assistir os vídeos.

Como ressaltado no primeiro capítulo, há a necessidade de se ultrapassar o caráter unicamente informativo e fragmentado do conhecimento e abrir espaços para novas formas de compreensão e atuação diante da diversidade do espaço.

O discurso da coordenação ambiental explica o que seria a prática educativa:

“Olha, o nosso objetivo é sensibilizar as pessoas. É um campo bem amplo e complexo, né. Por exemplo, não deixar resíduo no chão; preservar o patrimônio agora,

para as próximas gerações. Questões de flora e fauna. Esse é o contexto geral, água também. Pela informação.”

Apesar de citar a sensibilização, a informação surge como principal instrumento. Informação sem sensibilização não gera envolvimento, reflexão e aprofundamento.

A educação ambiental envolve aspectos como a ética, o respeito aos valores e à vida, a responsabilidade, a honestidade, a amizade, entre as bases de suas práticas (NEIMAN; RABINOVICI, 2002, p. 146).

O centro de visitantes constitui o local utilizado nas parcerias entre o Caraça e as escolas da região, para fins de estudo do meio. As atividades são estruturadas com base no conteúdo desenvolvido pela escola (apontados previamente por contato com professores), o que pode incluir palestras e oficinas de reciclagem.

Reigota (2009) coloca que esse tipo de educação só poderá ser crítica e delatar as contradições sociais em relação ao meio ambiente, quando enfatizar o “por que fazer”, ao invés do “como fazer”.

As atividades de reciclagem constituem um exemplo dessa situação. Apesar de trabalhar com a reutilização de materiais não traz embutida a crítica em relação ao consumo exacerbado, desperdícios e lixo, apresentando estratégia paliativa e não de questionamentos em relação ao modelo hegemônico de mercado.

Durante pesquisa de campo, pude acompanhar um estudo do meio do programa da cidade de Belo Horizonte “Escola Integrada”⁵⁶, no qual os alunos de período integral das escolas do referido município tem a possibilidade de realizar viagens nas redondezas como forma de complementar a teoria estudada.

O programa teve início no centro de visitantes com um vídeo de aproximadamente dez minutos contendo informações da história, dos aspectos ecológicos e físicos da unidade. Após a exposição do vídeo o monitor abriu para perguntas dos alunos.

⁵⁶ Segundo esclarecimentos da professora que acompanhava o grupo, as viagens atreladas ao programa Escola Integrada, são destinadas aos alunos de período integral das escolas do referido município. A prefeitura fornece o ônibus e a por intermédio da secretaria municipal de educação é lograda à verba do lanche. O cronograma e os locais a serem visitados são realizados no início de cada semestre, após reunião com os professores que ministraram aulas, de forma a congregar o destino segundo demanda das disciplinas a serem estudadas. O grupo que acompanhei estava no ensino médio de uma escola municipal de Belo Horizonte.

Após o vídeo, os alunos foram para a trilha da “Cascatinha”, acompanhados da professora e dois monitores, um no início do grupo e outro no final, de forma a evitar acidentes e alguém se perder. O percurso foi realizado sem paradas até o local. Na chegada somente um descanso de dez minutos. No retorno igualmente não ocorreram paradas. Durante o percurso alguns alunos realizaram perguntas, incitados pela curiosidade pessoal, como o caso de um dos estudantes que perguntou o porquê das espumas nas águas da Cascatinha.

Ao retornarem à sede, os estudantes foram almoçar e no período da tarde tiveram a visita concentrada na parte histórica, ou seja, museu, claustro, adro da catedral e o interior da mesma. O monitor explicava e depois abria uma sessão para perguntas dos alunos, os quais não elaborariam nenhum relatório ou atividade após a visita (conforme me aclarou a professora).

Os monitores manifestaram dificuldade em dar uma atenção aos alunos, em função da impossibilidade de dividir a turma em grupos menores (ao todo eram aproximadamente trinta alunos). A solicitação do “silêncio” era frequente, como forma de manter a disciplina do grupo. O período de tempo foi considerado curto pelos monitores (das 10:00 h até as 15:00 h) para a possibilidade de vivências e experimentações.

A atividade carregou traços de uma educação tradicional formal e os alunos foram observadores. Mesmo assim foi apontado pela professora como valorativo⁵⁷. Durante uma conversa com a mesma na trilha da “Cascatinha”, ela observou: *“Esse tipo de conhecimento não é esquecido, porque a gente vive”*.

Essas visitas do projeto “Escola Integrada” não têm como foco principal a educação ambiental, mas sim a vivência prática dos conceitos aprendidos na escola. Mendonça e Neiman (2003, p.68) colocam as diferenças entre os estudos do meio e a prática de educação ambiental. Por estudo do meio entende-se:

[...] são chamados estudos do meio as atividades que tentam reproduzir no espaço natural ou cultural (cidades históricas) o esquema utilizado na escola, com todos os seus vícios metodológicos e todas as suas práticas, principalmente ligadas à linha filosófica do positivismo, do reducionismo e da fragmentação do conhecimento. O meio ambiente é dividido como objeto de estudo e pode ser entendido pela soma das partes. O professor, o guia de turismo ou o profissional que acompanha o aluno têm

⁵⁷ Em razão dos alunos disporem de um período curto para todas as atividades, preferi não interferir na mesma, como tampouco no processo educativo dos estudantes entrevistando-os.

a obrigação de explicar-lhes algumas características daquilo que está sendo observado

Contudo, outras potencialidades podem ser exploradas ao longo dessas iniciativas. Pude observar a curiosidade latente entre os alunos, a qual poderia ter sido melhor explorada através do grupo com vivências pertinentes ao ambiente utilizando os sentidos.

Ao privilegiar apenas a informação e as regras pré-estabelecidas de interpretação, identificação, classificação, etc., perde-se a oportunidade de aprendizado pela experiência. Além disso, Bruhns (1992, p.55) discutindo sobre educação e cultura, mostra importância do processo educativo não manter o foco em verdades únicas, mas sim em “uma educação preocupada com o conhecimento como processo, e com o homem que responde, se renova e propõe”.

Num plano cultural, esta educação deveria estar vinculada aos aspectos e manifestações de diversos saberes buscando relações com as realidades existentes no seu entorno local.

Cascino (1999, p.93) tece considerações sobre a educação ambiental para a promoção de uma reeducação dos sentidos, com um foco nos desequilíbrios humanos promotores dos desajustes ambientais vivenciados. Como coloca o autor, esse desajuste não se configura somente como geográfico, biológico, químico, geológico, físico, técnico, mas implica o social, histórico, antropológico, filosófico, político.

Nessa discussão, pode ser ressaltada a “educação ambiental compreensiva”, proposta por Carvalho & Grun (2005), sustentada em relações fundamentadas no diálogo e na construção de novos conhecimentos buscando sentido na experiência. Os autores (CARVALHO; GRUN, 2005, pp. 178 - 179) pontuam iniciativas que viabilizariam essa “educação” e poderiam estar presentes no Caraça:

[...] trilhas de interpretação que não se limitam a serem explicativas de um ecossistema, mas oferecem oportunidades para uma compreensão mais ampla de aspectos socioambientais do lugar e da relação que os usuários têm com o espaço; [...] análise da paisagem em suas várias dimensões (histórica, cultural, natural, etc.); e tantas outras. A questão não é exatamente ditar uma receita do que fazer, mas, formar uma escuta, uma postura e um olhar que vão conduzir este fazer para uma experiência dialógica e compreensiva.

Para Marin, Oliveira e Comar (2005) esta prática educativa se enriquece em reflexão e ação quando se abre para as dimensões não racionalistas do ser humano.

Nessa perspectiva, Mendonça e Neiman (2003) ressaltam a importância das emoções, uma vez que estas originam novos pensamentos e em consequente novas ações. Os aspectos subjetivos podem contribuir para uma reorientação de olhares e posturas com o mundo.

O Caraça possui um potencial educativo vinculado à viagem e à estadia (permanência). Para Cascino (2002) o reconhecimento dos lugares pode incitar nos sujeitos um desejo de proteção. Nesse sentido trago a fala de duas crianças que ao relatarem o motivo pelo qual gostaram do Caraça, nos ajudam a estabelecer relações com a teoria apresentada. O primeiro relato demonstra como a interação direta com o espaço foi relevante. A menina A. coloca:

“Eu achei que aqui tem o lobo que chega perto e o gambá também. Tem os passeios. Nos outros parques não tem trilha onde a gente pode nadar nas cachoeiras. Só pode ver, não pode nadar. Mas nesse parque pode e isso é muito legal!”

Já M. visitante de 9 anos, que anualmente frequenta o Caraça com os pais, colocou-me:

“É um lugar muito especial. É diferente, você interage com a natureza. Na cidade a gente não interage com a natureza. Essas mineradoras não deveriam destruir esse lugar. Eu levo comigo esse lugar. Meus pais e eu levamos pra nós as lembranças, o desejo de não querer deixar destruir aqui.”

A educação informal possui um potencial onde a vivência se torna fonte de aprendizado, experimentação do cotidiano e das manifestações culturais. A participação é crucial nesse processo onde a curiosidade é despertada.

O contato com a natureza pode promover a autopercepção e assim ampliar a nossa visão de mundo (MENDONÇA; NEIMAN, 2003, p.98). A partir da alternância das paisagens, das dificuldades enfrentadas ao longo do caminho, bem como os momentos de silêncio e os de ruído do grupo e os sons da natureza, “inseto, pássaros, rios e cachoeiras”,

podem provocar sentimentos de consciência de si, complementaridade com o grupo, e uma cooperação espontânea, como “compartilhar o lanche com quem não trouxe o suficiente, repartir a água de beber, ajudar a carregar, expressar o que sabe e o que sente, dar a mão para ajudar a subir ou a descer”, entre outras sensibilidades.

Trata-se de uma situação complexa merecedora de uma análise criteriosa. Ressaltando questões de organização, limpeza e cuidado com o local, um dos padres colocou:

“Um dia fui junto com a coordenadora A. percorrer um trecho da estrada que liga a portaria aqui à sede”. Contamos os resquícios de lixo nas duas pistas, o lado de vinda, da portaria pra cá tinha alguns papéis, já o lado da volta não vimos nenhum. Claro que isso não é nenhum dado estatístico, mas já demonstra alguma coisa.”

Ao provocar modificações significativas, as interações com a natureza se configuram como transformadoras, gerando alterações nas formas de pensar e nos comportamentos, indicando que “aprendemos algo”, como coloca Mariotti (2000, p.216).

O seguinte capítulo buscará analisar as relações que despontam da interação dos visitantes com o espaço do Caraça, assim como as representações desses indivíduos em relação ao lugar. “A educação ambiental tem sido realizada a partir da concepção que se tem de meio ambiente” (REIGOTA, 1995, p.11).

3. EXPRESSÕES DO CARAÇA: O LOBO E O SAGRADO

Serão apresentadas neste capítulo as expressões proporcionadas aos visitantes através da experiência no Caraça, captadas por meio das entrevistas, das conversas e das observações. Considero importante discutir suas experiências, pois o vínculo que o visitante irá instituir com o espaço visitado é resultado das expressões construídas sobre o mesmo.

Guimarães (208, pp. 67-68) nos atenta que as vivências na natureza são experiências “formativas e informativas” facilitadoras de novos processos de conhecimento do meio ambiente. Estes ocorrem através de vivências diretas com o entorno, nas quais “ações pró-ativas”, “respostas criativas”, “associação com outros significados” e a “reorganização dos conteúdos experienciais” ampliam e tornam mais complexos os nossos processos interpretativos.

Na atualidade, os deslocamentos às áreas naturais abrangem uma diversidade de motivações. A pluralidade de buscas pela natureza sofre influências da forma como nos relacionamos com ela, auxiliando-nos na compreensão de seu significado, com consequências nas ações atribuídas a ela.

Neste capítulo os relatos⁵⁸ compartilhados ao longo da pesquisa de campo serão apresentados em duas temáticas norteadoras: o Ritual do Lobo Guará e a presença da espiritualidade nas expressões e interpretações construídas pelos visitantes durante a experiência no santuário. Esses enfoques surgiram a partir dos discursos coletados, estando construídos mediante constante interação entre teoria e realidade pesquisada.

3.1 O Ritual do Lobo-Guará

O lobo-guará é um dos elementos identificadores do Caraça e um dos mais significativos constituindo-se em uma fonte de atração da Reserva. Como relatado no primeiro capítulo deste trabalho, a presença desse animal iniciou sua história no ano de

⁵⁸ Tuan (1983) destaca que o entendimento do visitante é em muitos casos válido, em razão deste também trazer uma perspectiva nova, uma vez que alguns méritos e defeitos ficam pouco visíveis para quem já é residente.

1982, quando o turismo desorganizado produzia muito lixo, aproximando o animal das lixeiras do complexo da igreja. Segundo a coordenadora ambiental, após sua descoberta por um dos padres, o mesmo, incitado pela curiosidade e pelo desejo de mostrar ao animal uma segurança e proteção nas proximidades da igreja, iniciou o ato de espera e de alimentação todas as noites.

Resgatando a história do hábito, uma matéria do jornal da Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (JORNAL DA CBMM, 1992, pp. 28-29) traz um trecho do relato do padre Tobias, responsável pelo início dessa história:

Muito arredios, eles apareciam à noite e, ao menor sinal de aproximação de uma pessoa, fugiam imediatamente. Passei a vigiar a chegada deles e, aos poucos, oferecendo um bom tratamento, fui atraindo os bichinhos, até eles ficarem bem perto, do meu lado.

Segundo a fonte, os lobos inicialmente tratados com certa distância, atraídos por frutas, carnes e sobras de comida, levaram aproximadamente quatro anos para se aproximarem do padre e receberem comida na boca. Nas palavras do padre, “são mansinhos, calmos, mas ao mesmo tempo ariscos, como devem ser” (JORNAL DA CBMM, 1992, pp. 28-29). Com essas falas, pode-se perceber que, apesar de o ritual nascer como uma interferência antrópica nos hábitos do animal, não demonstrava desfigurar algumas das características intrínsecas ao lobo, enquanto animal selvagem.

Era o início de uma parceria entre a cultura da Reserva e a natureza circundante. Uma experiência pautada não apenas pela interferência, mas também pelo encontro “amigável” entre o lobo e o homem. O aspecto positivo do encontro se desdobraria em questões importantes para a própria existência do lobo, uma vez que o território deste é também preservado, com a ajuda da atividade ecoturística.

A interação entre o lobo e a cultura representada pelo padre configurou um aspecto de preservação da espécie. Ao invés de se sentir acuado, de ter medo ou de encarar a aproximação do animal como “perigosa” tentando eliminá-lo, o padre optou por desenvolver ações buscando a aproximação e a confiança do animal no espaço ocupado pelo grupo social existente ali, na catedral neogótica⁵⁹. Silva (2002), apontando os estudos

⁵⁹ O fundador do Caraça, Irmão Lourenço, pertencia a uma ordem religiosa católica vinculada ao santo “São Francisco de Assis”. Este, nas concepções da religião, configura-se como o protetor dos animais e da

de Gasparini e Prada (1997), explica como alguns carnívoros, apesar do fascínio presente nos imaginários humanos, são eliminados em decorrência dos conflitos no âmbito rural, sendo geralmente acusados de prejuízos econômicos. Essa relação “amigável” entre padres e lobo, é transmitida através das falas dos visitantes, como um dos diferenciais do local. O historiador G. ilustra:

“Eu nunca ouvi falar de um lugar que os padres têm amizade com os lobos. Aqui os padres são amigos do lobo”.

Após três décadas, o ato de espera e alimentação do lobo continua presente e se configura, na atualidade, como o principal fator de atração da ida de turistas para o Caraça. O que a princípio se deu como um ato natural, sem intencionalidade dirigida ao turismo ou a qualquer outra atividade econômica, hoje contribui para a ida de pessoas até o local. Mas algumas mudanças ocorreram ao longo desse período. A coordenadora ambiental esclareceu que, com a formalização da unidade em área protegida, a gestão consultou o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) sobre o ato. O órgão determinou que os padres não poderiam mais oferecer comida na boca do animal; contudo, a bandeja com alimento poderia ser colocada, deixando que os animais se alimentassem por conta própria. A alimentação atualmente é composta por frangos e carne vermelha, podendo alguns dias conter bananas. A foto 3.1 ilustra alguns desses alimentos, registrados durante a pesquisa de campo.

natureza. Constitui, portanto, um detalhe importante que intermedia a relação entre a religião católica e o meio ambiente natural, influenciando muitas de suas práticas e ideias. Outro aspecto importante de ser colocado foi a fala de um dos padres da unidade, durante entrevista, na qual afirmou: “quando Deus criou a natureza, ele ordenou que o homem cuidasse dela”. A fala de Pe. 2. nos ajuda a compreender as razões embutidas na relação harmoniosa e de cuidado que se buscou estabelecer com o lobo-guará.

FOTO 3.1: Alimentos oferecidos ao lobo



FONTE: ISABELA FREDERICO, 2013.

A decisão do IBAMA também foi pautada por alguns estudos realizados no Caraça sobre a espécie do canídeo. Observaram que, apesar da alimentação oferecida, o lobo continuava caçando em outras áreas da unidade, mantendo seus hábitos silvestres.

Silva (2002, pp. 81-82) detectou maior incidência da espécie (um casal foi registrado por ele) nas proximidades da sede do santuário. O autor aponta a interferência antrópica como uma das possíveis causas dessa proximidade. Contudo, ressalta um fator importante, presente na topografia do Caraça. Como pudemos observar na caracterização da área, realizada nos primeiros capítulos deste trabalho, existe uma cadeia montanhosa de elevadas altitudes circundando a sede e, como o lobo-guará é uma espécie típica da fauna do cerrado e de campos, ele geralmente não habita os biomas oriundos dessas altitudes. Por isso, a interferência antrópica não justifica, por si só, a centralização da espécie residente na área da sede.

Os estudos de Silva (2002, p.45) corroboram a posição do IBAMA em relação aos hábitos silvestres do animal, evidenciando que, apesar da alimentação oferecida, os lobos seguiam caçando:

Identificamos 72 itens alimentares, dentre os quais 56, 2% de origem animal, 17,8% representados por vegetais, 13,7 % correspondem a itens inorgânicos e 12, 3% de itens de origem antrópica. Agrupamos todos os itens em categorias gerais. Dentre essas, a categoria itens antrópicos refere-se aos itens orgânicos provenientes do lixo e aqueles propositalmente oferecido aos animais, e a categoria dos inorgânicos refere-se aos itens em geral consumidos acidentalmente na manipulação do lixo. A categoria outros frutos compreende 12 espécies e morfoespécies de frutos.

Segundo a coordenadora do Caraça, o órgão federal também observou o ritual como uma oportunidade de disseminar informações sobre a espécie, configurando-se em um momento educativo, o qual contribuiria para a preservação da mesma.

Numa pesquisa realizada no local, Abreu (2005) aplicando questionários pré e pós-teste, a autora destaca, em seus resultados, a variação da manifestação de susto (14,1% antes e 6,1% depois) colocada pelos turistas, ao serem perguntados qual seria a reação caso encontrassem o animal durante os passeios. Outro exemplo foram os visitantes que antes do ritual afirmaram correr do animal (9,1%), frente ao percentual de 1% após o rito, caso o encontrassem em seus passeios.

Sobre o conhecimento da espécie, o estudo rompeu com a ideia de lobo vinculada aos europeus e norte-americanos, de que os animais uivam e são carnívoros. Abreu (2005, s. p.) relatou aproximadamente oitenta turistas, antes do ritual, terem colocado o lobo como um animal carnívoro. Após o rito, menos de dez dessas pessoas mantiveram essa posição. Entre vinte e trinta pessoas caracterizaram o lobo como onívoro no pré-teste e aproximadamente noventa pessoas no pós-teste o reconheceram como tal (sua verdadeira característica). Cerca de oitenta pessoas reconheciam o “uivo” como aspecto do animal; após o ritual, menos de cinco pessoas permaneceram com essa ideia errônea. Já o “latido” (característica intrínseca à espécie) foi apontado na casa aproximada das noventa pessoas, no pós-teste, frente a quase quinze pessoas no questionário anterior ao ritual.

A coordenação e um dos padres da gestão atribuiu ao ritual uma contribuição para o conhecimento da espécie em âmbito nacional. No quadro da fauna brasileira, o lobo-guará figurava entre as espécies altamente ameaçadas de extinção, e agora figura como espécie

vulnerável. Eles atribuem importância ao ritual, pois consideram relevante o fato de em torno de 17 mil pessoas por ano (o número mais recente de hóspedes do Caraça) presenciarem esse momento, interagindo com a espécie e tomando conhecimento sobre a mesma. Além disso, os aprendizados oriundos desse momento poderiam se estender para além das fronteiras do Caraça, com os relatos desses turistas que estiveram presentes.

Em relação à preservação da espécie, trago a fala da hóspede M., artista plástica, que na ocasião estava na quinta visita ao santuário, durante entrevista:

“Tem questão da preservação, porque ele tava em extinção né. Aqui ele tem comida, lugar pra ele ficar. Se não fosse o Caraça eu não sei o que seriam dos lobos não”.

A professora de biologia paulista D. também aporta para nossa compreensão, com sua percepção sobre o momento do ritual:

“É uma boa oportunidade para as pessoas verem um animal selvagem. As pessoas respeitam. Isso salvou o lobo, que poderia ter desaparecido com a presença dessas mineradoras”.

O ritual relaciona-se com o ecoturismo local como parte integrante do mesmo.

Esclarecendo o termo rito, a etnóloga Martine Segalen (2002, p. 32), afirma constituir-se em “[...] um conjunto de condutas individuais ou coletivas, com suporte corporal (verbal, gestual e de postura), caráter repetitivo e forte carga simbólica para os autores e testemunhas”. Todavia, segundo a autora, para o rito existir há a necessidade de códigos simbólicos reconhecidos por uma coletividade.

A questão simbólica embutida no ritual do lobo-guará está prioritariamente vinculada aos aspectos religiosos, materializados na espiritualidade que permeia o local. Como destacado, a relação entre o homem e o animal se deu pela figura de um padre. Com isso, os momentos consequentes dessa relação se configuraram por preceitos valorizados pela religião católica, como o silêncio, o respeito, o ato de escutar o que o padre tem a dizer e os costumes da religião, como a relação com o tempo da missa noturna.

Conforme os hóspedes vão chegando dos passeios realizados nas trilhas, aproximam-se da catedral e de suas mediações, onde estão os quartos das pousadas. Nesse mesmo período, em alguns dias, já se pode perceber — quando o padre se apresenta — que ele pede às pessoas um comportamento tranquilo e sem movimentos bruscos, como ruídos e corridas no jardim anterior a escada da igreja. Essas recomendações se dão pelo fato de o lobo ser um animal de hábitos noturnos e, com isso, no final da tarde já iniciar a busca por comida, aproximando-se das redondezas do adro da igreja.

É esclarecido também que o lobo é um animal de características selvagens e que, por isso, não possui hora exata para aparecer. Nesse momento, as pessoas encontram-se no adro da igreja e intercalam o tempo que ficam ali na espera com o de seu jantar e, os católicos, com o tempo da missa. Alguns dias o lobo sobe o adro no final da tarde, e em outros ele aparece apenas de madrugada, portanto não existe uma pontualidade rígida para a “atração”. O lobo aparece segundo os seus hábitos. Isso pode ser observado em um dos momentos do ritual, no qual o Pe. 1. afirma:

“Ele vem quando ele quer, ele faz da gente o que ele quer. A questão dele é a fome, né. Se ele caça coisa boa por aí, ele não vem mesmo. Mas vamos torcer pra que ele venha, né”.

Durante a pesquisa houve dia no qual o animal apareceu em torno das seis horas da tarde. Contudo, sua bandeja é geralmente colocada às seis e meia (concomitante ao início do jantar dos hóspedes). O lobo chegando e não encontrando comida foi buscá-la através da sua caça no entorno, retornando ao adro da igreja apenas de madrugada⁶⁰. As imagens 3.2 e 3.3 ilustram alguns dos momentos desse ritual, com a presença do lobo no adro da igreja.

⁶⁰ Como citado, o ritual do lobo não se configura como um evento normatizado, estando vinculado aos hábitos dos animais. Uma série de eventos confirma esse aspecto. Pude verificar isso a partir de minha vivência. O território de cerrado existente no Caraça envolve em torno de 2.500 hectares, possibilitando a estada de apenas um casal de lobos na área. Quando este tem os seus filhos, o mesmo território é alvo de disputas, para a permanência de apenas um macho e uma fêmea. Por essa razão, comumente vemos apenas dois animais vindo para o ritual de alimentação, geralmente em períodos diferentes. Contudo, já foi presenciada a vinda de quatro animais diferentes na mesma noite, com registros de vídeo disponíveis no *site* da RPPN (<www.santuariodocaraca.com.br>). Apesar do hábito do casal da espécie de não caminharem juntos, houve noites durante a pesquisa de campo em que presenciei a ida de ambos, juntos, ao adro para alimentação, comprovando a impossibilidade de caracterizar de forma rígida o cotidiano do ritual. Palú (2012 a, p. 43) também comprova essa incerteza sobre os hábitos do lobo durante a alimentação no adro: “No fim de 2002, os

FOTO 3.2: Ritual do lobo guará – lobo na escadaria da catedral



Fonte: SANTUÁRIO DO CARAÇA⁶¹, 2012

FOTO 3.3: Ritual do lobo guará – turistas na presença do animal



FONTE: SANTUÁRIO DO CARAÇA⁶², 2012

guarás mudaram totalmente seus horários. Começaram a vir muito tarde, às vezes já na madrugada. Foi que nasceu um casal de filhotes e, dessa vez, foram eles que expulsaram os pais do território”.

⁶¹ Disponível em www.santuariodocaraca.com.br., Acesso em abril de 2011.

O Caraça possui uma característica própria quando comparado a outros destinos ecoturísticos. Ao invés das pessoas irem às trilhas na busca pelo animal, ele sobe até o adro e vem de encontro com as pessoas.

Existe um respeito dos sujeitos perante sua permanência. Estabelece-se um silêncio e as pessoas se colocam no papel de observadores, não se movimentando de forma impulsiva, pois sabem que podem assustar o animal, o qual retornará à mata. Essa questão pode ser observada na fala de M, uma das crianças entrevistadas:

“O que mais me chama a atenção é a proximidade que o lobo tem com as pessoas. A gente pensa que o lobo é animal selvagem, que não se aproxima das pessoas e aqui ele fica bem com as pessoas. É interessante você ter a experiência de ficar próxima do lobo. Normalmente a gente pensa: ahh lobo, animal selvagem, ele vai me machucar, vai me comer. Não sei o que as pessoas pensam, mas é uma experiência diferente”.

A menina M. também manifestou a sua opinião sobre o ritual:

“Eu acho que o lobo gosta daqui. Ele tem água, tem comida, tem cama. Eu imagino que ele amasse o capim e durma. Aqui ele tem carne, tem fruta”.

Pude perceber a quebra de paradigmas contribuindo para um vínculo afetivo/emotivo com o animal, principalmente entre as crianças presentes. Pe. 1., durante entrevista, também afirma, a partir de suas vivências:

“O pessoal sente um aspecto mágico. Ele [lobo] vem, brilha e some no escuro. Come tranquilamente. O aspecto da religiosidade que tem é mítico, mágico, que no consciente coletivo é mágico e feroz e aqui se desmistifica. Tem a ver com o mágico, com sonho. As pessoas ficam admiradas”.

⁶² *Ibid*, 2012.

De encontro a isso, Schama (1995) nos desperta a atenção sugerindo como o ato de reconhecimento de um lugar pressupõe por si só a presença de quem o faz e de toda a sua bagagem cultural interna.

O ritual figura como possibilidade de se romperem imaginários calcados no senso comum. O estudo da coordenadora ambiental, através de questionários e observações, colocou esse momento como potencial prática de educação ambiental, pois desenvolve curiosidade nos visitantes sobre questões ambientais e, mais especificadamente, sobre o lobo e os seus hábitos.

Após entenderem que, apesar de se ter a bandeja com a comida já colocada, deveriam respeitar o desejo e a confiança do lobo em subir até o adro, as pessoas davam início a uma série de questionamentos sobre outras características do animal. Posteriormente, como já fora colocado, as pessoas também demonstravam um interesse por percorrer trilhas cujos ambientes eram os frequentados pelo lobo, como o caso da “Trilha da Bocaína”.

No momento da espera os hóspedes buscavam por outros detalhes que indicassem se o lobo estava próximo ou não. Permaneciam em silêncio com visão e ouvidos aguçados para qualquer fato demonstrativo da presença do animal, compartilhando com os demais as informações possuídas em relação ao momento. Os diálogos eram sempre realizados no menor tom de voz possível.

A questão do silêncio se apresenta em dois momentos do ritual. O primeiro na espera, já o segundo, na presença do padre, pelo respeito das pessoas em relação a sua figura representativa, como também pelo desejo de escutar seus conhecimentos e explicações.

Cabe aqui uma reflexão sobre o silêncio. Nas viagens à natureza, o silêncio é sempre requisitado como “[...] uma espécie de exercício dos sentidos ou um apelo para as pessoas centrarem-se no espaço” (BRUHNS; MARINHO, 2012, p. 94). O primeiro momento de silêncio no ritual do lobo se manifestava na curiosidade e na busca pelos sinais que evidenciam a aproximação do bicho. O silêncio era requisitado de forma natural entre os membros do grupo de visitantes, existindo certa “cobrança” quando alguém não o realizava.

O simbolismo frequente do silêncio é o mítico, pois é um tema cuja história está vinculada ao sagrado e às religiões. Nesse aspecto trago o caráter “sagrado” existente no ritual do lobo, atrelado também à figura do padre. A questão simbólica desse momento implica na interação entre padre e animal; portanto, quando o padre se apresenta há um caráter “mítico”, induzindo as pessoas à introspecção.

Além da audição e da visão, outros sentidos entram nesse processo, como o olfato. Este é incluído no momento em que o padre destaca o “cheiro” do lobo como indício da aproximação do animal, seja por demarcação do território (destacando a passagem do bicho pelas áreas circundantes da catedral), seja pela possibilidade de o mesmo estar circulando pelo local para, então, subir as escadas.

Retomando a questão dos referenciais ecológicos que envolvem a espécie e da relevância do ritual para o esclarecimento de seus hábitos, o biólogo R. acrescenta a sua reflexão:

“Talvez esse ritual comprometa um pouco os costumes da espécie. Porém também pode ser visto como uma nova forma de manejo da unidade, pois ao comprometer um pouco uma espécie, você tem uma situação que atrai o turismo. E desta forma você tem subsídios para conservar a área e as demais espécies que aqui habitam”.

R., ao se referir ao comprometimento dos “costumes da espécie”, referia-se à questão de alimentar o lobo e liberá-lo da caça. Isso também foi levantado por outros visitantes, porém é convergente entre eles o fato de o ritual constituir um momento interessante, pois contribui para melhor conhecimento sobre a espécie, além de atrair turistas e gerar as divisas necessárias para a manutenção da unidade. O relato de P., visitante antigo do Caraça (desde 1976), também concorda com essa ideia:

“Esse momento é uma oportunidade de mostrar a importância de se preservar. Se o animal tá vindo é porque se tem uma área preservada. Claro que não deixa de ser um marketing para o parque, mas é um marketing que deu certo, porque tem gente que vem e acha que ele é preso, ou que ele tem hora certa pra vir. E não é assim, né. Ele é um animal selvagem”.

O adolescente L. destaca uma possível interação qualitativa do ser humano com a espécie e com o meio ambiente, de acordo com sua opinião:

“Acho que pode ensinar que a gente pode está num lugar que tem pessoas e que a gente pode tratar bem os animais, que a gente não precisa tirar a natureza do lugar. A gente também é natureza, a gente é um animal, só que diferente. A gente usa a natureza e transforma ela, isso não tem como deixar de acontecer. Mas tem pessoas que visam transformar o mínimo, e aqui no Caraça é assim. Eu venho aqui sempre e as trilhas tão do mesmo jeito. O lobo-guará sempre vem. E a gente pode ter essa relação de mínima intervenção. Essa relação pode até ser boa pra gente. Por exemplo, o lobo-guará está no hábito dele de comer, ao mesmo tempo ele come e a gente pode ver, e isso é bom pra gente e pra ele”.

O relato da bióloga F. também nos ajuda a compreender a relação entre o lobo e os visitantes no espaço da igreja:

“Eu acho muito legal. Já cheguei enquanto bióloga a me questionar se seria legal, porque ele já virou um animal silvestre domesticado [opinião da entrevistada]. Mas enfim, eu acho que o Caraça não existe sem o lobo. A possibilidade de se ter o contato com um bicho silvestre é legal, as pessoas não tocam, não enclausuram, ele volta pra casa dele. Hoje eu acho isso legal”.

O ritual foi observado em três momentos diferentes durante a pesquisa. Neles identifiquei a presença do padre como primordial para a existência do mesmo. Durante as três vivências no campo, estive presente no ritual coordenado pelo padre L. (ex-aluno do colégio do Caraça, atual membro da congregação e também ex-diretor do colégio São Vicente de Paula, no Rio de Janeiro); também estive em um ritual sem a presença de um padre, conduzido por um monitor da unidade.

Em ambas as situações, notei importantes diferenças; entre elas, a relevância do vínculo do padre com o Caraça. Explicitando melhor, os padres que estudaram no santuário e que vivenciaram a rotina do local conduzem o ritual de forma mais tranquila e mais

alinhada com os seus preceitos do que aqueles sem vínculo com a unidade. Esse fato foi também comentado pelos visitantes mais antigos.

Durante a primeira pesquisa de campo, o ritual do lobo-guará foi conduzido pelo Pe. 1., que naquele período costumava visitar a Reserva algumas vezes durante o ano (e que agora já se incorporou à unidade, como membro da direção). Após colocar a bandeja e iniciar a espera pelo animal, o padre pedia aos hóspedes certa ordem, para oferecer ao lobo a confiança de poder subir até o adro. Além disso, esse padre também conversava com as pessoas e contava aspectos da rotina do antigo colégio, falava sobre o lobo e os seus hábitos, bem como sobre o ambiente no qual o animal vive, ou seja, o cerrado.

Já durante a segunda pesquisa de campo, em julho de 2012, o Pe. 1. não estava e tampouco havia uma pessoa pra cuidar do momento do ritual. Geralmente, aparecia um dos padres da gestão daquele ano, reunindo as pessoas com sua simpatia — sem, no entanto, esclarecer questões pertinentes ao Caraça e ao lobo, ao menos que fosse questionado por alguém. Porém, existiram noites sem a presença de padres. Nesse caso, algum funcionário se encarregava de aparecer e estabelecer alguma ordem durante a espera do lobo.

Nesses dias, observavam-se situações de ruídos, sem a devida compreensão do ritual pelos visitantes, os quais somente esperam pelo lobo. Informações errôneas sobre a espécie persistiam.

A figura do padre é, portanto, emblemática. O padre é uma autoridade representativa do local. Também representa o início e a continuidade do ritual. A coordenadora ambiental destacou momentos em que esteve como condutora do ritual e notou que os presentes sentiam falta do padre, perguntando se ele não viria.

Contudo, não é apenas o padre que garante o simbolismo do ritual, porém é importante quando ocorre o mesmo com a presença dele conduzindo e contando a histórias do local. Os visitantes mais antigos esclarecem melhor essa situação ao realizar comparativos dos momentos de ritual nos quais estavam presentes. O biólogo R. ressalta:

“(...) não colocam padres para fazer os rituais que tinham. Isso são coisas de igreja católica. Transferem padres que não tem relação com o lugar, muda tudo (...). Antes o padre Célio que era o responsável, contava a história”.

P., visitante do Caraça desde 1976, também aponta algumas diferenças:

“Antes ele não vinha. Aos pouquinhos o Pe. Tobias que trouxe ele pra cá(...). Cada padre tem a sua particularidade. Quando era o Pe. Tobias, ele colocava na boca do lobo, já o Pe. Célio dava uma aula do Caraça, contava toda a história. Hoje está mais fraco né, o Padre Paulo⁶³ nem todo dia vem, o Pe. Wilson, nunca⁶⁴. Parece que atualmente largaram um pouquinho isso daqui. Antes o Pe. Célio ajudava, porque ele tinha uma explanação completa disso aqui. Era muito interessante”.

Uma situação curiosa ocorreu quando um dos padres da gestão de 2012 (o qual era novo na unidade e não havia sido aluno do antigo colégio do Caraça) chegou e começou a jogar os pedaços de carne no chão, se limitando a falas soltas, como por exemplo, *“Ele já vem já, xii isso daí é bicho sem vergonha”*. Após a vinda do lobo neste dia, entrevistei um visitante que assistia ao ritual pela primeira vez. Sua opinião foi a seguinte:

“Achei engraçadinho. Eu achei mais legal encontrar o lobo no meio da floresta. Tanto é que à noite nem viemos aqui. Aqui agora a gente viu ele dando um show. Aqui parece um circo, na mata você encontra ele no ambiente onde ele está né”.

Esse visitante, professor universitário, presenciou o ritual sem a presença de um dos padres mais comprometidos com a proposta desta atividade, os quais conseguem manter um clima de envolvimento.

Ao presenciar o ritual pela primeira vez, a senhora E., de São Paulo, traz em seu relato informações para nosso entendimento sobre a importância da presença de um padre conduzindo o momento. Ao observar a vinda do lobo em um dia no qual não tivemos um padre intermediando, ela expõe impressões que indicam certa descaracterização do ato:

⁶³ A gestão da Reserva no ano de 2012 contava com três padres, um responsável pela parte financeira (Pe. W.), outro pela realização das missas e o atendimento ao público (Pe. P.) e outro que é responsável pela administração geral (Pe. D.). A atual gestão também congrega três padres. Contudo, o ritual (durante minha pesquisa de campo) foi conduzido pelo padre 1., antigo aluno do colégio do Caraça.

⁶⁴ Durante conversas informais com esse padre, ele destacou que já não se faz presente no ritual por motivo de cuidado com a idade avançada e os problemas que o frio das noites do Caraça pode desencadear na sua saúde.

“Olha eu fiquei com um pouco de dó do lobo, muito flash no olho dele. Eu acho que o lobo ficaria mais tempo por lá se não tivessem disparado tanto flash nele. Poderia dar uma orientada nas pessoas e falar: olha, duas fotos tá bom, agora ficar o tempo inteiro ... [demonstrando não concordar] Teve uma pessoa lá que ficou o tempo inteiro apertando o botão. Se orientassem, falta um pouco de cuidado nesse momento”.

Durante a terceira pesquisa de campo o ritual foi conduzido pelo padre L., que nesse momento já havia se incorporado à gestão do Caraça. Confirmei como o vínculo afetivo do padre com o santuário e sua história era determinante para o momento. Pe. 1. dirigiu o ritual e conversou com os hóspedes presentes sobre o histórico do acontecimento, do próprio Caraça, como também sobre os espaços (quanto à flora e à fauna) e, sobretudo, sobre os hábitos do lobo-guará. Ao falar *“agora vocês são os alunos do Caraça”*, Pe. 1. desperta um comprometimento e envolvimento necessários pelas pessoas que estão lá participando. Na realidade elas se constituem como testemunhas de uma história e cúmplices de um espaço que está expondo suas particularidades.

Pe. 1. por intermédio da curiosidade despertada nos visitantes, dá continuidade ao ritual com as informações já corroboradas por pesquisadores da espécie⁶⁵. Entretanto, essa informação não é apenas calcada em moldes científicos, mas é lapidada pelo discurso religioso e afetivo do padre, na sua relação com a história e com o papel educativo, observado ao longo de todo o percurso do santuário.

Apesar da interação com o animal ter se iniciado sem um fim turístico, hoje ela foi incorporada no novo papel do Caraça, tornando-se um ritual marcante.

Segalen (2002, p. 44) utilizando os estudos de Belmont (1974, p. 160) faz reflexões sobre a essência do ritual perante sua passagem no tempo e no espaço:

Um rito ou ato social não tem valor nem sentido intrínseco definido de uma vez por todas; mas ele muda de valor e de sentido segundo os atos que o precedem e aqueles que o seguem; donde se conclui que para compreender um rito, uma instituição ou uma técnica, não se deve extraí-lo arbitrariamente do conjunto cerimonial, jurídico ou tecnológico de que faz parte; ao contrário, é preciso

⁶⁵ Ao presenciar uma das noites de ritual com o Pe. 1., ele destacou em sua fala uma característica também observada nos estudos de Silva (2002, p. 30), sobre a presença de pegadas “sobrepostas” de animais diferentes, indicando que macho e fêmea partilham da mesma trilha, mas em sentidos opostos. Essa informação foi destacada pelo padre, em uma linguagem de fácil compreensão para o público, como parte de seu proferido durante a espera do lobo no adro da igreja.

considerar cada elemento desse conjunto em suas relações com todos os outros elementos.

A coordenadora ambiental, ao analisar o papel do rito para o turismo, traz importante reflexão:

“Mas assim, se não tem o padre lá, a história não tem sentido, né. Porque o que as pessoas conhecem é que começou com o padre alimentando o lobo. Muitos ainda falam: ahh o padre dá comida na boca do lobo. Aí a gente explica que isso não acontece mais hoje, né. É os dois juntos. Só o lobo não tem sentido, e só o padre não tem sentido. Pelo início da história, tudo aconteceu porque um padre tratou bem um lobo, porque os lobos ganharam confiança em um padre”.

O ritual do lobo-guará demonstra ser também o momento da experiência dos visitantes na qual a tríade que envolve o Caraça se encontra: a espiritualidade (manifestada na figura dos padres, no silêncio mítico da contemplação), a natureza (a figura do animal) e a história (sustentada no espaço físico que o lobo visita, na figura da religião e do próprio nascimento desse momento).

3.2 A presença da espiritualidade

A dimensão da espiritualidade no contexto do ambientalismo foi destacada na década de 1990 com alguns eventos que resgataram um sentimento de “otimismo mundial”. Foram eles a queda do comunismo soviético (expressivamente percebido pela queda do Muro de Berlim em 1989, e concretizado com a dissolução da União Soviética, em 1991), e a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento do Rio de Janeiro (Rio 92), materializada no ano de 1992 (LEIS, 1999, pp. 168-169).

Para desenvolver as reflexões de Leis (1999) sobre a espiritualidade na década referida, vou me deter às considerações realizadas pelo autor no evento da “Rio 92”. Esse evento trouxe debates sobre a questão ambiental extrapolando os muros do ambientalismo e abraçando um espaço público global, com a presença de outros setores da sociedade, como a ciência, a política, a sociedade civil, a economia e também a religião. As bandeiras

levantadas foram percebidas por outras culturas, regiões e povos do planeta. Em consonância ao papel relevante da espiritualidade nesse evento, Leis (1999, pp. 172-173) destaca o “Fórum Global da Rio 92”, no qual:

Quase 15 % dos mesmos tiveram conteúdo espiritual ou religiosos, igualando ao número de atividades dos cientistas e do movimento de mulheres [...]. Tão significativos como o número de eventos seriam também os temas e palavras de fundo religioso e espiritual que apareciam frequentemente nos discursos governamentais e, especialmente, nos não governamentais.

O autor (op.cit.) apontou situações inerentes à “Rio 92” influenciando na ética e na espiritualidade no debate ambiental. Houve uma interação de pessoas oriundas de diferentes lugares e crenças, unidas por uma espiritualidade em comum — como no ato ecumênico “Um novo dia para a Terra”, organizado durante o evento citado.

A crise ecológica e a crítica aos moldes de desenvolvimento se inter cruzaram, trilhando um caminho comum a todos, que seria o de espiritualidade e ética global. A vivência desse sentimento mais complexo e comum à existência de todos os seres na relação com o planeta manifestou-se nas práticas que buscam as interações entre o homem e a natureza. Considerando o objetivo deste trabalho e a realidade vivenciada no Caraça, trago para discussão as experiências vinculadas à espiritualidade no contexto pesquisado.

Há uma constante e dinâmica relação, no espaço da RPPN estudada, entre a religião católica e a natureza. Trazendo a historicidade da ocupação desde o Irmão Lourenço e, posteriormente, com a congregação lazarista, notamos como os preceitos destes desenharam as concepções do território natural. Contudo, essa relação, em determinados momentos, parece ultrapassar o enfoque rígido de uma única religião, abrindo vias para outras manifestações espirituais e de uma ética no lugar. Essa sensibilidade mais abrangente está presente desde os primórdios da área; contudo, parece se acentuar com a atividade turística, na qual são trazidas outras interpretações na relação com o espaço.

Carvalho (2001, p. 99) destaca a religião assumindo importante papel no contexto ecológico. Ultrapassando as limitações de um “ativista” já desencantado com o mundo, secularizado, o “sujeito ecológico parece ser atravessado por um espírito religioso cuja melhor expressão estaria no sentido latino do *re-ligare*, que alude a um movimento de realinhamento humano com a natureza como lugar do sagrado”.

Sendo assim, é possível compreender que a questão ambiental parece demandar um reencantamento com a natureza e com a diversidade que ultrapasse os olhares já desgastados de uma crítica cujo enfoque está na destruição do meio ambiente. Essas novas sensibilidades não se restringem a uma única crença, mas sim ao espaço em comum que une todas elas na relação com o outro. Para discutir sobre essas manifestações no âmbito do Caraça, trarei alguns discursos dos visitantes, como as minhas observações em campo. Algumas dessas reflexões já foram trazidas anteriormente. Entretanto, outros discursos merecem uma reflexão sobre o enfoque da natureza do Caraça como um espaço sagrado e sobre as sensibilidades afloradas durante a experiência no local.

O todo do Caraça e suas manifestações

Nos primórdios do Caraça, com a construção da capela de Nossa Senhora Mãe dos Homens, havia a romaria. Os antigos viajantes buscavam os aspectos religiosos e introspectivos inerentes ao lugar. Na atualidade, é perceptível um movimento de pessoas buscando momentos de reencontro com o seu próprio “eu”, no âmbito do descanso, da reflexão e da vivência com o meio natural existente.

Segundo Tuan (1980), o conceito de topofilia⁶⁶ é enriquecido quando se alia o prazer estético com a curiosidade científica. O despertar para a paisagem pode ocorrer quando o sujeito se dá conta de aspectos considerados simples, mas que antes passavam despercebidos.

Esse despertar é facilitado no Caraça através da contemplação e de um tempo desacelerado de experimentação na relação com o espaço. É comum aparecer, nos relatos dos visitantes, o deleite por esses momentos dentro da Reserva, cujas possibilidades são atribuídas à junção dos aspectos sagrados com a natureza. Nas entrevistas, esses momentos são relatados pelos visitantes como espirituais.

⁶⁶ Tuan (1983, p.129) chama de topofilia o sentimento instituído com o lugar. Essa relação se desenvolve quando o indivíduo e o mundo vivido vão se estabelecendo em uma relação de compreensão/interpretação. Este processo estrutura entendimentos e simbologias, conferindo significado e valor à paisagem vivenciada. O autor (*Ibid*, p.13) também destaca o papel que os órgãos sensoriais e a experiência congregam na formação de vínculos intensos com o ambiente.

O teólogo Boff (2010, p. 73) contribui ao esclarecer o termo espiritualidade, considerado por ele como “aquela atitude pela qual percebemos que uma Energia poderosa que chamamos Espírito Criador ou Deus perpassa todos os seres e os mantém como um imenso sistema cheio de sentido e propósito”. A questão foi ressaltada durante a entrevista com a bióloga F.:

“Aqui você não vê muito a interferência humana, parece meio intocado. E também a espiritualidade daqui, independente da religião, acho que só de você lembrar que Deus está aqui com a questão da preservação da natureza, faz desse lugar muito especial”.

Boff (2010) destaca a importância da espiritualidade no contexto de crise ambiental. Através de seu caráter de cuidado e respeito, apresenta-se como uma medida possível de impor limites à voracidade humana por dominar a natureza, além de abrir vias para a compreensão de seu valor e significado. Situação semelhante parece ocorrer na fala do músico S. quando discorre sobre os sentimentos provocados nele, durante sua estada no Caraça:

“Aqui é um lugar onde a gente pode ver um futuro com mais esperança. Porque a despeito do capitalismo; da indústria; do comércio; do crescimento das cidades, a gente tem a esperança de que as coisas minimamente possam se preservar”.

Os relatos de ambos os visitantes denotam a representação do espaço do santuário como um local onde há uma comunhão entre homem e natureza.

As concepções relacionadas ao Caraça podem ser melhor compreendidas através das reflexões feitas por Lima (2007, p. 13) ao caracterizar os santuários e as peregrinações, bem como as sensações produzidas por esses locais em seus visitantes:

Trata-se de uma atmosfera mística que supõe a presença de todos num lugar revestido de neutralidade, onde os peregrinos adquirem o mesmo estatuto fora da <pátria>, e por isso da segurança, da instalação; num terreno que não pertence a ninguém, mas que momentaneamente é oferecido e subscrito por todos para a celebração de um ritual que a todos envolve. É longe, em relação aos hábitos da cidade; é estranho, em relação às evidências da monotonia; é forte, em relação às insensibilidades da rotina.

Lima (2007, pp.75-76) destaca que os espaços do santuário são relacionados às ideias de “segredo, de mistério e de separação”, construídos na imaginação como lugares preservados e intocados. Essas características não permeiam uma única religião, mas a um sentido de religião presente na experiência. São locais, segundo o autor, que conotam uma santidade em suas histórias, “reflectem as marcas milenares de uma incessante busca de sentido que possa preservar do caos e conceder aos caminantes referências que tornam saudável a vida”. Essas reflexões nos ajudam a compreender as manifestações dos visitantes referentes à questão da espiritualidade.

Leis (1998) alerta para a necessidade de as questões ambientais incorporarem a espiritualidade em suas práticas e reflexões. É importante que, nesse processo, seja reconhecida a complexidade inerente à nossa existência. Segundo o autor, a espécie humana teve seus valores e comportamentos simplificados e homogêneos. Citando alguns cientistas, como o astrofísico Carl Sagan, o autor esclarece: “eles convergem sobre o tema da sacralidade da natureza a partir de uma espiritualidade renovada que tende a dissolver as fronteiras entre as diversas vertentes religiosas e entre estas e a ciência” (LEIS, 1998, p. 53).

Exemplificando essa situação, trago o exemplo de Durrel (1986), utilizado pelo autor (op.cit), sobre o movimento de Chipko, fundado em 1973. Este se caracterizou pelas mulheres que se abraçaram às árvores dos bosques próximos às suas aldeias, buscando impedir o desmatamento. O ato não foi resultado de uma percepção da necessidade de união entre a espiritualidade e a proteção ambiental da década de 1990, mas sim de um comportamento natural oriundo das crenças do grupo espiritual Bishnois de Rajastán (surgido no século XV), no qual era considerado “um dever religioso a proteção de animais selvagens e árvores” (LEIS, 1998, p. 54).

Situando as reflexões no Caraça, é notável a existência de um sagrado atrelado a uma religião instituída. Com as características presentes na paisagem desse todo que forma o local, desponta um potencial momento de contemplação pelos visitantes. Muitos dos relatos incluíram os aspectos arquitetônicos, os costumes religiosos e o ambiente natural como propulsores de instantes especiais. A bióloga F. expõe:

“Eu venho pra cá sempre porque aqui me traz muita paz. A partir daquele portão pra frente eu esqueço tudo, onde eu trabalho, os meus problemas, eu fico espiritualizada. Não só pela igreja, mas por ser só isso e a natureza, me traz uma paz de espírito muito grande”;

A possibilidade de se ausentar do cotidiano por alguns dias e de se instalar em um local que envolva os elementos acima também é destacada pelo adolescente L.:

“É especial porque aqui eu consigo relaxar, eu sou uma pessoa muito ansiosa, desde criancinha. E aqui eu consigo ficar olhando, olhando, eu deito na areia da prainha e consigo relaxar, dormir, porque na praia normal, eu não consigo. Essa energia de ficar em paz é uma coisa que eu sinto muita falta, e aqui eu consigo praticamente o tempo inteiro”.

O relaxamento e a experiência com um tempo mais desacelerado (se comparado ao tempo do cotidiano) foram muito presentes nos discursos coletados com os visitantes. Nosso tempo, como elucida Gonçalves (2002, p. 101), está muito vinculado ao relógio e à produtividade. Já no Caraça, apesar do tempo do relógio, percebe-se outro atrelado aos momentos da rotina do local, como as refeições, a missa e o momento do lobo. Além disso, o caráter de produtividade do tempo, a concepção *“time is money”*, parece ser substituída pelo tempo da contemplação, do natural.

Durante uma conversa, o Pe. 2., cuja tarefa principal é atender ao público, mostrou a necessidade de se comunicar com distintas religiões. Segundo ele, alguns hóspedes demonstram outros interesses:

“Pra descansar a cabeça. Aqui vem muita gente com depressão. Eu tenho atendido muita gente. Nessa parte psíquica vem muita gente aqui pra conversar (...). Eles procuram. Se eles não me procuram eu não toco no assunto, porque depende da pessoa querer ajuda. Às vezes nem religião nem nada, aqui vem gente de todo tipo. Veio esses tempos atrás um rabino aqui. Conversamos bastante”.

Por outro lado, resalto o discurso do professor universitário M., que durante a entrevista também apresentou algumas dessas características:

“Pois é, eu não sou católico e odeio isso, mas eu gosto muito desse isolamento. Claro, temporariamente eu gosto muito. Não tem nada a ver com o catolicismo, tem a ver com o ambiente”.

Os espaços do santuário respondem a muitas dessas inquietações trazidas pelos visitantes. A espiritualidade aparenta não estar totalmente vinculada aos preceitos religiosos, mas sim a estados introspectivos de calma e reflexão, facilitados pela religião local.

A partir das falas acima e das observações de um público heterogêneo, pude notar certo movimento de pessoas que buscam no Caraça pontos em comum, como pausas no cotidiano e uma busca por mediações com o outro, fundamentadas no encontro.

Lima (2007, p. 79), tecendo reflexões sobre essas buscas nos santuários de forma geral, coloca:

Se as religiões, ditas de longa tradição e devidamente institucionalizadas, registram uma quebra de fiéis, isto não significa que o invisível e o além tenham deixado de interrogar os homens na experiência. Significa sim que aquelas deixaram de ser atractivas ou pelo menos respondem cada vez mais parceladamente às buscas dos homens. Entretanto, as comunidades continuam a caminhar, a visitar, a encontrar mediações que podem abrir o universo cultural que é o seu no presente.

As reflexões proferidas acima vão de encontro com as realizadas por Carvalho (2001, pp. 106-107) sobre a dimensão religiosa do sujeito ecológico. Para a autora, emerge uma “religiosidade ecológica” que busca por uma interação direta entre o “eu-mundo”, de uma interioridade individual vinculada a um “macrocosmo do planeta”.

Como esclarece Leis (1998, p. 56), temos dificuldade em organizar o nosso pensamento ao incluir diversas possibilidades. Trabalhamos com a polarização de ideias e não com a interação delas. Isso ocorre, pois “cada vez pensamos mais com a cabeça e menos com o corpo e a alma”. Dessa forma, os relatos dos visitantes indicam a oportunidade de experimentar um local facilitador de experiências místicas.

É visível, na atualidade, uma tendência para a artificialização nos modos de vida do ser humano. Muitos dos vínculos sociais estabelecidos se dão no plano virtual, por exemplo. Somado a isso, nosso sistema de produção privilegia aspectos relacionados à materialidade, em contraposição aos vinculados à espiritualidade. Bauman (2008, p. 165) discute a tendência da sociedade de consumidores em associar à felicidade ao consumo. Com isso, geram-se os estados de “depressão” e “vazio”, presentes na fala do padre P., como também a ausência de “pureza” nas relações de consumo.

A relação facilitada entre a natureza e a espiritualidade foi ressaltada por alguns estudiosos. Steiol e Toniol (2011), sustentados por Campbell (1997), apresentam o termo “orientalização do ocidente”, classificando-o como um dos fenômenos da sociedade atual. Os autores caracterizam essa situação como uma mudança na imagem que o ocidente tem de Deus — ou seja, este deixa de estar situado num plano externo ao mundo para então “habitar” nosso espaço. Esse Deus se mostra acessível através de “experiências particulares de caráter místico e energético, fruto de um maior contato com a natureza” (STEIL; TONIOL, 2011, p. 33).

A natureza, enquanto território de experiência (atrelada à restituição do natural) se apresenta como um reencantamento com o mundo, resgatando elementos como o “sensível, a imagem, o corpo, o doméstico, a comunicação, o emocional”, que juntos operam em uma estética ética — que permite uma “relição social, traduzida em uma religiosidade contemporânea”, relacionada a um presente a ser vivido de maneira empática com os demais, e já não mais em um “futuro a fazer” (BRUHNS, 2009, p. 17).

Situando essas discussões no âmbito do Caraça, trago o discurso do professor M., que destaca a vivência de um tempo mais “desacelerado” em relação ao seu cotidiano:

“Eu gosto do aspecto de natureza. A gente ia embora hoje e aí pensamos: ah agora que a gente está entrando no ritmo, vamos ficar mais um pouquinho. A gente fica caminhando aqui pertinho mesmo, já ajuda. Essa calma né, de você não ter que ficar correndo. Nos grandes centros a gente sempre está correndo. E o turismo hoje também tem que pensar sobre isso, porque você faz os passeios todos correndo, precisava de algo como um turismo espiritual”.

Apesar do movimento de pessoas com um enfoque religioso sincretista, é relevante destacar a busca do Caraça relacionada com a religião católica, facilitada pelos elementos presentes. O professor T., durante uma conversa, apresenta características do santuário que influenciam a reestruturação do seu vínculo com a religião:

“Paz, paz de espírito, preservação, o silêncio. Estou tentando me reencontrar na minha religião e o ato de ficar o dia todo fazendo caminhada em contato com a natureza, chegar à noite, comer aquela jantinha e logo em seguida o lobo, a missa. Isso aí faz uma sequência muito gostosa, pra tentar quebrar com a loucura da cidade grande né. Isso me atrai bastante, a gente não consegue ficar sem vir pra cá ao menos duas vezes ao ano. Meu filho vem pra cá desde pequeninho. A gente precisa voltar senão eles reclamam, eu reclamo”.

Lima (2007, p. 13), no âmbito das peregrinações, situa algumas particularidades que potencializam esses encontros:

A mística desses grandes encontros é o fruto conjugado de todos os factores, do envolvimento à carga emocional, do efeito de superação à intensidade das vivências, do espaço cósmico e social ao tempo do encontro, da operacionalidade dos ritos às sensibilidades e ao investimento afectivo corporal.

Pontualmente, no cenário do Caraça, esse *conjugado de factores* citado por Lima (2007) se debruça na constante e inseparável relação entre religião católica e natureza. Na fala de T. percebemos elementos diferenciadores do Caraça quando comparado a outras experiências de ecoturismo. Há um todo concentrado na Reserva (hospedagem, trilhas, patrimônio, religião, natureza, ritual do lobo) favorecendo a experiência. Essas possibilidades, juntas em um único lugar, foram praticamente levantadas na totalidade dos discursos sobre o santuário e a experiência no local.

Muitas unidades de conservação existentes no país não oferecem as opções de alojamento, não possibilitando a permanência das pessoas no seu interior. No Caraça, o visitante chega e dispõe de toda a infraestrutura, embora sem luxo, como de um complexo de trilhas e cachoeiras, isentando-o da necessidade de um meio de transporte para deslocamentos.

Isso permite, metaforicamente, um “mergulho” no espaço, com uma vivência mais intensa e intimista. A bióloga F. expõe seus sentimentos durante uma situação inusitada experienciadas durante sua estadia:

“Uma vez me tocou algo. Ali no cantinho da igreja tem tipo um altarzinho. O Padre Valter estava ali rezando uma missa tradicional e não tinha ninguém. Quando ele terminou, eu fui e perguntei: Padre, o senhor reza a missa mesmo não tendo ninguém? E ele me respondeu: ‘eu estou rezando pros anjos’. Entendeu?! Eu já estava sentindo tudo aquilo, e o padre ainda me fala um trem desse. Então eu acho que é tudo, não existe lugar igual ao Caraça, aqui é de uma bondade, de uma paz, oração. Se tivesse uma festa eu acho que já quebraria o clima, não iria de encontro com o Caraça, aqui é assim porque é e pronto”.

A fala da professora R. vem reforçar as colocações anteriores:

“Me emociona também a parte humana daqui. A parte como os padres tratam os funcionários e as pessoas daqui. Os funcionários são muito compreendidos em suas necessidades. Nós tivemos alguns vínculos com alguns padres aqui, tivemos oportunidades de ter momentos mágicos, inclusive com o Padre Tobias, o precursor desse contato com o lobo. Tanto com contato com o lobo, tanto na relação com as pessoas, assim como no interesse que ele tinha de divulgar a história desse local. Isso ficou no meu imaginário como algo muito rico, me emociona. Nós criamos amizades aqui”.

A tendência do Caraça é contrária às experimentadas pelo sujeito nos *não lugares*. Nestes exercem o papel de “mais um” dentro de um coletivo que abstrai a diversidade, exaltando a uniformidade e a apatia entre as pessoas (Augé, 1994). Aqui vale ressaltar a relação entre a intensidade e a qualidade do contato. Durante a pesquisa notei que as pessoas dispunham de tempo e de espaços facilitadores do diálogo e da aproximação. Essas características contribuíam para a formalização de núcleos de amizade nos quais os sentimentos de êxtase, de aventura e de bem estar eram compartilhados.

O ambiente natural pode trazer transformações íntimas inusitadas. Botton (2003), sob um enfoque mais poético, coloca a possibilidade de o contato com o meio ambiente promover outras formas de reflexão para as situações e as preocupações vivenciadas pelos indivíduos: “duas pessoas paradas numa saliência rochosa com vista pra um regato e um majestoso vale coberto de bosques poderiam transformar não só sua relação com a natureza, mas em termos igualmente significativos, sua relação uma com a outra” (BOTTON, 2003, p. 162).

Um dos espaços escolhidos pelos visitantes mais idosos e pelas famílias com crianças pequenas era o jardim situado em frente à igreja, observado na foto 3.4. O espaço amplo possui vista para os atrativos do local, facilitando a contemplação da paisagem natural pelas pessoas com dificuldades em fazer trilhas. Além disso, por ser plano e estar próximo da pousada, se mostra tranquilo para os momentos lúdicos das crianças. O local por si só clamava momentos de maior introspecção, segundo parte dos visitantes.

FOTO 3.4: Jardim principal do Caraça



Fonte: ISABELA FREDERICO, 2011.

Tuan (1980) aponta os jardins de modo geral como um ambiente sagrado. Os jardins representam a ordem, a transformação do espaço profano, e geralmente os lugares que circundam a igreja remetem à abrangência de suas santidades, que se difundem e circundam em todos os seus elementos.

Os espaços de hospedaria do Caraça obedecem a uma rotina condizente com o período do colégio. Alguns dos horários e os espaços utilizados pelos turistas são os mesmos onde as atividades escolares se desdobravam. As trilhas foram construídas em função dos trajetos efetuados pelos alunos. Junto com outros elementos compõem uma totalidade evidenciada nas falas, como do estudante L.:

“Embora tenha a natureza eu não consigo separar. Não dá pra pensar no Caraça e não pensar na comida; na cama; nas pessoas que vão estar aqui; nas construções; nas ruínas e no próprio lobo”.

As refeições também são realizadas nos mesmos espaços da época do colégio. Abro um parêntesis para o esclarecimento de que muitos dos legumes e verduras são produzidos na horta Caraça ou na região e atento também, para o fato de o café da manhã possuir uma chapa na qual os visitantes podem preparar juntos os seus próprios sanduíches.

Bruhns (2010, pp. 146-147) destaca que o alimento não exerce apenas a função de sanar as necessidades fisiológicas, mas também as sócio-afetivas. A autora destaca: “os lanches ganham conotações especiais uma vez experimentados em locais e situações que lhes conferem significados próprios, relacionados às vivências do momento”. Destaco um relato referente à essa questão, de um tio, visitante do Caraça, que expõe a razão pela qual seus sobrinhos gostam tanto do santuário:

“Os meus amigos lá na minha cidade, eles ficam surpresos: ‘seus meninos vão pro Caraça, eles gostam daquilo lá?’. Eu respondo: ‘eles amam isso aqui, talvez até mais do que eu’. Aqui é diferente, encanta eles. De manhã o ovo na chapa e fazer o sanduíche, depois passear com a gente nas trilhas, o almoço, o lobo à noite, o contato com os padres que são muito simpáticos. Tudo isso!”.

O Caraça ainda resguarda para alguns de seus visitantes um caráter não mercadológico, no qual o sagrado manifesta-se mais intensamente. Esse aspecto é entendido por eles como um diferencial do local. O músico S. exemplifica essa situação:

“Isso que torna o lugar especial, é uma comunhão. Como falam aqui, é um santuário. É um lugar reservado, sem grandes interferências. Tem a missa todo dia. A relação que se estabelece com as pessoas hoje em dia é muito consumidora né. As pessoas hoje têm a tendência de ir pra algum lugar consumir e ir embora e aqui tem uma coisa que vai além disso, dessa relação só de consumo com o cliente. Aqui tem a relação da comunhão, da natureza com a religião, com o que a religião tem de melhor. Hoje em dia a religião deixou um pouco de lado essa coisa do poder, ela voltou mais à sua origem com as coisas virtuosas”.

Uma fala mais romântica, porém não menos importante, também expressa essa percepção do Caraça como um lugar onde os laços sociais são mais importantes que outros vínculos, como o econômico. A estudante e adolescente S. coloca:

“É uma sensação de ver o mundo, que eu não tenho assim em São Paulo, que é muito mais do que parece às vezes. Eu penso assim, se tudo lá der errado eu posso vir pra cá. Se eu perder o emprego, se eu ficar velho, eu posso vir pra cá, que aqui ainda vai ser um lugar”.

Notei o Caraça como um destino de ecoturismo diferente. Como apresentado aqui, esse diferencial reside em uma tríade que se sustenta nos seguintes aspectos: o primeiro deles, na história iniciada pelo irmão Lourenço, seguindo com o colégio e que hoje se apresenta por meio da vivência com os ambientes que abrigaram toda essa historicidade. Em segundo lugar, temos a questão do sagrado, que se materializa nas práticas dos hóspedes e na presença dos padres na gestão da unidade, nas missas e na igreja neogótica (local com grande destaque na paisagem). E por fim, há a natureza, manifestada em todo o território da Reserva, porém de forma mais intensa para os visitantes durante o ritual do

lobo-guará. Justamente nesse envolvimento entre a cultura e a natureza está a essência do Caraça, experienciada pelo ecoturismo em seu interior.

Natureza e religião: outras relações

Parece haver certa confusão entre religião e espiritualidade no local estudado. Contudo, prefiro avançar nas reflexões e evitar olhares que bipolarizem tais instâncias. Após vivências no local e entrevistas, pude perceber que separar essas compreensões constituiria um erro nas análises empreendidas sobre a experiência do santuário.

Prefiro me deter em apresentar os vínculos entre elas durante as práticas de ecoturismo no Caraça. Acredito que a complexidade se manifesta nos entrelaçamentos e não na separabilidade dos processos. Como pudemos observar anteriormente, as novas relações da Reserva se configuram também como oportunidades de renovação. Se durante o período do colégio a religião católica era rígida, e a educação vivenciada era modulada por seus preceitos, na atualidade alguns desses aspectos se mostram diluídos, abrindo pontes para novas relações e estabelecendo vínculos baseados numa ética em comum.

Acrescento a fala de Lima (2007, pp. 80-81) de forma a ampliar o contexto das peregrinações e da busca pelos santuários empreendidas na atualidade:

Fora dos cânones de oficialidade religiosa, prossegue agora uma experiência profundamente compósita, eclética e voluntarista, não deixando de ser eminentemente religiosa e por isso integrando crenças, ritos, normas éticas e constituindo mesmo grupos mais ou menos comunitários, respeitadores da liberdade individual que tanto se preserva. Trata-se de uma experiência religiosa complexa, pouco receptiva em relação à instituição de controle, mas muito aberta a respostas plausíveis às suas interrogações [...] Agora, os enigmas da vida necessitam de respostas abertas que não bloqueiem a caminhada. Espera-se, assim, mediações com plausibilidade e que promovam a caminhada, num amplo respeito pela sensibilidade pessoal e pelas formas de comunicação das pessoas, formas sempre diferentes.

Os caminhos abertos no território que abrange o Caraça sempre estiveram pautados pela passagem de pessoas que vinham ancoradas na busca por novos horizontes, como destacam as lendas da história de seu fundador, o Irmão Lourenço; como demonstra o

projeto do colégio, o qual destacava o isolamento como valor na formação dos alunos; e como hoje se constituem nos relatos dos visitantes, apresentados aqui. Embora com a presença de uma religião católica, há uma atmosfera no ambiente natural que parece incisiva e determinante na experiência de quem vivencia o local de forma mais intensa.

Pude detectar, nas falas de meus entrevistados, uma religiosidade relacionada a um sentido de religamento sem vínculos com religiões instituídas.

Situando uma vertente mais teocêntrica para a realidade do Caraça, podemos trazer um aspecto comum nos relatos sobre uma percepção, no espaço em questão, de um Deus, manifestado na preservação da natureza, no ambiente e no silêncio. Somado a isso, à existência de uma ética baseada no respeito pelas outras formas de vida, intensificada pela experiência no local.

É importante, para essa reflexão, trazer a contribuição de Bruhns (2009, p. 53):

O ambientalismo requer um grau complexo de espiritualidade que promova uma reaproximação do encantamento para com a espécie humana e suas formas sociais, em conexão com a natureza. O ambientalismo não deve basear-se apenas em uma pedagogia racional (que acreditava que a solução viria da mesma matriz danosa que se tenta evitar), tampouco em uma pedagogia bucólica que tenta resgatar os vínculos com o passado como proposta de mudança. Deve basear-se em um olhar sobre a natureza (assim sobre nossa natureza humana), em como ela é (e sempre foi) na sua beleza e harmonia, e também na sua crueldade e conflitos.

Leis (1998, p. 51) também discute (calcado em estudos de Mircea e de Danielou) que, a partir das primeiras civilizações urbanas, se manifestou a espiritualidade em faces opostas. Uma delas foi vinculada ao natural e a outra, ao social. A segunda foi a mais expressiva na sociedade da cultura ocidental, pois, enquanto a primeira foca-se na adaptação da sociedade aos desígnios da natureza, a outra, por exemplo, repudiava (dentro da perspectiva da lei divina) atos como o “holocausto”, porém não com a mesma intensidade a matança de animais com a mesma intensidade.

As posturas adotadas na Reserva e já desenvolvidas aqui contribuem para um sentimento de conagração entre os visitantes. Como elucida o músico S.:

“Volto pela beleza do lugar, pelo ambiente especial, pela esperança da vida animal, pela fauna, flora e por ser um lugar que tem mais amabilidade”.

Assim como na fala da visitante carioca M.,

“Essa relação com a Congregação né, não é só o turismo, tem a parte da religião. As pessoas se encontram pra conversar. Aqui é mais do que as trilhas, tem essa herança do I. Lourenço. Isso torna o lugar especial, é uma comunhão religião com a natureza”.

Por fim, insisto que o desejo aqui não foi o de juntar as representações em uma única via, mas sim o de trazer o contexto de abertura que elas apresentam. As vivências na Reserva desencadeiam processos íntimos e que talvez, ou muito provavelmente, não tenham sido verbalizados por completo nos relatos. Ao ser perguntado sobre o que achava levar de sua experiência no Caraça, o visitante carioca S., músico, de forma breve, porém intensa, exprime:

“A renovação, a esperança, de saber que tem uma chance boa deste lugar estar preservado.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar este trabalho, penso sobre como as conexões estabelecidas até aqui refletem tanto um determinado momento da história do Caraça, como também da minha — não apenas no processo de amadurecimento científico, mas principalmente no eixo pessoal, enquanto ser humano. Resgatando os primórdios que me levaram a empreender este estudo, percebo como a natureza e suas relações conosco podem desencadear novas perspectivas. Ontem o lobo de Emas, hoje o lobo do Caraça. Representações metafóricas de um cosmos muito mais amplo, e que se torna imprevisível e cativante à medida que se experiencia, que se vivencia.

Reconheço que a busca pelos processos de ecoturismo através de relatos e observações temporárias nunca poderão abordar o todo complexo que envolve o Caraça. Entretanto, o objetivo nunca foi esgotar a totalidade, mas sim semear outras perspectivas de análise. Somar novos caminhos para uma realidade que merece ser estudada, observada e, principalmente, experienciada. Tanto o local, materializado no santuário, quanto um dos movimentos que hoje o lapida, o ecoturismo.

Acredito ser relevante, neste momento, registrar a importância para meu trabalho que o contato direto com os membros do Caraça, assim como com seus visitantes, teve para sua concretização. E também reconhecer que o conhecimento não se esgota nos espaços formais de educação, pelo contrário, ele se torna real quando interagimos nossa ciência com os outros saberes. Desenvolvi inúmeros processos de aprendizagem com todos aqueles que no dia a dia fazem o ecoturismo do Caraça acontecer. Concordo com Yunus⁶⁷ (2008, p. 15) que:

Quando podemos segurar o mundo na palma da nossa mão e o vemos panoramicamente, tendemos a nos tornar arrogantes – não percebemos que ao olhar as coisas de uma grande distância tudo fica borrado. O resultado é que

⁶⁷ O trecho é da parte inicial da obra “O banqueiro dos pobres”, na qual Muhammad Yunus (prêmio nobel da paz do ano de 2006) explica por que resolveu sair dos muros da universidade e estudar a realidade dos pobres, se mudando para uma aldeia (Jobra) em Bangladesh. “Lembro-me de meu entusiasmo ao ensinar as teorias econômicas, mostrando que elas apresentavam respostas para problemas de todos os tipos [...]. Mas a partir do momento que saía da sala de aula me confrontava com o mundo real. Lá os heróis eram moídos em pancadas, selvagemmente pisoteados. Via a vida cotidiana tornar-se cada vez mais dura e os pobres ficarem cada vez mais pobres [...]. Queria compreender a realidade que cerca a existência de um pobre, descobrir a verdadeira economia, a da vida real” (YUNUS, 2008, pp. 14-15).

acabamos por imaginar as coisas ao invés de enxergá-las. Então resolvi observar as coisas de perto; achei que se assim o fizesse eu as veria mais nitidamente.

O santuário demonstrou a interação com os ideais do local desde seus primórdios: “peregrinação, cultura e turismo”. O espaço não foi desenhado para o fim turístico, mas recebeu retoques ajudando na concepção do que vemos hoje. Esse aspecto merece reconhecimento, pois observei como foi importante a iniciativa do ecoturismo ter sido empreendida pelos locais, bem como pelos seus traços culturais.

Numa relação de “cabotagem”, é visível a relação da gestão com o ecoturismo, sempre navegando com olhares em dois sentidos — não só no novo que chega, mas também nas tradições que se desejam manter. Nas palavras de Pe. 1., ficou destacado o princípio de não desejar enclausurar o Caraça dentro de propostas turísticas já formatadas pelo mercado, mas sim de respeitar a tradição que reside em se constituir num local aonde as pessoas venham para descansar, mas que se aproximem também de um aspecto cultural, sempre pautados pelo respeito. Em suas palavras:

“Eu insisto muito nisso. Fico conversando. É o atendimento ao turista. Quem tem uma conversa assim não vai sair riscando tudo por aqui. Realmente é um lugar de muita beleza e respeito. É um turismo muito seletivo⁶⁸”.

Não observei a prioridade de interesses econômicos norteando as relações desenvolvidas. Esse aspecto influencia diretamente no desenvolvimento das interações sociais do local, gerando ambientes nos quais as pessoas possuem espaços de conversa, de vínculos afetivos e de carinho. Somando-se a isso, há uma disposição dos espaços físicos no Caraça estabelecendo um espaço confortável para o visitante, mas sem grandes luxos e inovações tecnológicas. Não observamos, por exemplo, frigobar, televisão e telefone no interior dos quartos e apartamentos.

Com a renovação instituída pelo turismo, novas relações e concepções do espaço vão sendo vinculadas. Mas o fato interessante é como as tradições se interagem

⁶⁸ O termo “seletivo” utilizado pelo padre L. se refere a um público visitante que demonstre um interesse real em conhecer e aprender sobre o local. Durante nosso diálogo, o padre esclareceu que a maioria dos visitantes do Caraça, na atualidade, demonstra certo respeito e cuidado pelos espaços da Reserva, contribuindo desta forma para a manutenção do mesmo.

constantemente com o espaço da preservação e com o ecoturismo desenvolvido. Exemplifico com a fala da coordenadora ambiental, sobre como eles observam a questão das cobras e dos visitantes:

“Então, tem uma lenda do Irmão Lourenço que quando ele tava nos últimos momentos de vida, ele teve uma visão falando que ele poderia partir tranquilo que essa obra seria protegida por Nossa Senhora, e tem um texto que também dizem assim: as pessoas que aqui estão, também serão protegidas de animais peçonhentos e o Pe. I. sempre fala isso na missa dele. Só que a gente não pode levar a risca. A gente tem que buscar meios de evitar que uma pessoa se perca, tem que oferecer uma infraestrutura para oferecer segurança ao visitante”.

Parecem emergir na realidade do Caraça, contextos que resgatam dimensões como o afeto, a sensibilidade, o universo das crenças populares, a imaginação. Não se trata de negar a razão, mas de incorporar outros olhares e sensibilidades na relação com o mundo. Trazendo o exemplo de uma conversa que tive com o guia, ele me colocou a importância que a intuição feminina tem para o desenvolvimento de suas atividades.

O guia J. J. (o mais antigo da Reserva, com mais de quarenta anos de Caraça) me relatou uma passagem na qual levou uma visitante para o Pico do Sol, com o objetivo de ir e voltar no mesmo dia. Ao chegar lá, uma tempestade muito forte veio de encontro a eles. Existia a possibilidade de dormir lá (ele havia levado equipamentos para emergências), mas também poderiam tentar voltar à sede. Mas para retornar ele precisava sentir que a turista sentia confiança em seguir em frente. J. J. me colocou que naquele momento eram muito importantes a “acuidade” e o “instinto” que as mulheres têm, pois a chuva esconderia muitos dos caminhos das trilhas, e a intuição seria fundamental para se vencer o desafio e chegar bem à sede do santuário. É visível o casamento entre o instinto e o conhecimento objetivo que ele teria da área. Foram várias as passagens que vivenciei no santuário em que essas instâncias se encontravam e se complementavam durante a experiência dos visitantes.

A liberdade de trânsito no Caraça também foi destaque nos relatos. Esta se expressou na opção de escolha pelas trilhas ou picos a serem percorridos, pela escolha das

companhias nesses passeios, como também no tempo que os visitantes irão dispor para as atividades que desejem fazer.

Contrária a um contato dirigido, esta liberdade influenciou numa representação de meio ambiente que permeia mais o aspecto valorativo do que o de caráter informacional. O conhecimento da natureza trilhou percursos do despertar da curiosidade e da relação afetiva com o lugar. A fala da visitante mineira S. nos ilustra essa questão:

“Aqui, quanto mais você vai caminhando, mais parte você vai se sentindo. Parece que quanto mais você caminha, mais bonito você vai ver. (...) É muito mágico! Parece que tem uma coisa que vai te puxando, te levando e você vai descobrindo coisas novas. Você dá mais valor à vida, à natureza.”

Sobre o despertar da curiosidade, trago o relato do historiador G.:

“A questão do lobo desperta a curiosidade e faz pensar que tem que preservar. Os pássaros não têm medo da gente, eles se aproximam. É diferente, a convivência, a pessoa entra no clima. Ela chega aqui, vê o passarinho, vê o lobo. Às vezes, se a pessoa tem alguma intenção de fazer alguma coisa contra a natureza, ela reflete é melhor o animal vivo, solto, do que fechado ou morto.”

A pesquisa identificou como a experiência pode nos reconduzir ao contato íntimo com o nosso interior e com o outro. Não posso desconsiderar que, como um “encontro” com um lobo-guará me trouxe até esse aqui, o encontro com o “lobo do Caraça”⁶⁹ também não possa levar outras pessoas a iniciativas em prol de uma convivência mais qualitativa com o nosso planeta.

Por ora, finalizo este trabalho resgatando duas falas inspiradoras. A primeira do diálogo de saberes, defendido por Leff (2010, p.116), no campo da construção de novos conhecimentos e formas de relação com o mundo:

⁶⁹ A expressão “lobo do Caraça” foi utilizada de forma metafórica, considerando a tríade (natureza, história e espiritualidade) embutida no ritual, que se expressa também em outras vivências na reserva.

“O diálogo de saberes é uma abertura em direção a outros mundos, renunciando a entendê-los dentro dos códigos de compreensão do mundo estabelecido. Muito além de uma política de tolerância e de respeito na convivência de culturas diferentes que hoje as migrações forçadas colocam cada vez mais em contato estreito muito além da hospitalidade brindada ao estrangeiro no seu passo passageiro pelo nosso território e não somente o respeito ao outro, mas também assumir uma ética da outredade e uma política da diferença e convivência no encontro e hibridação de uma multiplicidade de mundos de vida”. [tradução nossa⁷⁰]

E por fim, a da adolescente paulistana S. versando sobre a representação de seu “encontro” com o universo do Caraça:

“Para mim é meio mágico vir aqui, porque tem toda essa coisa assim do lugar que é maravilhoso. A água que é gelada, parece que você limpou a alma. E as pessoas têm esse clima, sabe. Os padres chamam os lobos, contam histórias, meio que têm mistérios, meio que um segredo, parece um filme. Eu não vivi isso em São Paulo. Eu não sei descrever, é uma sensação estranha. Você se diverte, vive com os amigos.”

⁷⁰ Citação no idioma original: “El diálogo de saberes es una apertura hacia otros mundos, renunciando a entenderlos dentro de los códigos de comprensión del mundo establecido. Más allá de una política de tolerancia y de respeto en la convivencia de culturas diferentes que hoy las migraciones forzadas ponen cada vez en contacto más estrecho; más allá de la hospitalidad brindada al extranjero en su paso pasajero por nuestro territorio y no sólo el respeto al otro, sino también asumir una ética de la otredad y una política de la diferencia y la convivencia en el encuentro e hibridación de una multiplicidad de mundos de vida” (LEFF, 2010).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, A.C.de. **O papel da educação ambiental na percepção dos turistas da RPPN – Santuário do Caraça/MG, sobre o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*)**. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) – Instituto Superior de Educação de Itabira, Itabira/MG, 2005.

AFONSO, J. Santuário do Caraça. **Revista Sagarana**. Belo Horizonte, 2012. Disponível em < <http://www.revistasagarana.com.br/?p=293>>. Acesso em 17/10/2012.

ALVAREZ, J.R.D. El valor espacial del fenómeno turístico em España. *In*: ALVAREZ, J.R.D.**Geografía del turismo**. Madrid: Síntesis, 1999.

ALVES-MAZZOTTI, A.J. **O Método nas ciências naturais e sociais pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2.ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

ANDRADE, M.G.de. **A educação exilada: colégio do Caraça**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

AUGÉ, M. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.

ARAÚJOSILVA, J.P.A.de. **Memórias Caracenses**. Belo Horizonte: Del Rey, 2004.

ARENDT, **A condição humana**. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOFF, L. **Cuidar da terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo**. São Paulo: Record, 2010.

BOTTON, A. de. **A arte de viajar**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BRASIL. **Sistema Nacional de Unidades de Conservação**. Brasília, Ministério do Meio Ambiente, 2000.

BRANDÃO, Carlos R. (org.) **Repensando a pesquisa participante**. 3a. ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.

BRUHNS, H.T. **O corpo joga, trabalha, dança e festeja**. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação. UNICAMP, 1992.

_____. A ideia de natureza como fronteira. *In*: SERRANO, C. & BRUHNS, H.T & LUCHIARI, M.T.P. (Orgs) **Patrimônio, natureza e cultura**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

_____. **A busca pela natureza**. São Paulo: Manole, 2009.

_____. O ecoturismo e o mito da natureza intocada. **Acta Scientiarum Human and Social Sciences**, v. 32, p. 11-21, 2010.

BRUHNS, H.T; MARINHO, A. Ritos e rituais nas viagens à natureza. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.5, n.1, jan/abr – 2012, pp.87 – 102.

CAPRA, F. **O Ponto de mutação**. 13. ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1992.

CARVALHO, I.C.M. **A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil**. Ed: Universidade/UFRGS: Porto Alegre, 2001.

_____. Os sentidos do ambiental: a contribuição da hermenêutica à pedagogia da complexidade. In: Enrique Leff. (Org.). **A complexidade ambiental**. 1 ed. São Paulo(SP), Blumenau(SC): Cortez e EDIFURB, 2003, v. , p. 99-120.

CARVALHO, I. C. M. ; GRÜN, Mauro. Hermenêutica e educação ambiental: o educador como intérprete. In: Luiz Antonio Feraro Junior. (Org.). **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es)**. 1 ed. Brasília(DF): Diretoria de Educação Ambiental/MMA, 2005, v. , p. 175-188.

CASCINO, F. **Educação Ambiental: princípios, história, formação de professores**. São Paulo: Senac, 1999.

_____. Pensando a relação entre educação ambiental e ecoturismo. In: SERRANO, C.M.T., BRUHNS, H.T. & LUCHIARI, M.T.D.P. **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas: Papyrus, 2000.

CAVALCANTE, L.V.B; VALADÃO, R.C.; SALGADO, A.A.R. Mapeamento das unidades do relevo da Serra do Caraça/MG: Uma proposta baseada na interpretação de mapas temáticos. In: **Revista de Geografia (Recife)**, Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. especial VIII SINAGEO, n. 1, Set. 2010. Disponível em <<http://www.revista.ufpe.br/revistageografia/index.php/revista/article/view/335/253>> Acesso em 10/03/2013.

CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, A. Z. **Desevendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves Ed., 1975.

COMPANHIA BRASILEIRA DE METALURGIA E MINERAÇÃO. **Jornal da CBMM**. Ano V. n. 47. Abril/Junho, 1992.

CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL Brasil, **Hotspots**. Disponível em <<http://www.conservation.org.br/como/index.php?id=8>> Acesso em: 22/09/2010.

CORIOLOANO, L.N.M.T. Bases conceituais do desenvolvimento e do ecoturismo. In: QUEIROZ, O.T. (Org) **Turismo e ambiente: temas emergentes**. Campinas: Alínea, 2006.

COSTA, P.C. **Ecoturismo**. São Paulo: Aleph, 2002. (Coleção ABC DO Turismo).

CRUZ, R. de.C.A. **Introdução a geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2003.

DIEGUES, A.C. **O mito moderno da natureza intocada**. 5 ed. São Paulo: HUCITEC/ NUPAUB, USP, 2004

FARIA, M. O. O mundo globalizado e a questão ambiental. *In*: NEIMAN, Z. (Org). **Meio Ambiente, educação e ecoturismo**. Barueri: Manole, 2002.

FELFILI, J.M.; SILVA-S, J. C.; SCARIOT, A. Biodiversidade, ecologia e conservação do Cerrado: avanços no conhecimento. *In*: FELFILI, J.M.; SILVA-S, J. C.; SCARIOT, A. (Orgs) **Cerrado, ecologia e conservação**. MMA: Brasília, 2005.

FLICK, U. **Introducción a la investigación cualitativa**. Espanha: Ediciones Morata, 2002.

GOODLAND, R. & FERRI, M. G. **Ecologia do cerrado**. São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1979.

GRUN, M. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. São Paulo: Papirus, 1996.

GUIMARÃES, S. T. L. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofília e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **GEOSUL**, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 117-141, 2002.

_____. NAS TRILHAS DAS PAISAGENS: HERANÇAS, RECURSOS, VALORES. In: COSTA, N.M.C.; NEIMAN, Z.; COSTA, V.C. **Pelas trilhas do ecoturismo**. Rima: São Carlos, 2008.

GONÇALVES, C.W.P. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. Educação, meio ambiente e globalização. Anais do V Congresso Ibero-Americano de Educação Ambiental. **Perspectivas de la educación ambiental em Iberoamérica**, 2006. PNUMA: México (pp.15-27).

GONTIJO, B.M.; LIMA, C.X. de. A base geográfica. In: OTTONI, C. **Serra do Caraça**. Belo Horizonte: V & M do Brasil, 2012.

IANNI, O A metáfora da viagem. In: _____. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2000.

IRVING, M. A. Ecoturismo em áreas naturais: da natureza ao fenômeno social. In: COSTA, N.M.C.; NEIMAN, Z.; COSTA, V.C. **Pelas trilhas do ecoturismo**. Rima: São Carlos, 2008.

JACOBI, P.R. Sociedade de risco, crise ambiental e diálogo de saberes. In: Anais do V Congresso Ibero-Americano de Educação Ambiental. **Perspectivas de la educación ambiental em Iberoamérica**, 2006. PNUMA: México (pp.461-472).

KLINK, C. A. & MACHADO, R.B. **A conservação do Cerrado brasileiro**. Megadiversidade, v.1, p.147 – 155, 2005.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.

LAVILLE, C. & DIONNE, J. **A construção do saber**. Porto Alegre, Artmed/UFMG, 1999.

LEFF, E. **Saber ambiental**. Petrópolis, Vozes, 343 p., 2001.

_____. Complejidad, racionalidad ambiental y dialogo de saberes: hacía una pedagogía ambiental. **ANAIS DO V CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE EDUCACIÓN AMBIENTAL**. Perspectivas de la educación ambiental em Iberoamérica, 2006. PNUMA: México (pp.45-59).

_____. Imaginários sociais y sustentabilidad. In: **Cultura y Representaciones Sociales**, 2010. Vol.5.N.9. Disponível em < <http://132.247.146.34/index.php/crs/article/view/19202>>. Acesso em: 10/05/2012.

LEIS, H. Espiritualidade e Globalização na perspectiva do ambientalismo. **Ambiente e Sociedade**, ano 1, n.2, 1 semestre 1998.

_____. **A modernidade insustentável**. Petrópolis/Florianópolis: Vozes/UFSC, 1999.

LEITE, A.R. **Saudades e lembranças do Caraça**. São Paulo: Empresa Gráfica Revista dos Tribunais, 1941.

LEREYER, M. V &M do Brasil. In: OTTONI, C. **Serra do Caraça**. Belo Horizonte: V & M do Brasil, 2012.

LIMA, J.da.S. **A peregrinação: percursos e palavras**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

LUCHIARI, M.T.P.D. A mercantilização das paisagens naturais. In: BRUHNS, H.T.; GUTIERREZ, G.L. (Orgs) **Enfoques contemporâneos do lúdico: III ciclo de debates**

lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados/Comissão de Pós Graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2002.

MACHADO, R.B., et.al. **Estimativas de perda da área do Cerrado brasileiro.** Conservation International do Brasil, Brasília: 2004.

MACHADO, A.C.A.R. **Ecoturismo na serra do caraça: contribuições da interpretação para a conservação ambiental.** Belo Horizonte, 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado Turismo), Universidade Federal de Minas Gerais.

MAFFESSOLI, M . **Elogio da razão sensível.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MAMEDE, S. B. & BENITES, M. Contemplação da fauna no cerrado brasileiro: uso sustentável para o ecoturismo. In: COSTA, N.M.C.; NEIMAN, Z.; COSTA, V.C. **Pelas trilhas do ecoturismo.** Rima: São Carlos, 2008.

MARIN, A. A. ; OLIVEIRA, H. T. & COMAR, M. V. **Percepção ambiental, imaginário e práticas educativas.** Textos completos do III Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental, Ribeirão Preto, versão em CD-Room, 2005.

MASI, D. de. **A sociedade pós industrial.** 3.ed. São Paulo: Senac, 2000.

MENDONÇA, R. A experiência na natureza segundo Joseph Cornell. *In:* SERRANO, C. **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental.** São Paulo: Chronos, 2000.

MENDONÇA, R.; NEIMAN, Z. **A sombra das árvores.** Chronos, São Paulo, 2003.

MINAYO, M.C.de. S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 24.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MMA (Ministério do Meio Ambiente). **Ações prioritárias para a conservação da biodiversidade do Cerrado e do Pantanal.** Brasília: MMA, 2007.

MOTA, R.C.da. **Flora I – Serra do Caraça: Texto básico sobre sua flora.** *In:* OTTONI, C. **Serra do Caraça.** Belo Horizonte: V & M do Brasil, 2012.

NEIMAN, Z & RABINOVICI, A. O cerrado como instrumento para educação ambiental em atividades de ecoturismo. *In:* NEIMAN, Z. (Org.). **Meio ambiente, educação e ecoturismo.** Barueri: Manole, 2002.

PEREIRA, D.C. & CARRIERI, A.P. Espaço religioso e espaço turístico: significações culturais e ambigüidades no Santuário do Caraça/MG. **O&S.** Salvador, v.12, n.34, p.31-50, 2005.

OTTONI, C. **Serra do Caraça.** Belo Horizonte: V & M do Brasil, 2012.

PALÚ, P.L. Santuário do Caraça. *In:* OTTONI, C. **Serra do Caraça.** Belo Horizonte: V & M do Brasil, 2012 a.

_____. Orquídeas. *In:* OTTONI, C. **Serra do Caraça.** Belo Horizonte: V & M do Brasil, 2012 b.

PIRES, P.S. **A dimensão conceitual do ecoturismo.** Turismo - Visão e Ação - v.1 - n.1, p.75-91, 1998.

PLASTINO, M.R. et. al.. Ecoturismo, cultura e comunidades: reflexões sobre o entorno da RPPN Santuário do Caraça (MG). **Revista Brasileira de Ecoturismo,** São Paulo, v.3, n.3, 2010, pp.382-407.

PROVÍNCIA BRASILEIRA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO. **Plano de Ação para o Caraça.** 2007 (Documento interno).

REIGOTA, M. **Meio Ambiente e representação social.** São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **O que é educação ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 2009.

RODRIGUES, M.T. A biodiversidade do cerrado: conhecimento atual e perspectivas, com uma hipótese sobre o papel das matas galerias na troca faunística durante ciclos climáticos. *In:* FELFILI, J.M.; et al. (Orgs) **Cerrado, ecologia e conservação.** MMA: Brasília, 2005.

RUSCHAMNN, D.V.M. Planejamento e ocupação do território através da ocupação turística: condicionantes básicos a partir da questão ambiental. *In:* BALESTRERI, A. (Org) **Turismo e ambiente: reflexões e propostas.** São Paulo: Hucitec, 1997.

SÁ, L.M. Pertencimento. *In:* FERRARO JÚNIOR, L.A. (Org). **Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores.** Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

SANSOLO, D.G. Os espaços do patrimônio natural: o olhar do turismo. *In:* CERRANO, C. & BRUHNS, H.T & LUCHIARI, M.T.P. (Orgs) **Patrimônio, natureza e cultura.** Campinas, SP: Papyrus, 2007.

SANTOS, B. de. S. **A crítica da razão indolente.** 4.e.d. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: Fundamentos teóricos e metodológicos da geografia.** São Paulo: Hucitec, 1988.

SCHAMA, S. **Paisagem e memória.** São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

SCHELLE, K.G. **A arte de passear.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SEGALEN, M. **Ritos e rituais contemporâneos.** Rio de Janeiro. FGV: 2002.

SELLTIZ, C. **Métodos de pesquisa nas relações sociais.** São Paulo: E.P.U.: USP, 1975.

SILVA, J.A. **Área central de atividades e ecologia alimentar do lobo guará *Chrysocyon brachyurus*, submetido à alimentação humana na RPPN Santuário do Caraça, MG.** 2002. Dissertação (Mestrado em Zoologia de Vertebrados) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

STRAUSS, A. CORBIN, J. **Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada.** 2. Edição. Artmed: Porto Alegre, 2008.

STEIL, C.A. TONIOL, R. **Ecologia, corpo e espiritualidade: uma etnografia das experiências de caminhada ecológica em um grupo de ecoturistas.** *Cad. CRH* [online]. 2011, vol.24, n.61, pp. 29-49. ISSN 0103-4979.

TUAN, Yi-Fu . **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.

UNGER, N.M. **Da foz a nascente: o recado do rio.** Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

URRY, J. **O olhar do turista.** São Paulo: Studio Nobel, 1999.

VIOLA, E. & FRANCHINI, M. Sistema internacional de hegemonia conservadora: o fracasso da Rio 20 na governança dos limites planetários. *In: Revista Ambiente & Sociedade.* São Paulo v. XV, n. 3, 2012 (pp. 1 -18).

WESTERN, D. Como definir o ecoturismo. *In: LINDBERG, K & HAWKINS, D. E.* (Orgs) **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão.** São Paulo: Senac, 2005 (5º edição).

WIEDMANN, S.M.P. As reservas particulares do patrimônio natural. In: BALESTRERI, A. (Org) **Turismo e ambiente: reflexões e propostas**. São Paulo: Hucitec, 1997.

WWF- BRASIL. **Expansão Agrícola e a perda da biodiversidade no Cerrado: origens históricas e o papel do comércio internacional**. Brasília, 2000.

ZAOUAL. Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições?. **Caderno Virtual do Turismo**, vol.8, n.2, 2008, pp. 1-14. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

ZICO, J. T. **Caraça: Peregrinação, Cultura, Turismo**. Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. 4. Ed, 1982.

YUNNUS, M. **O banqueiro dos pobres**. São Paulo: Ática, 2008.

SITES CONSULTADOS

Santuário do Caraça.<www.santuariodocaraca.com.br>. Acesso em abril de 2011/Março de 2013.

Sistema Integrado de Informação Ambiental/ Governo do Estado de MG. <<http://www.siam.mg.gov.br/siam/login.jsp>>. Acesso em fevereiro, 2013.

ANEXOS

ANEXO 1: Perfil detalhado dos visitantes hóspedes entrevistados

Abaixo estão detalhadas as características básicas do grupo de 27 hóspedes entrevistados no Santuário do Caraça ao longo da presente pesquisa.

- **Quantidade de hóspedes entrevistados durante as pesquisas de campo:** 11 no primeiro campo (ano de 2011); 15 no segundo campo (ano de 2012) e 1 no terceiro campo (ano de 2013).

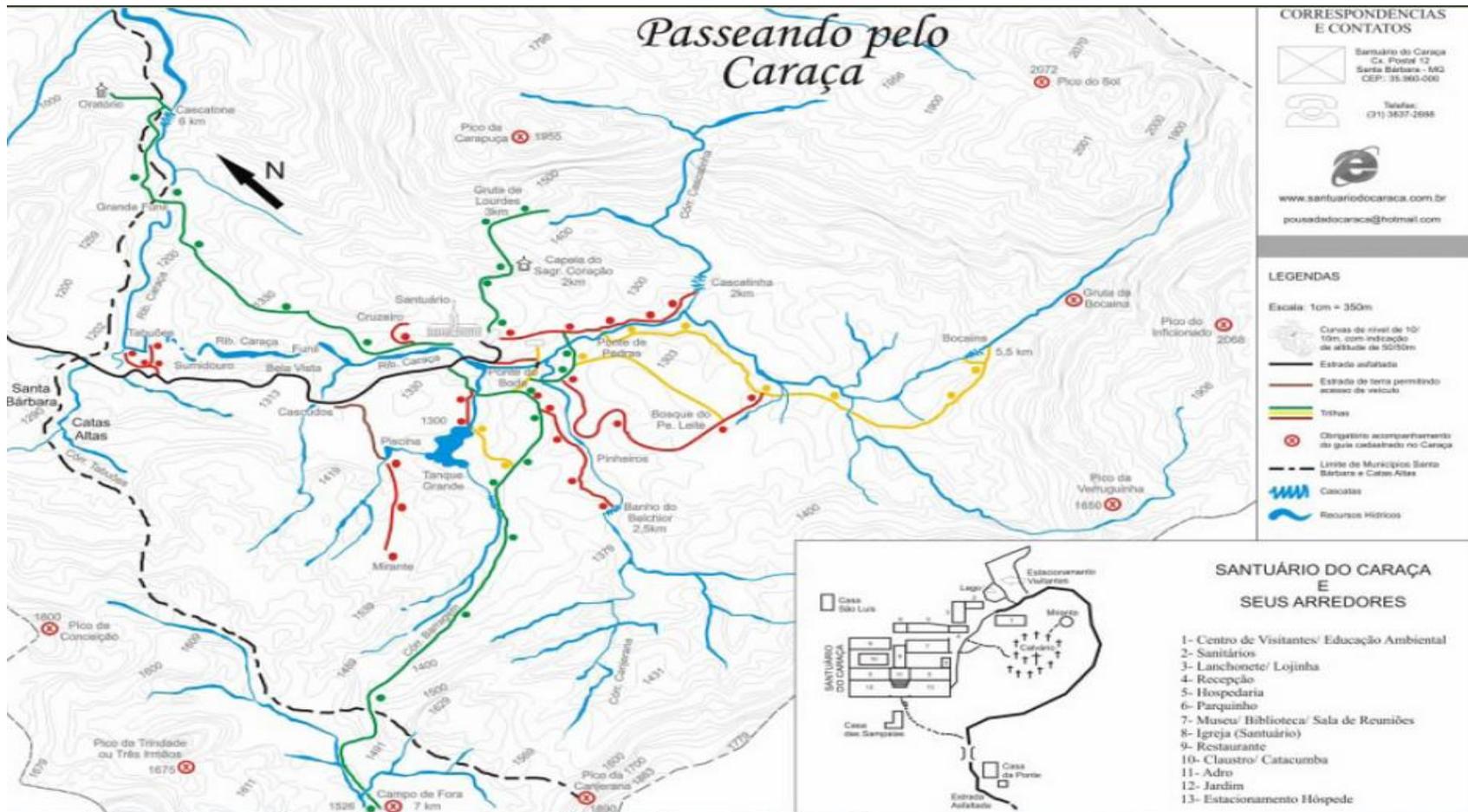
- **Entre as profissões dos entrevistados figuraram:** 1 engenheira; 1 artista plástica; 2 biólogos; 1 economista; 1 administradora; 1 biomédica; 1 médico; 1 professora do ensino de biologia; 1 professora de artes plásticas; 1 professor de inglês; 1 professora; 1 historiador; 1 músico; 1 professora do ensino superior da área de informática; 1 professor do ensino superior da área de arquitetura; 2 estudantes do ensino fundamental; 3 estudantes do ensino médio; 1 fotógrafo; 1 bacharel em direito; 1 empresária do ramo da gastronomia; 1 funcionário público municipal; 1 corretor de seguros; 1 veterinário.

- **Os estados de procedência dos hóspedes:** 16 de São Paulo; 7 de Minas Gerais; 4 do Rio de Janeiro.

- **Faixa etária dos hóspedes:**

- Até 10 anos: 2 hóspedes;
- De 10 a 20 anos: 3 hóspedes;
- De 20 a 30 anos: 3 hóspedes;
- De 30 a 60 anos: 18 hóspedes
- Acima de 60 anos: 1 hóspede.

ANEXO 2: Croqui entregue aos visitantes sobre os atrativos do Caraça



FONTE: CARAÇA, 2012

ANEXO 3: Preço das opções de meios de hospedagem

→ Andar superior: Ala do santuário/claustro/sobradinho Afonso Pena/Carapuça

Para 2 pessoas: 225 Reais Baixa temporada / 247 Reais Alta temporada

→ Andar Térreo: Ala do Irmão Lourenço

Para 2 pessoas: 198 Reais Baixa temporada / 218 Reais Alta temporada

→ Quarto com banheiro externo: Ala dos Irmãos (abaixo das catacumbas)

Para 2 pessoas: 157 Reais Baixa temporada / 143 Reais Alta temporada

(Capacidade: 120 pessoas)

→ Casa das Sampaiais (Por enquanto tá interditada para reforma)

75 Reais por pessoa – Capacidade para 50 pessoas (50 camas de solteiro e 7 banheiros) *para se hospedar aqui tem que ter no mínimo 40 pessoas – geralmente são grupos*).

→ Casa da ponte: 75 Reais por pessoa.

- 1) Capacidade para 12 pessoas
- 2) Capacidade para 3 pessoas

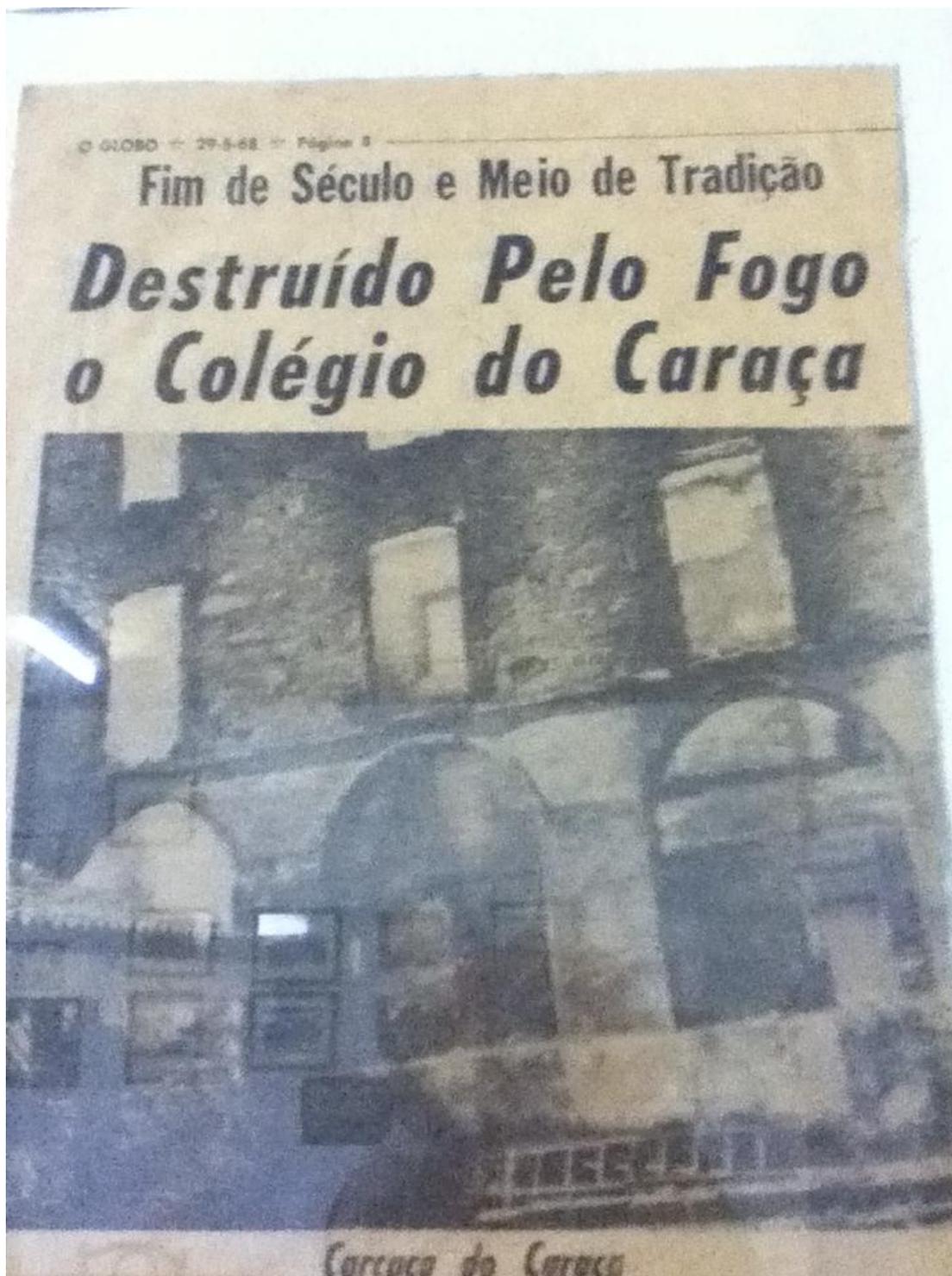
→ Casa São Luís: 88 Reais por pessoa

Capacidade para 10 pessoas – 88 Reais por pessoa

(Capacidade total: 180 pessoas)

FONTE: ISABELA FREDERICO, 2013, campo. Quadro elaborado a partir das informações da recepção do Caraça, vigentes no mês de abril de 2013.

ANEXO 4: Notícia do incêndio de 1968 vinculada a um jornal do mesmo ano



FONTE: Acervo do Memorial do Caraça, foto tirada por Isabela Frederico, 2013.

ANEXO 5: Notícia do incêndio de 1968 vinculada a um jornal do mesmo ano



FONTE: Acervo do Memorial do Caraça, foto tirada por Isabela Frederico, 2013.